




SÉRIE  
Conhecendo o Espiritismo  
POR EVELYN FREIRE DE CARVALHO

DES MISTIFICANDO A  
MEDIUNIDADE

 Letra Espírita

Copyright © 2020 – Evelyn Freire de Carvalho

1ª edição eletrônica: julho de 2020

**Capa:** Yana Borghi

**Projeto eletrônico:** MarcoMelo.com.br

**Ilustração:** Jackelline Furuuti

**Revisão:** Tizziana Borghi

**Análise Doutrinária:** Valter Viana

**Projeto Editorial:** Instituto Editorial D'Esperance

ISBN 978-65-991364-2-9

**Desmistificando a Mediunidade – Série “Conhecendo O Espiritismo” | Evelyn Freire de Carvalho**

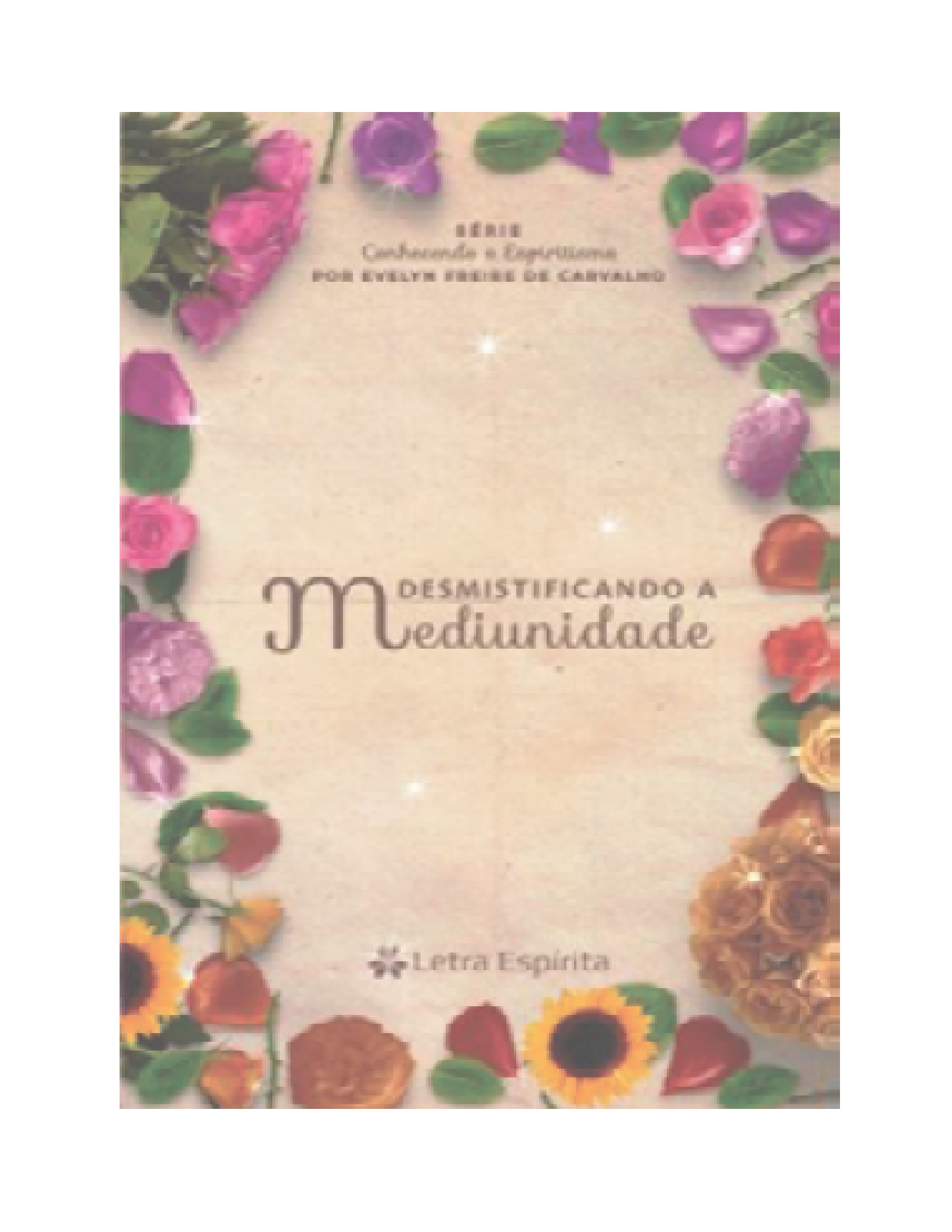
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização do Letra Espírita.

**Contato e pedidos:**

**vendas@letraespirita.com.br**


**(22) 2738-0184**





SÉRIE  
Conhecendo o Espiritismo  
POR EVELYN FREIRE DE CARVALHO

DESMISTIFICANDO A  
*M*ediunidade

 Letra Espírita

# Agradecimentos



A Deus e aos meus familiares, por serem o pilar da minha existência, e à equipe “Conhecendo o Espiritismo” pela dedicação e apoio constantes.

# Prefácio



Há flores que são rejeitadas, temidas e até desdenhadas, por não apresentarem o mesmo encantamento das lindas rosas, mas que nem por isso são menos importantes. Todas são criações divinas e têm a sua destinação na Terra.

Nem sempre o homem consegue, de imediato, compreender a beleza de uma flor, mas quando nela se debruça, estudando-a com carinho e dedicação, percebe sua beleza sutil e delicada, só observada pelos mais cuidadosos.

A mediunidade é esta flor muitas vezes esquecida e mal interpretada, deixada de lado como se nenhuma graciosidade pudesse acrescentar ao belo jardim.

Se bem compreendida e estudada, a flor da mediunidade traz o toque suave ao campo florido, mostrando que a delicadeza de certas flores dá mais harmonia e singeleza ao conjunto.

Esta nova obra traz o sutil de uma flor que, mesmo não sendo a mais linda, é indispensável à natureza divina.

Que a flor da mediunidade possa desabrochar em seu coração, trazendo um toque delicado e colorido a sua vida.

Não discrimine nem rechace antes de conhecer e estudar. A beleza nem sempre é óbvia!

Que a diversidade do jardim seja também admirada e respeitada por todos.

São os votos singelos e esperançosos da Equipe Espiritual do Conhecendo o Espiritismo.

# Introdução



Olá queridos amigos, sejam bem-vindos ao “Conhecendo o Espiritismo!”.

A série “Conhecendo o Espiritismo” continua e neste quarto livro a temática abordada é mediunidade e suas principais peculiaridades. Por meio das já conhecidas perguntas e respostas procura trazer os necessários esclarecimentos, de modo o mais objetivo e didático possível.

Na obra tratamos também acerca de outros temas, como emancipação da alma, influência espiritual, reuniões mediúnicas e obsessão. Desejamos contribuir para que o leitor desperte, cada vez mais, para a necessidade de um estudo sério, metódico e aprofundado do Espiritismo, como sempre nos orientou Allan Kardec.

Uma linda e produtiva leitura a todos!

## Capítulo 1

# Emancipação da alma



### 1. O que é emancipação da alma?

É o processo pelo qual a alma de um encarnado desprende-se parcialmente do corpo físico, ficando mais livre. Pode ser chamada também de desdobramento espiritual. O Espírito encarnado, ainda que relativamente limitado pela ligação com a matéria física, não perde suas capacidades espirituais, que afloram com mais intensidade durante a emancipação da alma. Nesse estado, o Espírito se desloca do corpo físico, tornando os laços que o unem à matéria mais tênues e flexíveis, permitindo ao corpo perispiritual agir com mais liberdade, sendo um acontecimento natural e comum para todos os seres humanos.

Os Espíritos da codificação informam que quando encarnados sentem-se como prisioneiros, aspirando incessantemente à libertação e, quanto mais

grosseiro é o seu envoltório físico, mais anelam dele se alforriar<sup>1</sup>, representando a emancipação da alma um período de alívio e de ventura para o Espírito. Entretanto, mesmo anelando pela liberdade, como temos a Lei de Deus gravada em nossa consciência, sabemos não estarmos aqui encarnados ao acaso, sentimos ter assumido um compromisso que precisa ser cumprido, de modo que o abandono definitivo do corpo antes da hora, como nos casos de suicídios, trará sofrimento e dor.

Segundo nos orienta a Doutrina Espírita, o intercâmbio entre o plano físico e o plano espiritual estabelece-se por dois meios: o mediúnico e pelo estado de emancipação da alma. Esse desprendimento pode ser mais ou menos duradouro, estando o Espírito encarnado consciente das ocorrências desenvolvidas tanto no plano físico quanto no plano espiritual. Quando emancipado, o Espírito vê e participa de acontecimentos em ambos os planos, razão pela qual consegue relacionar-se com os Espíritos encarnados e desencarnados.

Durante o período de emancipação, o Espírito tem suas faculdades ampliadas, gozando de maior percepção espiritual que no estado de vigília, encontrando-se temporariamente no estado em que fica após a morte, usufruindo da vida de Espírito desencarnado. Todavia, quanto mais inferiorizado, mais dificuldade terá o homem para se emancipar espiritualmente. Dentre os fenômenos de emancipação da alma, podemos citar o sonho, a telepatia, o sonambulismo, a catalepsia e letargia, o êxtase, a dupla vista, a bicorporeidade e a transfiguração, os quais serão estudados detalhadamente nas questões subsequentes.

2. Projeção astral é a mesma coisa que emancipação da alma ou desdobramento?

Projeção astral é uma das formas de emancipação da alma, ocorrendo durante o sono físico. A Doutrina Espírita não utiliza o termo projeção astral, mas emancipação ou desdobramento da alma pelo sono. Enquanto nosso corpo físico dorme, o nosso Espírito não precisa ficar inativo e preso à matéria, ao contrário, desdobra-se e se projeta para vivenciar outras experiências não realizáveis quando em vigília, podendo essas ser positivas ou negativas, conforme nossa sintonia mental.

O sono é um estado em que nossas atividades físicas, motoras e sensoriais ficam paralisadas, concedendo ao corpo somático tempo para se restaurar, oportunizando ao Espírito, ainda, enormes possibilidades de enriquecimento espiritual por meio das inúmeras vivências ocorridas enquanto dormimos. O desdobramento pelo sono é um processo natural e quase inevitável, pois todos nós saímos parcialmente do corpo durante o sono do corpo físico, mesmo que disso não tenhamos lembrança alguma.

Enquanto o Espírito está emancipado, permanece seu perispírito unido ao corpo físico pelo chamado cordão de prata, fio de prata ou cordão fluídico, garantindo esse as necessárias ligações vitais e corporais com o corpo físico, sendo um apêndice energético. Quanto mais a alma afasta-se das proximidades do corpo, em função dos lugares para onde se desloca em projeção astral, o cordão vai ficando mais fino e sutil, contudo não se rompe e sempre traz o perispírito de volta ao corpo físico. Assim, a não ser que tenha chegado o momento do desencarne, não é possível morrer durante o desdobramento pelo sono, isto é, não se pode romper o cordão prateado, pois a qualquer sinal de perigo, no plano físico ou no extrafísico, o perispírito retorna imediatamente ao envoltório material, na velocidade do pensamento. Esse receio é, portanto, infundado.

O Espírito, durante a projeção astral e dependendo da sua sintonia mental, pode realizar inúmeras atividades: visitar colônias espirituais, rever amigos e familiares desencarnados ou, ainda, ser atraído para regiões conhecidas como umbralinas, de sofrimento e dor. Exatamente por isso é importante o preparo

ao dormir, com uma leitura leve e edificante, uma alimentação saudável, o cultivo de bons pensamentos e a prática de boas atitudes e da oração, pois a falta desses cuidados salutareos pode fazer com que a alma emancipada seja arrastada por Espíritos inferiores e viva experiência negativas, os chamados pesadelos.

### 3. Qual a importância da emancipação da alma para o Espírito?

Já sabendo agora o que é emancipação da alma, vamos compreender sua importância para a manutenção da nossa saúde física e espiritual. Conforme nos ensina a Doutrina Espírita, o processo de emancipação é um dos processos psíquicos que permite ao homem entrar em contato com o plano espiritual e, por meio disso, recarregar as energias fluídicas necessárias aos embates da vida material.

O Espírito, quando emancipado pelo sono, tem condições de absorver uma energia vital existente no plano espiritual para, por exemplo, evitar doenças. Quando a criatura não emancipa e não haure energias magnéticas vitais, apresenta maior propensão a diversas doenças. Além disso, é por meio do desdobramento que o Espírito acessa mais diretamente seus mentores espirituais, podendo deles receber auxílio e orientação para a solução dos problemas vividos no plano material.

Por intermédio da emancipação e do apoio constante dos amigos e benfeitores espirituais, é possível a dissolução de grandes sombras negras que envolvem o homem terreno, como as decorrentes, por exemplo, de algum processo obsessivo. A espiritualidade amiga aproveita o período de desdobramento e realiza em nós limpezas energéticas, retirando toda a carga negativa acumulada durante o dia, trazendo novas forças e novo ânimo aos encarnados, auxiliando-os na condução de suas vidas na matéria.

Portanto, essa limpeza astral é fundamental para a manutenção do nosso equilíbrio e da nossa saúde espiritual e física, lembrando que a constante absorção pelo perispírito de miasmas mentais inferiores, quando não dissipados, são repassados ao corpo físico, adoecendo-o. Em “1/3 da Vida”, o capítulo intitulado “Arcanjo Miguel na psicofera do planeta”, informa-nos a Espiritualidade ter o homem, nos últimos trinta anos, apresentado maior dificuldade para se emancipar, decorrendo tal fato do modo de vida da humanidade atual, essencialmente preocupada com a satisfação de seus interesses materiais e com a solução de seus problemas, em completa ausência de preparação para o sono, para a imortalidade da alma e para a vida espiritual.<sup>2</sup>

O ser humano não procura compreender o fenômeno da emancipação da alma, não lhe dá a devida importância, segue acreditando ser o sono um fenômeno estritamente físico, sem maior repercussão na vida do ser. Por conta disso, muitos indivíduos não têm conseguido emancipar-se e serem beneficiados com as limpezas energéticas realizadas na espiritualidade, muito menos renovar-se com a sua energia vital, apresentando mais doenças e desequilíbrios. Assim, o homem precisa preparar-se para dormir, facilitando o processo de emancipação da alma.

Lembremos que a espiritualidade está sempre a postos para ajudar, planejando tudo para que o auxílio seja o melhor. Normalmente planejam o horário em que estaremos desdobrando, a hora de atendimento nos hospitais da espiritualidade, a equipe espiritual responsável pelo trabalho conosco, catalogando todo o processo em fichas e arquivos da erraticidade, permitindo saberem quando precisaremos de novo atendimento, de uma manutenção para a continuidade do nosso equilíbrio e da nossa saúde espiritual, física e mental.

Façamos então, antes de dormir, leituras edificantes, meditação, preces, evitando sempre programas violentos e tudo que possa excitar negativamente nossa mente e sentidos, deixando na mente imagens fixas e perturbadoras.

Busquemos também manter uma alimentação leve e saudável, pois estando o nosso organismo funcionando adequadamente, sem excessos alimentares, nosso perispírito terá muito mais facilidade para se emancipar, não sendo constantemente atraído ao corpo físico por conta de mal-estares orgânicos ou de um dificultoso processo digestivo.

Outra boa sugestão é fazermos uma “agenda noturna”, onde ali colocaríamos tudo o que desejamos realizar no período de emancipação, como trabalhar, estudar, participar de cursos, palestras, encontrar amigos, familiares etc. Inclusive, quando de nossas preces, podemos autorizar nosso amigo espiritual a nos conduzir para o exercício das atividades escolhidas, podendo mesmo autorizá-lo a consultar a agenda e a nos levar quando nos esquecermos de pedir.

A espiritualidade, também, precisa de voluntários para auxílios socorristas. Portanto, se temos o desejo de ajudar, coloquemos isso em nossa “agenda”, podendo mesmo mencionar a disponibilidade para atuar como voluntário em hospitais da espiritualidade, com crianças ou até ensinar algo que tenhamos habilidade. Podemos solicitar, ainda, para melhorarmos nossa consciência durante o sono, recordando do aprendizado obtido durante a emancipação. Enfim, o mais importante é ouvirmos o nosso coração e estarmos disponíveis.

#### 4. É possível utilizar o conhecimento de vidas passadas em trabalhos no desdobramento pelo sono?

Sim, isso é plenamente possível, pois durante a emancipação da alma e a libertação parcial do Espírito, fica ele mais lúcido e capaz de vivenciar a vida na erraticidade, conectando-se mais facilmente a informações e conhecimentos de vidas passadas. Quando emancipado pelo sono, o homem tem condições de recordar suas existências anteriores e de acessar o conhecimento nelas

adquirido, utilizando-o em atividades e trabalhos na erraticidade.

Conforme o entendimento da criatura e o modo pelo qual ela se conduz na vida material – principalmente no aspecto moral e na procura por adquirir conquistas e valores espirituais –, seguramente irá trabalhar sem maiores dificuldades durante a emancipação pelo sono, sendo-lhe possibilitada a utilização de todo o arcabouço do conhecimento do seu Espírito imortal, incorporado no decorrer de inúmeras encarnações. Além disso, além de utilizar o conhecimento adquirido, ainda poderá aproveitar este tempo para aprender novos ensinamentos, agregando e crescendo cada vez mais.

O ser humano precisa ter em mente que emancipação da alma não deve ser sinônimo de inativação, longe disso, devendo corresponder a aprendizado, crescimento e aprimoramento espiritual, dependendo tão somente da nossa real disposição para isso, já que temos o livre-arbítrio para escolher nossas ações e companhias em desdobramento. O fato de não lembrarmos, quando em vigília, das aptidões adquiridas em vidas passadas não deve ser motivo de preocupação, porquanto na vida material utilizaremos o conhecimento desta vida, sendo esse o necessário para o nosso progresso, embora a sabedoria e o estudo de existências pretéritas façam-se presentes, quando necessário, na forma de intuição.

Ponto importante a destacar é a sintonia mental do Espírito, não bastando ter ele adquirido conhecimento em vidas passadas para automaticamente acessá-las durante a emancipação pelo sono, devendo estar em sintonia com o bem e com as leis de Deus, porque o apego à matéria dificulta sobremaneira a recordação, fazendo-o buscar e realizar ações pouco ou nada construtivas, perdendo então excelente oportunidade de crescimento e de evolução. O trabalho de reforma íntima, portanto, é fundamental para a nossa melhora em estado de vigília e, conseqüentemente, de desdobramento, auxiliando-nos na recordação dos conhecimentos adquiridos no passado e na sua utilização em trabalhos na espiritualidade.

## 5. O que é sonambulismo, êxtase e dupla vista?

Os três são fenômenos de emancipação da alma, assim como os sonhos, a telepatia, catalepsia e a letargia, embora apresentando diferenças bem específicas.

O **sonambulismo** é um estado de independência do Espírito mais intenso que nos sonhos (os quais são considerados sonambulismos imperfeitos). Neste tipo de emancipação, o Espírito desdobrado, preocupado com algo, realiza uma ação qualquer para a qual acredita necessitar do corpo – o que justifica os sonâmbulos andarem e/ou falarem pela casa.

O sonambulismo pode ser natural, produzindo-se espontaneamente e sem qualquer causa exterior, ou provocado, quando então será designado de magnético. Durante o processo de sonambulismo, estando a alma mais livre, entra facilmente em contato com o plano espiritual, acessando outros encarnados – em estado de desdobramento pelo sono – ou desencarnados, vivendo parcialmente a vida de Espírito.

Um dos fenômenos muito comuns durante o sonambulismo é a clarividência – capacidade de ver com os olhos da alma – vendo em todos os lugares onde possa se transportar, independentemente da distância que se encontra do corpo físico. Essa clarividência sonambúlica não é universal, nem infalível, não se podendo acreditar em tudo o que é dito nesse estado de emancipação.

Durante a lucidez sonambúlica a alma acessa informações e conhecimentos adquiridos em vidas passadas, podendo mesmo revelar conhecimentos acima do grau da instrução que possuem e mesmo superiores às suas aparentes capacidades intelectuais. Desta feita, verifica-se que da incapacidade intelectual e científica do sonâmbulo, quando em vigília, nada se pode deduzir sobre os conhecimentos eventualmente demonstrados durante o sonambulismo. Contudo, o poder de lucidez do sonâmbulo não é ilimitado,

sofrendo variações nas faculdades apresentadas segundo o grau de perfeição alcançado.

Caso interessante foi trazido por Gabriel Delanne. Diz que um farmacêutico, durante o sono, levantava-se todas as noites e preparava receitas. Um médico, querendo verificar se havia algum discernimento no sonâmbulo ou apenas movimentos automáticos, deixou no balcão receita errada, de forma proposital. O farmacêutico, em estado de sonambulismo, não apenas deixou de preparar a receita, como ainda escreveu bilhete informando do equívoco, o que comprova estar ele pensando e raciocinando durante o processo.<sup>3</sup>

Pode a pessoa, enquanto neste estado, revelar fatos oriundos do seu próprio conhecimento – os chamados anímicos, da própria alma – ou de conhecimento de outro Espírito, quando então se tem o sonambulismo mediúnicos. Nesta situação, o sonâmbulo passa informações transmitidas por um Espírito desencarnado.

O **êxtase** é considerado um estado de sonambulismo mais apurado, ficando a alma do extático ainda mais independente. Aqui o aniquilamento do corpo é quase completo. No sonho e no sonambulismo, o Espírito permanece “passeando” pelos mundos terrestres, já no êxtase consegue acessar um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, entrando com eles em comunicação. Ao entrar em contato com harmonias e paisagens desconhecidas na Terra, sente um fulgor inebriante, um bem-estar indescritível, gozando antecipadamente da alegria celeste. Durante o êxtase, mesmo tendo a alma mais independência, há certos limites, impedindo o rompimento dos laços que ligam o Espírito ao corpo material, sem os quais viria a desencarnar.

Por ter a oportunidade de acessar regiões felizes, o extático apresenta um sentimento mais apurado, passando a ver a vida apenas como algo momentâneo. Em decorrência da exaltação que experimenta, sua lucidez pode ficar relativamente comprometida, razão pela qual suas revelações

apresentam, não raro, uma mistura de verdades e de mentiras, sendo preciso examinar tudo com frieza e muito bom senso.

Inclusive, segundo nos orientam os Espíritos Superiores, não se deve deixar o extático entregue a si mesmo, pois pode não querer retornar ao corpo físico, querendo permanecer nas regiões resplandecentes. Faz-se necessário, desta feita, apelar para tudo aquilo que o prende ao mundo material, como amores e família, tentando fazê-lo compreender que o abandono do corpo físico significa suicídio, impedindo-o exatamente de permanecer naquelas regiões de felicidade.

Um caso de êxtase consta da Revista Espírita de 1869, num texto intitulado Visão de Pergolèse. Conta a história de Giovanni Battista Pergolèsi (1710 – 1736), músico italiano que, numa sexta-feira santa, ao entrar na igreja, sentiu-se em êxtase, viu os traços de uma virgem luminosa que pousava os dedos sobre os teclados de um órgão, dando início a um lindo concerto. Enquanto Pergolèse ouvia o magnífico concerto, suas mãos se agitavam no espaço, traçando as notas musicais dos sons que ouvia. Ao despertar, viu escrito no mármore do templo a música que ficaria conhecida como Stabat Mater, bem utilizada nas igrejas do cristianismo.<sup>4</sup>

A **dupla vista** ou segunda vista, assim como os fenômenos anteriores, é resultado da libertação do Espírito, mas aqui o corpo não está adormecido e sim em vigília. Na dupla vista, a pessoa vê, ouve e sente além dos limites dos sentidos do corpo físico, captando tudo o que pode ser percebido pela sua alma, até onde essa se estender. O portador de dupla vista enxerga como por uma espécie de miragem, ficando num estado físico relativamente modificado, com um olhar meio vago. A visão permanece, ainda que os olhos estejam fechados.

Tal fenômeno é muito comum com os médiuns, pois durante o processo de comunicação mediúnica conseguem emancipar e acessar outros lugares, pessoas e informações, num desdobramento completamente lúcido. Normalmente após o período de visão temporária, segue-se um

esquecimento, ficando a recordação mais vaga até desaparecer por completo. O poder da vista dupla varia de indivíduo para indivíduo, podendo ser uma sensação confusa ou mesmo uma percepção clara e nítida dos fatos.

Quando a dupla vista é rudimentar, tem a pessoa uma perspicácia das coisas, se ela apresenta-se um pouco mais desenvolvida, têm-se os pressentimentos e, em caso de pleno desenvolvimento, vê o indivíduo os acontecimentos passados ou futuros. Os tempos de crise e de calamidades, as grandes emoções, podem provocar o desenvolvimento da dupla vista, como se na presença do perigo a Providência Divina desse a humanidade um meio de evitá-lo. Conforme nos ensina a espiritualidade, a dupla vista é suscetível de desenvolver-se pelo exercício, pois “o trabalho sempre conduz ao progresso, e o véu que encobre as coisas se torna transparente”.<sup>5</sup>

Como exemplo dessa faculdade podemos citar Emmanuel Swedenborg, considerado um dos precursores do Espiritismo, tendo ele pela dupla vista assistido e descrito, com precisão de detalhes, um incêndio que acontecia em sua cidade, Estocolmo, a distância de trezentas milhas, o qual foi posteriormente confirmado.<sup>6</sup>

## 6. O que é telepatia, catalepsia e letargia?

São também formas de emancipação da alma. A **telepatia** é uma transmissão do pensamento entre as pessoas, uma faculdade anímica – da própria alma do indivíduo – que ocorre independentemente de estar ela dormindo ou acordada. O Espírito comunica-se telepaticamente porque não se acha preso no corpo como numa caixa, sendo capaz de se irradiar para todos os lados, alcançando o seu pensamento, deste modo, outros Espíritos. A telepatia é a linguagem de comunicação dos Espíritos.

À medida que o ser humano evolui, tal capacidade também vai se

apurando e se desenvolvendo, até chegar ao seu ápice, quando então será um dom utilizado por todos, na sua plenitude. Para o pensamento não existe barreiras, podendo a comunicação de Espírito para Espírito dar-se naturalmente, entre encarnados ou desencarnados, estejam eles onde estiverem. O Espírito Miramez ensina:

Procuremos aperfeiçoar as nossas comunicações em todos os sentidos. Os grandes emissários de Jesus se comunicam e entendem todos os reinos da natureza, e algumas provas disso já foram dadas com os grandes vultos da história humana. Tudo fala, tudo se comunica, tudo responde. Mas, somente Deus é o centro de todos os movimentos universais. Ele é a Vida Maior.<sup>2</sup>

Isso acontece com certa naturalidade entre Espíritos simpáticos, que conseguem manter um nível de pensamentos recíprocos sem precisarem verbalizar ou dormir, falando desde já a linguagem dos Espíritos. A analogia de pensamentos e sentimentos favorece a comunicação, essa troca de ideias, não havendo necessidade de estarem juntas. Os pensamentos afins encontram-se numa cadeia, ligados por correntes mentais, onde quer que estejamos, no plano físico ou espiritual, cabendo-nos, deste modo, trabalhar na depuração de pensamentos e de emoções, favorecendo a conexão com o bem, o amor e a verdade.

A catalepsia e a letargia têm o mesmo princípio – a perda temporária da sensibilidade e do movimento – podendo decorrer de uma causa fisiológica não explicada. A **letargia** consiste na suspensão das energias vitais de forma generalizada, dando ao corpo uma completa aparência de morte, ficando os membros moles e flácidos, sem qualquer rigidez, e a respiração e o pulso quase imperceptíveis, inclusive sem reação das pupilas à luz. Na **catalepsia**, por sua vez, ocorre uma suspensão de energias localizadas, podendo dar-se numa parte mais ou menos extensa do corpo físico, conseguindo deixar livre a inteligência para se manifestar, não sendo, por isso, possível confundi-la com a

morte. Quando a letargia não impede a atividade psíquica do indivíduo, percebendo e compreendendo as coisas ao seu redor, ocorre a chamada letargia lúcida.

Importante ressaltar que no estado letárgico, o Espírito encontra-se separado do corpo, mas não completamente, pois assim dar-se-ia a morte real. O corpo continua vivo, embora com sua vitalidade comprometida, razão pela qual o Espírito a ele se mantém ligado, podendo mesmo retornar ao seu estado normal. Inclusive, o magnetismo é um dos meios de ação para isso, restituindo ao corpo o fluido vital necessário para o adequado funcionamento dos órgãos.<sup>8</sup> Ensina Allan Kardec:

[...] certos estados patológicos, quando o Espírito há deixado o corpo e o perispírito só por alguns pontos se lhe acha aderido, apresenta ele, o corpo, todas as aparências da morte e enuncia-se uma verdade absoluta, dizendo que a vida aí está por um fio. Semelhante estado pode durar mais ou menos tempo; podem mesmo algumas partes do corpo entrar em decomposição, sem que, no entanto, a vida se ache definitivamente extinta. Enquanto não se haja rompido o último fio, pode o Espírito, quer por uma ação enérgica, da sua própria vontade, quer por um influxo fluídico estranho, igualmente forte, ser chamado a volver ao corpo.<sup>9</sup>

O Espírito Dr. Bezerra de Menezes afirma que tanto a catalepsia como a letargia não são enfermidades físicas, mas faculdades medianímicas insipientes, aos quais podem tornar-se prejudiciais quando incompreendidas ou não cuidadas por aquele que as possui.<sup>10</sup> Se eles degenerarem para um grau patológico, a catalepsia pode resultar em várias doenças, como: histeria, epilepsia e em algumas formas de esquizofrenia, sempre de maneira intermitente.

Os letárgicos e os catalépticos ouvem e veem não pelos ouvidos e olhos do corpo material, mas pelo Espírito, que tem consciência de si mesmo, conquanto não possa manifestar-se. O Espírito tem condições de perceber o

que se passa ao seu redor pela sua sensibilidade espiritual. As forças espirituais, por conta da limitação orgânica, podem estar em decadência, mas o Espírito continua consciente das suas funções, lembrando que as faculdades da alma são bênçãos e nunca se apagam.

A letargia é sempre natural, decorrendo de uma causa fisiológica ou de intoxicação química. Já a catalepsia, conquanto seja normalmente espontânea, pode também ser provocada e desfeita artificialmente, por meio da ação magnética decorrente do passe. O quadro de paralisia, total ou parcial, é popularmente chamado de “morte aparente”.

Em “O Céu e o Inferno” há um exemplo de catalepsia. No ano de 1850 um escritor foi acometido de um ataque cerebral. Quinze dias após o enterro, a família solicitou a exumação do corpo, pois um medalhão havia sido esquecido no caixão. Ao ser esse aberto, observou-se ter o corpo mudado de posição e uma das mãos encontrava-se parcialmente comida. Quando evocado por Allan Kardec, o senhor informa ter passado por tal situação porque, em existência pretérita, enterrou sua esposa viva em um fosso.<sup>11</sup> Trazemos, também, o ocorrido com a médium Yvonne A. Pereira, relatado por ela mesma em seu livro *Recordações da Mediunidade*, *in verbis*:

Tendo vindo ao mundo na noite de Natal, 24 de dezembro, a 23 de janeiro, durante um súbito acesso de tosse, em que sobreveio sufocação, fiquei como morta. Tudo indica que, em existência pretérita, eu morrera afogada por suicídio, e aquela sufocação, no primeiro mês do meu nascimento, nada mais seria que um dos muitos complexos que acompanham o Espírito do suicida, mesmo quando reencarnado, reminiscências mentais e vibratórias que o traumatizam por períodos longos, comumente. Durante seis horas consecutivas permaneci com rigidez cadavérica, o corpo arroxeadado, a fisionomia abatida e macilenta do cadáver, os olhos aprofundados, o nariz afilado, a boca cerrada e o queixo endurecido, enregelada, sem respiração e sem pulso. O único médico da localidade — pequena cidade do Sul do Estado do Rio de Janeiro, hoje denominada Rio das Flores, mas então chamada Santa Teresa de Valença — o único médico e farmacêutico, examinando-me, constataram a morte súbita por sufocação, à falta de outra “causa mortis” mais lógica. A certidão de óbito foi, portanto, legalmente passada.

Continuando o seu depoimento, destaca que sua mãe não acreditava estar ela morta, como se algo em seu coração assim afirmasse, asseverando:

Minha mãe, então, quando havia já seis horas que eu me encontrava naquele estado insólito, conservando-se ainda católica romana, por aquele tempo, e vendo que se aproximava a hora do enterro, retirou-se para um aposento solitário da casa, fechou-se nele, acompanhou-se de um quadro com estampa representando Maria, Mãe de Jesus, e, com uma vela acesa, prostrou-se de joelhos ali, sozinha, e fez a invocação seguinte, concentrando-se em preces durante uma hora: — “Maria Santíssima, Santa Mãe de Jesus e nossa Mãe, vós, que também fostes mãe e passastes pelas aflições de ver padecer e morrer o vosso Filho sob os pecados dos homens, ouvi o apelo da minha angústia e atendei-o, Senhora, pelo amor do vosso Filho: Se minha filha estiver realmente morta, podereis levá-la de retorno a Deus, porque eu me resignarei à inevitável lei da morte. Mas se, como creio, ela estiver viva, apenas sofrendo um distúrbio cuja causa ignoramos, rogo a vossa intervenção junto a Deus Pai para que ela torne a si, a fim de que não seja sepultada viva. E como prova do meu reconhecimento por essa caridade que me fareis eu vo-la entregarei para sempre. Renunciarei aos meus direitos sobre ela a partir deste momento! Ela é vossa! Eu vo-la entrego! E seja qual for o destino que a esperar, uma vez retorne à vida, estarei serena e confiante, porque será previsto pela vossa proteção.”

E, por fim, relembra a médium Yvone A. Pereira:

Entrementes, ao se retirar do aposento, onde se dera a comunhão com o Alto, minha mãe abeirou-se do meu insignificante fardo carnal [...] e tocou-o carinhosamente com as mãos, repetidas vezes, como se transmitisse energias novas através de um passe. Então, um grito estridente, como de susto, de angústia, acompanhado de choro inconsolável de criança, surpreendeu as pessoas presentes. Minha mãe, provável veículo dos favores caritativos de Maria de Nazaré, levantou-me do berço e despiu-me a mortalha, verificando que a grinalda de rosinhas me ferira a cabeça.<sup>12</sup>

Finalmente, cabe destacar outros tipos de letargia e de catalepsia, bem piores que a do corpo físico, que são a dos sentimentos espirituais, presentes

na criatura ainda destinada ao mal, às paixões inferiores, ao crime e à violência. A mente desses Espíritos encontra-se em fase de letargia e de catalepsia profundas, precisando de tempo, auxílio espiritual e boa vontade para libertá-los e fazê-los caminhar para Deus.

## 7. O que é catalepsia do sono?

Também conhecida como paralisia do sono, ocorre quando sentimos o corpo físico paralisado imediatamente após despertarmos ou adormecermos. O indivíduo sente-se acordado, mas sem condições de movimentar o corpo e, até mesmo, com certa dificuldade de respirar, havendo ainda pessoas que relatam sentirem ou presenciarem alucinações, como sensação de sufocamento, sombras, imagens assustadoras e a impressão de estar sendo observado. Após alguns minutos, os movimentos vão retornando e tudo volta ao normal.

Se examinarmos pelo aspecto mais científico, seria como um temporário entorpecimento muscular, no qual o cérebro desperta, mas os músculos não. A Doutrina Espírita ensina ser tal fenômeno natural e comum, decorrente do processo de emancipação da alma. Durante o sono, para evitar que o corpo físico movimente-se durante os sonhos, acontece essa paralisia muscular, interrompendo-se, normalmente, antes da mente despertar, razão pela qual raras vezes tem o indivíduo consciência deste fato. Entretanto, há situações em que a mente desperta antes do mecanismo de paralisação cessar, quando então acontece a catalepsia ou paralisia do sono.

Estar consciente durante este processo é meio assustador, principalmente quando não se tem compreensão de o porquê de ocorrer tal fato, contudo lembremos que o nosso Espírito não permanece preso ao corpo durante o sono, emancipamos e nos libertamos parcialmente da matéria, ficando ligados

pelo cordão de prata. Em determinadas situações acontece de o Espírito vivenciar experiências marcantes na erraticidade, as quais são acompanhadas de uma sensação de perigo, fazendo com que ele retorne imediatamente ao corpo físico como mecanismo de segurança, natural ao instinto de conservação. Nesses momentos, nossa lucidez retorna primeiro que o perispírito, ainda em viagem de regresso à matéria física, encontrando-se a pessoa consciente no período de transição entre o sono e a vigília (ou vice-versa), momento quando pode existir a paralisia do sono.

A paralisia do sono pode ser considerada uma modalidade de catalepsia – a conhecida catalepsia projetiva – diversa da catalepsia patológica, considerada doença e que inspira cuidados especiais. Sabendo ser a catalepsia do sono algo natural, não oferecendo perigo ou motivo para angústia e desespero, deve-se preservar a calma e respirar lentamente, porquanto em alguns segundos ou minutos, com o retorno completo do perispírito, o corpo retomará sua movimentação normal. De outro modo, caso se deseje interromper a paralisia mais rapidamente, pode-se tentar piscar os olhos várias vezes, fechá-los com força ou mover um dedo.

8. Em situações de coma ou quase morte, em que condição fica o Espírito e o que ele faz neste tempo?

Isso varia de Espírito para Espírito, conforme a condição moral e mental de cada um. O termo coma origina-se do grego “ $\mu$ ” e significa “sono profundo”, sendo um estado de inconsciência, vegetativo, no qual a pessoa parece estar dormindo, mas sem um prazo para despertar. Enquanto em coma, o indivíduo fica incapaz de responder de maneira adequada aos estímulos externos e, em estágios mais avançados, nenhuma resposta apresenta a qualquer tentativa de despertamento.

Tem certa similaridade com o sono, pois aqui a alma também pode aproveitar para se emancipar, adquirindo parcial liberdade e vivenciando, quando em condições para tal, a vida espiritual.<sup>13</sup> Diante disso, é natural questionar-se o que se passa com o Espírito neste período. Fica também em coma? Vive um estado de perturbação, similar ao observado durante o desencarne? Ou, por outro lado, fica lúcido, trabalhando, estudando e se desenvolvendo no plano espiritual? Pelo conhecimento que se tem da Doutrina Espírita podemos dizer serem todas as opções possíveis, dependendo da evolução do paciente.

Normalmente apenas o corpo fica realmente paralisado, podendo o Espírito, mantendo-se ligado à matéria física por um laço fluídico, perfeitamente emancipar-se. Acreditamos, contudo, que dependo da razão pela qual a pessoa entrou em coma, sua forma de vida, conhecimento da imortalidade da alma, evolução espiritual etc., seria possível ao Espírito ficar também numa espécie de coma, em sono profundo, não apresentando reações ou consciência dos acontecimentos. Seria esse o caso, por exemplo, dos indivíduos que retornam do coma e nada lembram, ficando até relativamente desmemoriados.

Segundo o Espírito Emmanuel, pessoas muito apegadas à matéria ou que não aceitam a condição em que se encontram, ficam praticamente presas ao corpo, dele não conseguindo se afastar, precisando do amparo da espiritualidade amiga para sair desse quadro. Outros, embora relativamente presos ao corpo físico, conseguem relativa liberdade, podendo acessar regiões da espiritualidade e se relacionar com Espíritos, enquanto seus corpos recebem tratamento. Durante sua permanência no plano espiritual, aproveitam para aprender, estudar, crescer e evoluir como Espírito imortal. Todavia, em qualquer das condições, o plano espiritual sempre se encontra amparando, não deixando as criaturas entregues à própria sorte.<sup>14</sup>

Inclusive, fala-nos o mentor da importância de se manter o clima de prece e de conexão com o plano maior, auxiliando no trabalho a ser realizado.

Quanto mais os familiares e amigos estiverem sintonizados com Deus, maiores as chances de ajuda, tanto ao doente quanto aos encarnados. Há mesmo situações nas quais o paciente consegue ouvir e ver os familiares, conquanto não consiga manifestar-se, sendo importante o vigiar no tocante a tudo o que é dito perto do enfermo, pois durante o estado de emancipação pode estar lúcido e participando de todas as conversações do ambiente.

Há casos em que a Espiritualidade Superior permite que o paciente, durante a emancipação, comunique-se por intermédio de médiuns e relate sua experiência, informando o que tem feito e aprendido, podendo ainda se comunicar pelo pensamento com aqueles que possam estar próximos e deterem mediunidade suficiente para captar as intuições do enfermo. A verdade é que o Espírito não deixa de evoluir durante o período de coma, nada fazendo Deus de inútil, representando a experiência de quase morte mais uma oportunidade sublime de subida até Deus, de correção de rumos, de reflexão.

Em outros casos, tais vivências são compartilhadas após o retorno do coma, com depoimentos de lugares visitados, como também de encontros espirituais com amigos e familiares já desencarnados. Há quem relate sensação de paz, visão de um túnel de luz, visão do próprio corpo enfermo, sensação de estar fora do corpo, a recapitulação da vida etc. Tais acontecimentos, não raro, fazem com que os indivíduos mudem seu modo de agir e de pensar, passando a ver sua estada na Terra de maneira mais construtiva e a desenvolverem sua espiritualidade.

Muito provavelmente tal situação estava prevista no planejamento reencarnatório do enfermo, sendo medida utilizada pela justiça divina para dar cumprimento à Lei de Causa e Efeito, como um processo de libertação da criatura das amarras do erro e do vício. Lembremos ter Deus inúmeros mecanismos para fazer com que seus filhos cresçam, havendo muita bondade e misericórdia onde, normalmente, o homem somente enxerga desgraça, sofrimento e dor. Tudo há uma razão de ser. Se o Pai é justo, justa é a razão pela qual alguns de seus filhos precisam passar por situações como a de quase

morte.

O tempo que o indivíduo poderá permanecer neste estado é incerto, pois o remédio varia conforme a doença e o paciente, de modo que o resgate pode ser mais rápido ou mais longo. O importante é sabermos que o Criador não deseja a dor de seus filhos, mas o seu aprendizado, de modo que, estando esse realizado, não mais razão haverá para a manutenção da condição de coma, vindo a liberdade, seja pelo retorno à vida física ou à pátria espiritual.

Um dos pioneiros no estudo de experiências de quase-morte, O Dr. Raymond A. Moody Jr., realizou estudo com mais de uma centena de pessoas que tiveram morte clínica e retornaram, trazendo depoimentos muito interessantes e similares quanto aos detalhes vivenciados pelos pacientes durante o coma, sendo também uma prova da sobrevivência da alma após a morte do corpo físico. Em “A Vida Depois da Vida”, as pesquisas do Dr. Moody representam um brilhante estudo a ampliar o conhecimento da humanidade acerca do tema. Abordando acerca dos efeitos da experiência sobre a vida dos pacientes, afirma:

Os efeitos que estas experiências tiveram sobre suas vidas parecem ter assumido formas mais quietas, mais sutis. Muitos me contaram que sentiam que suas vidas tinham sido ampliadas e aprofundadas pela experiência, que por causa dela tinham se tornado mais profundos e mais preocupados com as questões filosóficas fundamentais. [...] Há um notável acordo quanto às “lições”, ou o que sejam, que foram trazidas de volta desses encontros estreitos com a morte. Quase todos insistem sobre a importância de tentar cultivar o amor pelos outros, amor de uma espécie única e profunda.<sup>15</sup>

- 
1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 400. p. 215.
  2. OLIVEIRA, Wanderley. *1/3 da vida*. Pelo Espírito Ermance Dufaux. 1ed. Belo Horizonte: Dufaux, 2016. Arquivo Kindle.
  3. O ESPIRITISMO perante a ciência. Disponível em: <<https://bit.ly/2KL8ewe>>. Acesso em: 25 jan. 2019.
  4. REVISTA Espírita. 1869. Fevereiro. *Visão de Pergolése*. Disponível em: <<https://bit.ly/2IyXzDx>>. Acesso em: 18 abr. 2019.
  5. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 450. p. 230.
  6. DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. [s.l.]: L. Neilmoris, 2008. p. 29.

7. O LIVRO dos Espíritos comentado pelo Espírito Miramez. Disponível em: <<https://bit.ly/2t690bH>>. Acesso em: 02 fev. 2019.
8. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 423-424. p. 223.
9. *Id.* *A Gênese*. 53 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 260.
10. PEREIRA, Yvonne A. *Recordações da mediunidade*. [s.l.]: Luz Espírita, 2009. p. 09.
11. KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. 61 ed. Brasília: FEB, 2013, p. 354.
12. PEREIRA, Yvonne A. *Recordações da Mediunidade*. [s.l.]: Luz Espírita, 2009. p. 15.
13. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 407. p. 219.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *Plantão de Respostas – Pinga Fogo II*. [s.l.]: CEU, 1995. p. 14.
15. MOODY JR., Raymond. *Vida após a vida*. [s.l.]: Luz Espírita, 2013. p. 53-55.

## Capítulo 2

# Emancipação e os sonhos



### 9. O que são os sonhos pelo Espiritismo?

São as lembranças dos fatos e dos acontecimentos ocorridos durante o sono, não representando, em geral, uma fantasia como muitos pensam. O fato de nem sempre lembrarmos daquilo que vimos ou fizemos durante o sono decorre de não termos nossa alma completamente desenvolvida, embora suas faculdades espirituais ampliem-se durante a emancipação pelo sono. Ainda hoje a ciência apresenta dificuldades para explicar com clareza e objetividade os sonhos, em virtude de os analisar apenas no tocante aos aspectos fisiológicos, desconsiderando o desdobramento da alma e as inúmeras propriedades do perispírito.

Allan Kardec analisou a emancipação da alma e os sonhos em seus aspectos fisiológicos e espirituais, mostrando-nos que o sono liberta

parcialmente a alma do corpo, jamais ficando inativo o Espírito. Quanto maior for o grau de exteriorização do perispírito durante o desdobramento, mais liberdade adquire o Espírito. Durante o processo, a alma pode acessar lembranças do passado, ter previsões de futuro, como também encontrar amigos e familiares, encarnados e desencarnados. Enquanto dormem, certas pessoas buscam Espíritos que lhes são superiores, para estudarem, trabalharem, receberem orientações e pedirem ajuda, já outras procuram os Espíritos inferiores com os quais seguirão para lugares com que se afinam.<sup>16</sup>

Os Espíritos, quando questionados da razão pela qual não nos lembramos de todos os sonhos, informam ter o corpo físico, por ser de matéria pesada e grosseira, dificuldades para reter as impressões vivenciadas pelo perispírito, pois essas não foram registradas pelo cérebro físico, mas pelo órgão cerebral do perispírito, tornando a lembrança mais difícil. Desta feita, a ausência de recordação dos sonhos não significa que não tenhamos sonhado ou vivido experiências no plano espiritual, mas apenas que nosso organismo físico não apresentou predisposição cerebral para isso. Por outro lado, quando as informações obtidas durante a emancipação pelo sono são importantes e precisam ser lembradas, a espiritualidade amiga trabalha diretamente nesse sentido, de modo a conseguirmos reter o necessário ao despertar.

Assim, os sonhos podem trazer informações preciosas para o nosso autodescobrimento, sendo necessário apenas cuidado nas interpretações baseadas em imagens e lembranças esparsas, em virtude de haver sempre um forte conteúdo simbólico em nossas percepções psíquicas, as quais estão geralmente repletas de emoções e sentimentos. A Doutrina Espírita orienta observarmos como nos sentimos ao acordar, é dizer, quando nos sentirmos envolvidos por emoções boas e agradáveis, é indicativo de vivências positivas durante o sono físico. Todavia, se essas forem negativas, muito provavelmente estivemos vinculados a situações e Espíritos inferiores.

Precisamos ter em mente que o mal e os vícios mantêm o Espírito preso a Terra, dificultando o desprendimento natural pelo sono. Adequando nossas

vidas aos preceitos do bem, vivenciando o amor, o perdão, a caridade, habituando-nos à prece e à meditação antes de dormir, manteremos uma boa sintonia e nos ligaremos a Espíritos amigos durante o desdobramento, com reflexo num sono reparador e de sonhos construtivos. Como já dito na questão anterior, façamos sempre a nossa “agenda noturna”, condicionando nosso Espírito à prática de ações salutares durante o desdobramento da alma.

Segundo Martins Peralva, em *Estudando a Mediunidade*, os sonhos podem ser classificados em comuns, reflexivos ou espíritas. Os primeiros são repercussões das nossas disposições físicas ou psicológicas, os segundos são exteriorização de impressões e imagens arquivadas na mente do Espírito e os últimos representam atividade real e efetiva do Espírito durante o sono.<sup>17</sup> Neste momento abordaremos mais detalhadamente os sonhos comuns, deixando para as perguntas posteriores os reflexivos e os espíritas.

Os sonhos comuns refletem nossas vivências do dia a dia, com o envolvimento de imagens e de pensamentos que povoam o nosso mundo íntimo, trazendo o reflexo das impressões arquivadas no cérebro durante a vigília, de modo que ao se desligar parcialmente do corpo, o Espírito fica envolvido por essa onda de ideias cotidianas, produzidas pela própria mente e com as quais tem afinidade. Aqui quase não há exteriorização perispiritual, sendo este tipo de sonho muito comum em nossa atual condição evolutiva, com uma atividade puramente cerebral, decorrente tão somente das nossas preocupações físicas e morais.

Nos sonhos comuns, o perispírito flutua na atmosfera sem se afastar muito do corpo, ficando absorvido pelos pensamentos e imagens que povoam a memória presente, consciente do indivíduo, apresentando impressões confusas e estranhas visões, trazendo uma recordação de difícil explicação e compreensão.

10. O que o Espírito faz durante o desdobramento pelo sono?

O Espírito, dependendo do seu grau evolutivo e de sua sintonia mental, poderá vivenciar inúmeras situações, positivas ou negativas. Durante a emancipação, tem o indivíduo condições de receber conselhos dos amigos espirituais, pois se valem dos nossos momentos de emancipação da alma para darem orientações e sugestões úteis ao desenvolvimento da nossa encarnação.

Podemos executar trabalhos engrandecedores no mundo espiritual, dedicando o tempo em que nos encontramos parcialmente libertos do corpo físico para a realização de tarefas espirituais, sob a coordenação de mentores. A caridade é ação que pode e deve ser exercida não apenas quando estivermos em vigília, mas em desdobramento também, de modo a utilizarmos todo o tempo possível para amparar o próximo, aplacando a sua dor e o elevando ao Pai. Há também Espíritos encarnados que, durante o sono, dedicam-se aos estudos de sua simpatia, razão pela qual apresentam sempre ideias novas na área de suas atividades terrenas.

Além disso, o Espírito pode reunir-se com amigos espirituais, visitando amigos encarnados e desencarnados, passando com eles momentos agradáveis e alegres, enquanto repousa o corpo físico repousa. Tais encontros geralmente trazem grande conforto para a alma, fazendo com que acordemos com uma sensação de paz e de bem-estar. É possível, ainda, Espíritos encarnados reunirem-se em assembleias, pois os laços de amizade, antigos ou recentes, auxiliam na reunião de vários Espíritos afins, os quais se sentem felizes por estarem juntos.

Entretanto, nem todos utilizam este precioso tempo para realizações úteis. Espíritos encarnados, ainda muito absorvidos pelas coisas da matéria, podem ficar em completo estado de entorpecimento durante o sono, situações em que o perispírito não se afasta do corpo, permanecendo-se ali também adormecido. Nestas situações, o Espírito não consegue aproveitar sua emancipação para a renovação de energias fluídicas e mentais, como seria aconselhável, acordando, não raro, cansado e sem forças.

O Espírito pode, ainda, utilizar o período de emancipação para se

encontrar com inimigos e desafetos, aproveitando este tempo para explicações recíprocas, destacando poderem os desafetos ser de vidas passadas ou mesmo da atual encarnação. Outros seguem dando continuidade aos seus trabalhos materiais, absorvidos em suas preocupações diárias. Há aqueles que seguem em busca de satisfazer suas paixões e seus vícios, pois ao se verem relativamente livres do corpo de carne, seguem para lugares viciosos na erraticidade, dando continuidade a vazão de suas paixões inferiores.

Neste aspecto, por falta de oportunidade ou para evitarem comportamentos condenados pela sociedade, observam-se muitas pessoas deixarem de realizar seus desejos mais desprezíveis durante a vigília, embora os alimentem constantemente em seus pensamentos. Estas pessoas, geralmente, buscam durante o sono realizar estes desejos, retroalimentando os vícios. Martins Peralva, abordando o tema, assevera:

Quando os olhos se fecham, com a visitação do sono, o nosso Espírito parte em disparada, por influxo magnético, para os locais de sua preferência. O viciado procurará os outros. O religioso buscará um templo. O sacerdote do Bem irá ao encontro do sofrimento e da lágrima, para assisti-los fraternalmente. Enquanto despertos, os imperativos da vida contingente nos conservam no trabalho, na execução dos deveres que nos são peculiares. Adormecendo, a coisa muda de figura. Desaparecem, como por encanto, as conveniências. A atividade extracorpórea passará a refletir, sem dissimulações ou constrangimentos, as nossas reais e efetivas inclinações, superiores ou inferiores.<sup>18</sup>

Lamentavelmente a maioria da humanidade terrena, ainda inferiorizada no campo espiritual, usa o repouso noturno para vivenciar emoções frívolas ou menos dignas, conservando, ao despertar, impressões que pouco afetam o cérebro físico, por conta de sua impotência vibratória, restando tão somente impressão vaga dos acontecimentos e experiência vivenciados durante o desdobramento pelo sono.

## 11. Os sonhos podem ter relação com vidas passadas?

Certamente. Estes tipos de sonhos são chamados de reflexivos, segundo a classificação anteriormente mencionada de Martins Peralva. Nesse caso existe uma maior exteriorização do perispírito em relação aos sonhos comuns, pois aqui a alma emancipada, capta as impressões e imagens arquivadas no subconsciente, no inconsciente e no superconsciente, todas plasmadas na organização perispiritual.

A memória do subconsciente refere-se ao presente remoto do indivíduo, vivenciado na encarnação atual, assim como ao passado recente, relacionado às últimas encarnações. A inconsciente é a do nosso passado remoto, ou seja, das encarnações mais distantes. A memória superconsciente, por sua vez, refere-se ao futuro, são as premonições, a serem mais bem detalhadas na próxima questão.

A percepção de tais impressões é possível porque existe uma modificação vibratória do perispírito, fazendo com que a criatura acesse fatos e paisagens remotas, podendo ser da atual existência ou das anteriores. Lembremos estarem nossas vivências arquivadas em nossa memória perispiritual e, em sendo necessário, podem elas ser acessadas, mesmo sendo ocorrências de séculos ou de milênios. Tudo fica registrado em camadas superpostas da memória.<sup>19</sup> Sobre a matéria, diz “O Evangelho Segundo o Espiritismo” não ser tão somente após a morte a possibilidade de lembrança do passado pelo Espírito, pois em verdade ele nunca a perde, vindo essa à tona quando da emancipação pelo sono, pois ao gozar de certa liberdade tem o Espírito consciência de seus atos anteriores, sabendo por que sofre e que sofre justamente, apagando-se tal lembrança somente durante a vigília, na vida exterior de relação.<sup>20</sup>

A modificação vibratória mencionada traz para o Espírito maior liberdade de ação e de pensamentos, permitindo assim acessar os acontecimentos e as

imagens de reencarnações anteriores, manifestando-se em forma de sonho. Mentores espirituais poderão proporcionar, por meio dos sonhos reflexivos, a recordação de acontecimentos de outras vidas objetivando trazer-nos esclarecimentos, lições ou advertências. Deus permite, em determinadas situações, o conhecimento de nossas existências pretéritas para a nossa edificação e instrução pessoal, não com o objetivo de satisfazer uma inútil curiosidade.

Poderão, ainda, os Espíritos inferiores motivarem essas recordações com finalidade de nos perseguirem, amedrontar, desanimar ou humilhar, desviando-nos dos objetivos benéficos da existência atual e nos fazendo falir nos compromissos assumidos em nosso planejamento reencarnatório. Normalmente os sonhos reflexivos são imprecisos, desconexos, quase sempre interrompidos por cenas e paisagens inteiramente estranhas, sem sentido de ordem e sequência, aparecendo, às vezes, em coloração preta e branca. Ao despertar, a recordação da criatura será imprecisa, lembrando especialmente da completa ausência de conexão nos acontecimentos, como nos afirma Kardec, ao dizer:

As singulares imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, é que formam esses conjuntos estranhos e confusos, que nenhum sentido ou ligação parecem ter. A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas que apresenta a recordação incompleta que conservamos do que nos apareceu quando sonhávamos. É como se a uma narração se truncassem frases ou trechos ao acaso. Reunidos depois, os fragmentos restantes nenhuma significação racional teriam.<sup>21</sup>

As cenas do passado podem apresentar-se como se estivéssemos na posição de telespectadores de nós mesmos, como num filme, mas sentindo perfeitamente o sentimento, as emoções e as dores daquilo que nos é mostrado. De outro modo, podem as lembranças também retornarem como

se estivéssemos vivenciando tudo novamente, pela nossa perspectiva, quando as emoções e os sentimentos das experiências serão percebidos igualmente. Allan Kardec informa poderem ser reveladas algumas questões de vidas passadas, como o gênero de existência, a posição social ocupada, inclusive as qualidades e os defeitos predominantes em nossa personalidade, objetivando tirarmos o melhor proveito e nos depurarmos. Entretanto, alertam os Espíritos Superiores que estudando nosso presente deduzimos perfeitamente o nosso passado.<sup>22</sup>

No livro “Do Abismo às Estrelas”, onde o Espírito Victor Hugo narra a história real de Suzette-Sara, podemos saber como a personagem acessa lembranças de suas vidas passadas durante a emancipação do sono, como também nos é dada uma explicação de todo o processo. Seu Espírito, enquanto em desdobramento, foi conduzido a uma reunião espiritual com Espíritos amigos, com a finalidade de ela recordar certo acontecimento de uma existência pretérita, possibilitando o entendimento de algumas circunstâncias da vida atual. O processo é assim explicado:

Graças a um processo de mentalização hipnótica, à medida em que o espírito narrava, as cenas se desenrolavam como uma imensa tela viva de um peculiar cinematoscópio. Os presentes acompanhavam os acontecimentos, enquanto, os nele implicados, experimentavam as emoções e dramas do momento evocado.<sup>23</sup>

Quando necessário, os Espíritos benfeitores atuam sobre nós para que, acordando, tenhamos condições de lembrar o essencial daquelas lembranças mostradas, utilizando-as positivamente em nosso crescimento espiritual. Conquanto normalmente desejemos saber quem éramos em existências passadas, a verdade é que, pela nossa condição evolutiva ainda inferior, geralmente, tais recordações são tristes e dolorosas, mostrando representar o esquecimento do passado uma misericórdia de Deus.

## 12. Sonhos premonitórios existem?

Sim. Eles são igualmente classificados como reflexivos, viabilizando o acesso à memória superconsciente que está relacionada ao futuro. Premonição pode ser definida como uma sensação, um pensamento, uma visão ou um pressentimento de algo que está para ocorrer. No Novo Testamento existem variadas citações aos sonhos premonitórios, principalmente em torno de Jesus, como por exemplo, quando José é alertado para fugir com Maria e o menino Jesus para o Egito<sup>24</sup>. Certamente todos esses sonhos decorreram de encontro com entidades espirituais superiores, responsáveis pela organização da vinda de Jesus ao planeta Terra.

Os sonhos podem ser recordações dos lugares e das coisas que vimos ou mesmo que veremos em outras existências ou ocasiões, mostrando a possibilidade de o Espírito entrar em conexão com situações ainda não vivenciadas na vida presente. Quando o corpo fica entorpecido pelo sono, o Espírito aproveita para investigar o seu passado ou, ainda, o seu futuro. Acerca dos sonhos premonitórios, dizem os Espíritos:

[...]dentro em pouco vereis vulgarizar-se outra espécie de sonhos. Conquanto tão antiga como a de que vimos falando, vós a desconheceis. Refiro-me aos sonhos de Joana, ao de Jacó, aos dos profetas judeus e aos de alguns adivinhos indianos. São recordações guardadas por almas que se desprendem quase inteiramente do corpo, recordações dessa segunda vida a que ainda há pouco aludíamos.<sup>25</sup>

Os sonhos premonitórios são percepções de algo ainda por acontecer ou também visão do que naquele momento acontece em outro lugar para o qual a alma se transporta, demonstrando claramente que não decorrem da imaginação do indivíduo, até porque tais pensamentos, não raro, sequer

encontravam-se presentes na mente quando em estado de vigília. A mensagem transmitida, normalmente pela espiritualidade amiga, pode ter o objetivo de alertar a pessoa para algum perigo iminente, para algo que deve ficar atenta, evitando a sua ocorrência, como também pode ser uma preparação para o futuro acontecimento, facilitando sua aceitação pelo indivíduo, como nas previsões de desencarne de familiar, por exemplo.

Em “Recordações da Mediunidade”, a médium Yvonne Pereira fala exatamente sobre isso, alertando da existência de diversos mecanismos pelo qual os homens podem ser avisados de certos acontecimentos futuros, havendo nesses casos relativo mérito da criatura ou algum desenvolvimento psíquico e mediúnico, quando então um amigo espiritual, familiar ou protetor comunica o fato, preparando-o para o evento, normalmente grave e doloroso, utilizando uma linguagem encenada ou figurada.<sup>26</sup>

Os sonhos premonitórios podem referir-se à própria pessoa, a terceiros ou à coletividade, podem antecipar o fato em dias ou mesmo séculos, mostrarem-se com clareza de detalhes ou de maneira vaga. A linguagem também pode variar, apresentando-se objetiva ou por meio de simbologia, tudo conforme a necessidade e o merecimento daquele que sonha. Todavia, é importante destacar que os sonhos podem não se realizar, pois o futuro é mutável, depende do nosso livre-arbítrio e das nossas escolhas. Assim, um sonho objetivando alertar para certa situação, alcança sua finalidade quando não é realizado, significando ter sido o aviso recebido e a criatura ter ficado mais atenta.

Tais percepções tornam-se possíveis porque nosso corpo astral ou perispírito, quando em desdobramento, amplia seu campo de percepção, sendo capaz de captar e perceber coisas futuras, vendo com mais nitidez influências que podem gerar determinados acontecimentos. Conquanto a premonição não esteja diretamente ligada à mediunidade, visto todos poderem tê-la durante a vida material, os chamados médiuns ostensivos, detentores de percepções mais nítidas do plano espiritual, têm mais facilidade

para sonhos premonitórios, acontecendo com mais frequência e clareza de informações. Em “No Invisível”, Léon Denis traz interessantes considerações sobre os sonhos premonitórios, auxiliando no entendimento do tema quando afirma:

Algumas vezes, quando suficientemente purificada, a alma, conduzida por Espíritos angélicos, chega em seus transportes a alcançar as esferas divinas, o mundo em que se geram as causas. **Aí paira, sobranceira ao tempo, e vê desdobrarem-se o passado e o futuro. Se acaso comunica ao invólucro humano um reflexo das sensações colhidas, poderão estas constituir o que se denomina sonho profético.** Nos casos importantes, quando o cérebro vibra com demasiada lentidão para que possa registrar as impressões intensas ou sutis percebidas pelo Espírito, e este quer conservar, ao despertar, a lembrança das instruções que recebeu, cria então, pela ação da vontade, **quadros, cenas figurativas das imagens fluídicas, adaptadas à capacidade vibratória do cérebro material, sobre o qual, por um efeito sugestivo, as projeta energicamente.** E, conforme a necessidade, se é inábil para isso, recorrerá ao auxílio dos Espíritos mais adiantados, e assim revestirá o sonho uma forma alegórica [grifos nosso].<sup>27</sup>

O Espírito André Luiz, em “Nos Domínios da Mediunidade”, foi testemunha de Elisa, mulher idosa, em seu leito de morte. Depois de despedir-se de sua família, ainda lúcida, partiu em desdobramento, volitando até a casa de sua irmã Matilde, em outra cidade. Elisa aproxima-se da cama onde dormia a irmã e tenta acordá-la, chamando-a pelo nome, mas não consegue. Tendo consciência do pouco tempo disponível até o seu desencarne, bate na cama da irmã, acordando Matilde abruptamente, sentindo logo a influência de sua irmã Elisa, que fala com ela. Mesmo sem ouvi-la fisicamente, seu cérebro, pelas ondas mentais, captou a mensagem, sentindo-se ansiosa e dizendo para si mesma: “Elisa está morta”. Por esse episódio, podemos afirmar ter tido Matilde uma premonição.<sup>28</sup>

### 13. Durante os sonhos podem existir encontros com Espíritos encarnados e/ou desencarnados?

Sim, tal fato é plenamente possível e ocorre constantemente, mesmo que disso poucos se recordem ao acordar. São os chamados sonhos espirituais na classificação de Martins Peralva, representando atividade real e efetiva do Espírito durante o sono<sup>29</sup>, acompanhados de uma maior exteriorização do perispírito. Esses sonhos são normalmente coloridos, com imagens bem definidas e uma sequência lógica de ideias e de fatos, permitindo ao Espírito imprimir na memória atual a recordação dos acontecimentos vividos.

Nos sonhos espirituais a alma, desprendida do corpo, encontra-se com parentes, amigos, instrutores e com os inimigos desta e de outras existências, dependendo da afinidade existente entre os Espíritos. Deste modo, o que determina a qualidade dos sonhos e as companhias espirituais buscadas durante a emancipação da alma é a nossa condição espiritual, o nosso grau evolutivo, de modo que permaneceremos em ambientes compatíveis com os nossos pensamentos e emoções.

Considerando que nem sempre recordarmos das experiências e dos encontros ocorridos durante o sono, alguns questionam a utilidade dos mesmos, visto que as ideias e os conselhos recebidos durante o desdobramento não poderiam ser aproveitados na vida. Neste ponto, dizem-nos os Espíritos que “pouco importa que comumente o Espírito as esqueça, quando unido ao corpo. Na ocasião oportuna, voltar-lhe-ão como inspiração de momento”.<sup>30</sup> Assim, conquanto raramente o homem lembre-se das situações vivenciadas, permanecerá nele uma intuição, como resultado das conversas e experiências tidas com os amigos espirituais.

Questão interessante, também abordada por Kardec na codificação, é se poderia o homem provocar as visitas espíritas, dizendo, por exemplo, ao dormir: Quero esta noite encontrar-me em Espírito com Fulano e lhe dizer

isto. A espiritualidade orienta poder isso acontecer, mas destaca não ser razão suficiente para tal o simples fato de o homem desejar quando desperto, pois, ao adormecer o indivíduo nem sempre mantém a mesma vontade, apresentando, não raro, outros interesses em estado de desdobramento espiritual, principalmente se for um Espírito mais elevado, utilizando seu tempo emancipado de maneira mais construtiva. Por outro lado, Espíritos mais materializados aproveitam o período do sono para se entregarem às paixões inferiores ou mesmo permanecem inativos, em estado de sonolência<sup>31</sup>, frustrando, também, o desejo de encontros noturnos.

Cabe destacar poderem esses encontros dar-se entre pessoas encarnadas, mesmo sem se conhecerem em estado de vigília, sendo possível, inclusive, ter a criatura amigos em outros países sem disso saber ou ter qualquer conhecimento. “É habitual o fato de irdes encontrar-vos, durante o sono, com amigos e parentes, com os que conheceis e que vos podem ser úteis, que quase todas as noites fazeis essas visitas”.<sup>32</sup> Na obra “Entre a Terra e o Céu”, a personagem Antonina tem a chance de ver seu filho Marcos, já desencarnado, no mundo espiritual, ficando maravilhada com a experiência e mais tranquila por encontrar a criança feliz, contudo Clarêncio, o líder da equipe espiritual, informa não ser viável a lembrança do encontro ao acordar, trazendo a seguinte explicação:

Raros Espíritos estão habilitados a viver na Terra, com as visões da vida eterna. A penumbra interior é o clima que lhes é necessário. **A exata lembrança para ela redundaria em saudade morta.** [...] cada estágio na vida se caracteriza por finalidades especiais. O mel é saboroso néctar para a criança, mas não deve ser ministrado indiscriminadamente. Reclama dosagem para não vir a ser importuno laxativo. **O contato com o reino espiritual, enquanto nos demoramos no envoltório terrestre, não pode ser dilatado em toda a extensão, para que nossa alma não afrouxe o interesse de lutar dignamente até o fim do corpo** [grifos nossos].<sup>33</sup>

14. Quando trabalhamos para o bem durante o sono, conseguimos avançar mais rápido em nossa evolução espiritual? É equivalente ao trabalho feito na Terra quando estamos acordados?

Certamente que quanto mais o homem utiliza seu tempo em atividades construtivas, em benefício do bem e da humanidade, mais evolui. Durante a emancipação, quando a alma trabalha, está progredindo bem mais do que se estivesse utilizando esse tempo única e exclusivamente para a satisfação de seus próprios interesses. Contudo, as atividades realizadas durante o desdobramento, mesmo importantes, não oportunizam ao homem chances iguais de progresso, pois é no estado encarnado e de vigília que se coloca em prática os ensinamentos recebidos na erraticidade.

Allan Kardec, conquanto não tenha abordado exatamente tal questão, questionou se o Espírito progride no estado errante, sendo informado poder o mesmo melhorar muito, conforme a sua vontade, mas que é na existência física que terá condições de colocar em prática as ideias adquiridas, de provar o seu aprendizado, demonstrando a importância da vida de encarnado para o nosso progresso espiritual.<sup>34</sup> Recordemos que durante a emancipação da alma o Espírito vive parcialmente a vida espiritual, encontrando-se, portanto, mais lúcido e consciente de si mesmo, tendo mais facilidade para agir em conformidade com as leis de Deus, situação diversa de quando se encontra no mundo material, com todos os instintos e tendências sendo colocados à prova, estando envolto em toda ordem de problemas e de arrastamentos, exigindo do indivíduo maior esforço e dedicação para superá-los.

Logo, se as provas são maiores quando se está encarnado, maior mérito tem o homem quando as vence nesta condição, auxiliando-nos a compreender a importância da reencarnação e de utilizarmos todas as oportunidades da vida para a vivência do Evangelho de amor exemplificado por Jesus, não esperando evolução tão somente no plano espiritual. Vale destacar ter o

Espírito, quando ainda preso às coisas do mundo material, menor facilidade para delas se libertar no plano espiritual do que como encarnado, visto ser a Terra um ambiente agressivo que auxilia, pela dor nela proporcionada, no processo de libertação espiritual.

Como diz o Espírito Miramez “o mundo espiritual se apresenta como escola de primeira grandeza, preparando a alma para as lutas no corpo físico, a guerra na intimidade”<sup>25</sup>, de modo que a alma conheça a si mesma e tenha condições de adquirir, nas lutas diárias, os valores adormecidos em sua intimidade. Assim sendo, conquanto os trabalhos executados durante a emancipação da alma sejam relevantes e ajudem na conquista de valores espirituais, os realizados em estado de vigília, quando o Espírito precisa ultrapassar inúmeros problemas e arrastamentos, têm um peso diferenciado, trazendo maior e mais célere evolução espiritual.

---

16. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 400-403. p. 215.

17. PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. [s.l.]: FEB, [1992?]. p. 55.

18. *Id.*, *ibid.* p. 56.

19. *Id.*, *ibid.* p. 55.

20. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB. p. 86.

21. *Id.* *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 402. p. 218.

22. *Id.* *O Livro dos Médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 451.

23. FRANCO, Divaldo. *Do abismo às estrelas*. Pelo Espírito Victor Hugo. Salvador: Espírita Alvorada, 1975. p. 186.

24. DIAS, Haroldo Dutra. *O Novo Testamento*. 1 ed. Brasília: FEB, 2013. Mateus 1: 18-25. p. 40.

25. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 402. p. 217.

26. PEREIRA, Yvone A. *Recordações da mediunidade*. [s.l.]: Luz Espírita, 2009. p. 86.

27. DENIS, Léon. *No Invisível*. [s.l.]: Luz Espírita. 2008. p. 119.

28. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita. 2011. p. 109.

29. PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. [s.l.]: FEB, [1992?]. p. 55.

30. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 410. p. 220.

31. *Id.*, *ibid.* Q. 416. p. 221.

32. *Id.*, *ibid.* Q. 414. p. 221.

33. XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a Terra e o Céu*. Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, [2013?]. p. 74.

34. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 230. p. 155.

35. O LIVRO dos Espíritos comentado pelo Espírito Miramez. Disponível em:  
<<https://bit.ly/2QxvY4T>>. Acesso em: 7 jan. 2019.

## Capítulo 3

# Mediunidade



### 15. O que é mediunidade?

É uma faculdade natural do homem que permite sentir e transmitir a influência dos Espíritos em geral, permitindo um intercâmbio entre o mundo material e espiritual. “É inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como de ver, de ouvir, de falar”<sup>36</sup>, não dependendo das qualidades morais do mediano.

Em graus e tipos diferentes, todos a possuem, mesmo que de modo rudimentar, não representando privilégio ou patrimônio exclusivo de alguns. Seu uso, de outro modo, dependendo das qualidades do médium, pode ser positivo ou negativo.<sup>37</sup> O Espírito Manoel Philomeno de Miranda, abordando sobre o psiquismo mediúnico, assim conceitua mediunidade:

A mediunidade é expressão fisiopsíquica inerente ao homem [Espírito encarnado], por cujo meio é-lhe possível entrar em contato com outras faixas vibratórias, além e aquém daquelas que são captadas pelos seus equipamentos sensoriais.<sup>38</sup>

Para melhor compreendermos sobre a mediunidade, reflitamos sobre as formas de comunicação do ser humano. Quando pessoas que estão distantes umas das outras desejam se comunicar, elas não utilizam, por exemplo, o telefone? Os cegos não usam o método braile? Os surdos a linguagem dos sinais? Pessoas que falam idiomas distintos não necessitam de um intérprete? Não há sempre um instrumento à disposição para permitir a comunicabilidade? Pois bem. Da mesma forma que os seres encarnados podem se comunicar, um desencarnado também pode, apenas de uma maneira diversa, utilizando um instrumento diferente do usual dos encarnados, mas, nem por isso, fora da normalidade.

Para indivíduos que se encontram numa condição diferente será preciso, naturalmente, mecanismos de comunicabilidade específicos. A mediunidade é isso. É o meio pelo qual Deus permite que Espíritos desencarnados comuniquem-se com encarnados. Se o mundo espiritual está em constante interação com o material, não seria lógico imaginar que Deus não criaria uma forma de oportunizar a troca de informações. Sobre isso, Kardec assevera:

Para que o homem conheça as coisas do mundo visível e desvende os segredos da Natureza material, Deus lhe deu a vista do corpo, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço e com o microscópio descobre o mundo dos infinitamente pequenos. Para que penetre no mundo invisível, deu-lhe a mediunidade.<sup>39</sup>

Sendo uma faculdade inerente ao ser humano, pode aparecer em qualquer pessoa, independentemente de religião, sexo, idade, lugar ou condição social.

A mediunidade, em si, não é boa nem ruim, mas a forma de sua utilização é que está diretamente relacionada à moral e à integridade do medianeiro, de seus princípios e valores. A mediunidade, em determinados indivíduos mais sensíveis à influência espiritual, pode apresentar-se de forma mais ostensiva e, em outros, de maneira mais sutil.

A mediunidade nada tem de misticismo e de sobrenatural, devendo o seu exercício ser natural e equilibrado. Como o ser humano vive em relação constante com o mundo espiritual, influenciando e sendo influenciado, a mediunidade não está limitada às chamadas reuniões mediúnicas, mas encontra-se presente em todos os lugares. A mediunidade não foi descoberta, portanto, pelo Espiritismo. Os primeiros habitantes da Terra designavam por Deus tudo aquilo que estava fora do seu entendimento, como os fenômenos da natureza e as pessoas que detinham habilidades que os diferenciavam dos demais.

Na Bíblia, por exemplo, identificamos inúmeros casos de mediunidade, principalmente o profético. Moisés surgiu com uma mediunidade poderosa, tendo a ele Deus concedido a missão de trazer ao mundo os dez mandamentos. No Novo Testamento, os apóstolos e discípulos de Jesus demonstraram maior entendimento da mediunidade, utilizando-a para auxiliar o próximo. O dia de Pentecostes, inclusive, considerado o maior feito mediúnico já conhecido, marca o início da prática mediúnica propriamente dita.<sup>40</sup>

Com a evolução do homem e as diversas reencarnações, em obediência à Lei do Progresso, ampliou-se a compreensão acerca dessa faculdade, percebendo a criatura que por meio da sintonia emite vibrações e atrai o pensamento de outros Espíritos, encarnados ou desencarnados. Deste modo, a mediunidade também foi evoluindo no decorrer dos tempos, passando de uma mediunidade primitiva, onde a intuição estava em seu estágio inicial, para uma mediunidade racional, compreendida e mais equilibrada.

## 16. O que é o médium?

Conquanto todos sejam mais ou menos médiuns, na medida em que recebemos cotidianamente inspirações da espiritualidade, essa qualificação é aplicada aos que possuem a mediunidade bem caracterizada, apresentando-se por efeitos claros, patentes e de determinada intensidade, dependendo de uma organização física mais ou menos apta para tal, motivo pelo qual não se apresenta em todos os indivíduos da mesma forma. São chamados usualmente de médiuns ostensivos. Vejamos o conceito trazido em “O livro dos Médiuns”:

O médium é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer natureza que seja.<sup>41</sup>

Os médiuns, pela forma como promovem a intermediação entre o mundo espiritual e o corporal, podem ser divididos em duas categorias: de efeitos físicos e de efeitos intelectuais, apresentando cada uma delas finalidade e características específicas. Os primeiros apresentam uma mediunidade que sensibiliza diretamente os órgãos dos nossos sentidos – visão, audição, olfato, paladar e tato – sendo os efeitos percebidos por todos os presentes, apresentem essas mediunidades bem caracterizadas ou não. Os médiuns de efeitos intelectuais são os que operam o fenômeno na esfera subjetiva, não agredindo os cinco sentidos, mas tão somente a racionalidade e o intelecto.

As antenas psíquicas do médium são os seus chacras, com destaque para o Coronário e o Frontal, podendo ser ele comparado a uma antena de rádio, pois capta todas as ondas mentais, de Espíritos encarnados e desencarnados, e pode sintonizar na que desejar. O perispírito do médium se expande e se

conecta com o perispírito do Espírito desencarnado, criando uma atmosfera fluídico-perispiritual comum, momento em que há uma transmissão de pensamentos, emoções e sensações entre ambos. A comunicação é mente a mente, perispírito a perispírito. Durante o intercâmbio, o Espírito apresenta sua realidade ao médium, que a capta e a reproduz por meio dos diversos tipos de mediunidade.

O médium, normalmente, não tem sua faculdade circunscrita a um único gênero de mediunidade, podendo ter vários, embora tenha sempre uma predominante, a qual deve mais cultivar e desenvolver. Não deve o médium forçar o desenvolvimento de faculdades que não possui, tal atitude é um grande equívoco, devendo ser evitado, até porque tal proceder pode vir a enfraquecer as que possui. É um reflexo do nosso orgulho de desejar tudo ter e possuir.

É importante ressaltar, contudo, não significar ser médium apenas conseguir dar comunicabilidade aos Espíritos, mas vai muito além. Ser médium é ser um verdadeiro discípulo do bem e do amor, pois ao procurar estudar, melhorar-se dia a dia e crescer moralmente, irá contribuir para que o intercâmbio seja regenerador, em benefício da reforma geral da humanidade e de si mesmo. Ser médium é vivenciar o Evangelho de corpo e de alma, amando, perdoadando e auxiliando nossos irmãos a crescerem e a evoluírem.

Quanto mais equilibrado e moralizado é o médium, mais controle terá de sua faculdade, fazendo com que o fenômeno ocorra mais a nível mental. Kardec, abordando sobre o bom médium, ensina:

[...] bom médium [...] não é aquele que comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e somente deles tem assistência. Unicamente neste sentido é que a excelência das qualidades morais se torna onipotente sobre a mediunidade.<sup>42</sup>

## 17. Qual o objetivo da mediunidade?

O objetivo da mediunidade é fundamentalmente moral. Kardec, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, informa acerca do objetivo da mediunidade, asseverando terem os médiuns recebido o dom para “serem os intérpretes dos Espíritos para a instrução dos homens, para mostrar-lhes o caminho do bem e conduzi-los à fé”.<sup>43</sup> A mediunidade tem por finalidade, portanto, propiciar o meio de comunicação entre os Espíritos encarnados e desencarnados, auxiliando para a transformação moral e intelectual do ser humano, elevando-os para Deus.

A mediunidade não serve para atender nossa curiosidade acerca do mundo espiritual, saber sobre o futuro, para o comércio ou para a resolução de nossos problemas, mas essencialmente para servir, sendo uma ferramenta concedida por Deus para que possamos praticar a caridade, além de nos trazer a certeza da imortalidade da alma por meio do contato com o mundo espiritual. Assim, dentro dos princípios espíritas, não é o objetivo da mediunidade fazer sacrifícios, interrogar os astros, ler a sorte das pessoas, usar acessórios como medalhas e talismãs e usar sacramentais, mas trabalhar em benefício do bem, do amor e da caridade. Sua finalidade é seríssima e nobre, pois vem para suavizar os sofrimentos alheios, seja de encarnados ou de desencarnados.

A mediunidade permite a conscientização do homem acerca de suas responsabilidades como Espírito imortal. Por intermédio dos depoimentos dos desencarnados, compreende melhor sua destinação na Terra, sua vida presente e seu futuro. A mediunidade auxilia o ser humano a despertar para as verdades da vida, é um chamado para a evolução, para o progresso. É um sinal a dizer ter chegado o momento de a criatura ser mais útil a Deus.

Exatamente por isso a mediunidade é conferida sem distinção, independente de lugar, classe social, religião, tendo a criatura condição de levar a luz a todos que com ela convivam. Trazendo a mediunidade, então, maior entendimento sobre a vida, desperta sentimentos mais nobres, como a humildade, a compaixão, o respeito pelo próximo, facilitando o exercício da caridade. Aliada ao estudo contínuo, a mediunidade faz do homem

instrumento do amor.

A mediunidade, portanto, sendo útil e instrutiva à humanidade não deve ser repudiada, mas estudada e bem exercida, pois somente assim alcançará seu objetivo, elevando as criaturas. Quantas informações sobre o mundo espiritual e a imortalidade da alma nos são trazidas pela mediunidade? Quantos depoimentos emocionantes a nos servirem de alerta e de ensinamento? Proibir a mediunidade e condenar médiuns, como feito durante séculos na história da humanidade, representa evitar que Espíritos sofredores, nossos irmãos, recebam a assistência e o conforto moral que podemos oferecer, representando ato de egoísmo e falta de caridade.

Deste modo, podemos resumir o objetivo da mediunidade para os encarnados como meio de auxiliar no esclarecimento e no consolo do próximo, assim como na nossa reforma íntima e no progresso pessoal, por meio do trabalho bem executado. Permite, ainda, a aquisição de amigos na espiritualidade e o conhecimento do plano espiritual, ajudando-nos sobremaneira na hora do desencarne. Já para os desencarnados sofredores, a mediunidade tem como finalidade promover maior e melhor compreensão do processo evolutivo, nos mundos material e espiritual, levando os Espíritos a entenderem sua situação e a buscarem mudanças construtivas, com confiança em Deus e no seu infinito amor e misericórdia. Assim, todas as vezes que utilizarmos a mediunidade para praticar a caridade, cumprimos corretamente a nossa missão.

## 18. Como se classificam a mediunidade e os médiuns?

A mediunidade, quanto ao tipo, pode ser natural ou de prova. A natural é conquista do Espírito, todos nós a possuímos, estando em alguns mais aflorada e em outros mais sutil, a depender do nível evolutivo de cada indivíduo. Todas

as conquistas realizadas pelo Espírito no campo de suas percepções espirituais e fluídicas fazem parte deste tipo de mediunidade, tais como sentimentos, intuições e inspirações, sendo por isso a afirmação de que todos são mais ou menos médiuns. A mediunidade natural é um atributo do ser humano, tal qual a inteligência. À medida que o homem evolui, a mediunidade natural amplia-se e a criatura apresenta, naturalmente, cada vez mais percepções mediúnicas, passando a não ser a ostensividade privilégio de alguns, como vemos hoje na Terra.

A mediunidade de prova ou provacional é concessão temporária durante a reencarnação, tendo por objetivo a realização de uma tarefa na área da mediunidade e pela qual precisará o Espírito prestar contas do seu uso. Por seu intermédio pode o indivíduo resgatar erros do passado e evoluir. Apresenta-se de forma bem caracterizada, a chamada mediunidade ostensiva, apresentando-se por efeitos patentes de determinada força e intensidade, conforme a organização do mediano seja mais ou menos favorável. A mediunidade de prova pode ser classificada como de efeitos físicos e de efeitos inteligentes, apresentando cada uma finalidade essencial.

A de efeitos físicos produz efeitos materiais ostensivos, percebidos por todas as pessoas, independente de apresentarem elas mediunidade bem caracterizada ou não. Aqui os efeitos agridem os cinco sentidos do homem – movimento de corpos inertes, ruídos, voz direta, curas, transporte de objetos – e têm como finalidade primordial chamar a atenção para a incredulidade humana acerca da imortalidade da alma e da sobrevivência dos Espíritos. A de efeitos inteligentes, de outro modo, ocorre na esfera subjetiva, sem ferir diretamente os cinco sentidos da criatura, mas sua racionalidade e seu intelecto. As comunicações inteligentes ensinam conceitos morais e filosóficos, auxiliando o homem a compreender os Espíritos e o mundo invisível.

Os médiuns, segundo o tipo de mediunidade que possuam, são classificados como de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais. Dentre os primeiros, os médiuns podem ser de: materialização, transfiguração, levitação,

transporte, bilocação, voz direta, pneumatografia, sematologia, tiptologia, transcomunicação instrumental e curadora. Os de efeitos inteligentes podem ser assim divididos: inspiração, intuição, vidência, audiência, psicometria, desdobramento, psicografia, psicofonia, sonâmbulos, pressentimentos, proféticos, extáticos, pintores, músicos, polígrafos, políglotas e iletrados. O detalhamento de cada classe de médiuns dar-se-á nas perguntas subsequentes.

## 19. Quais as características e os tipos de efeitos físicos?

Os médiuns de efeitos físicos podem ser facultativos, que têm consciência de sua mediunidade; e involuntários ou naturais, sem consciência de suas faculdades.<sup>44</sup> Para que os fenômenos físicos ocorram é necessária a emanção de um fluido específico por parte do médium, o qual chamamos de ectoplasma. A emissão desse fluido animalizado poderá ser mais ou menos abundante, fazendo com que os médiuns sejam mais ou menos potentes e, por via de consequência, seus efeitos. Importante destacar não ser a emissão de ectoplasma permanente, havendo assim intermitência do poder mediúnicos.

Para a realização dos fenômenos – objetos que se movem, elevam-se, dão saltos, giram com violência, dão golpes na textura – só o volume do objeto importa, pois neste caso a força medianímica do médium pode ser insuficiente para vencer a sua resistência, sendo irrelevantes aspectos como: forma do objeto ou a sua substância, o dia, a hora ou o tempo. O Espírito desencarnado combina uma parte do fluido universal com o fluido animalizado emitido pelo médium, criando um ectoplasma elaborado, com o qual anima a matéria de uma vida fictícia, saturando-o com aquele fluido e fazendo com que o mesmo obedeça ao seu desejo e comando. Assim, não usa o Espírito sua mão, força muscular ou algum objeto para promover os fenômenos, mas tão somente sua inteligência e vontade.

Normalmente são Espíritos inferiores, ainda não despojados de toda influência da matéria, os mais aptos para a realização de fenômenos físicos, pois como seus perispíritos são mais densos e grosseiros, apresentam mais facilidade e força para operar os fluidos materiais. Os Espíritos Superiores podem fazê-los, mas usualmente coordenam os fenômenos e deixam aos inferiores a responsabilidade de os operacionalizar. Dentre as inúmeras manifestações físicas existentes – a serem detalhadas em questão posterior – as mais simples e frequentes são os ruídos e as batidas, apresentando som e timbre bastante variados, não sendo possível confundi-los, por exemplo, com o estalido de uma madeira ou o crepitar de fogo, são barulhos secos, em alguns momentos suaves, em outros claros e nítidos.

A finalidade primordial dos efeitos físicos é chamar a atenção do homem para a imortalidade da alma e para a sobrevivência dos Espíritos após a morte. A maioria dos Espíritos querem se divertir com o temor que causam, sendo mais levianos que maus, podendo também decorrer de uma vingança, de uma advertência ou mesmo de um pedido. Não se deve ter medo dos fenômenos, pois isso só prejudica. Conquanto a presença desses Espíritos possa ser inoportuna, não há perigo real, podendo o encarnado buscar descobrir a intenção do Espírito e como ajudar, lembrando servir a mediunidade para auxiliar no esclarecimento e no amparo ao nosso próximo.

Tal ajuda pode dar-se evocando o Espírito por intermédio de um médium confiável, oportunidade em que se poderá saber exatamente qual a sua necessidade e assim auxiliar com maior segurança. Alcançado o objetivo, cessa o fato. A prece é também muito útil, pois os bons amigos vêm ao amparo daquele que ora e auxilia Espíritos menos esclarecidos que ali estejam presentes. De todo modo, é importante estudar e conhecer sobre a mediunidade, pois o conhecimento da verdade liberta e evita inúmeros inconvenientes.

Vejamos agora os variados tipos de efeitos produzidos pelos médiuns de efeitos físicos:

**1. Tiptologia** – São os médiuns capazes de obter comunicações inteligentes por meio de pancadas, em algum objeto ou material rígido, produzindo ruídos.<sup>45</sup> Por esse mecanismo limitado não se consegue obter respostas mais elaboradas, restringindo-se a comunicações monossilábicas, normalmente com a designação de um número de batidos para “sim” e outro para “não”. A tiptologia pode ser alfabética, quando uma quantidade de pancadas significa certa letra do alfabeto ou determinado algarismo, segundo definição prévia. Foi o mecanismo de comunicação usado no início do Espiritismo.

**2. Sematologia** – Os Espíritos, por intermédio da tiptologia, usam uma espécie de linguagem de sinais, mímica, para indicar seus sentimentos e suas emoções, sua energia na afirmação ou na negação de algo.<sup>46</sup> Deste modo, por exemplo, certo movimento ou ruído pode ser acompanhado de violência quando da sua realização, dando um indicativo do como se encontra o Espírito. Golpes dados com força podem indicar cólera e impaciência; já a inclinação da mesa em forma de cumprimento pode demonstrar benevolência e polidez; a movimentação de um objeto com lentidão ou rapidez pode demonstrar doçura ou violência.

**3. Voz direta** – Também chamada de pneumatofonia, ocorre quando há a produção de gritos e sons vocais, em perfeita imitação da voz humana, podendo ocorrer ao nosso lado ou no ar. Não se confundem com sons acidentais, pois trazem pensamentos e ideias vindos de uma causa inteligente, os Espíritos. No caso, é possível desenvolver uma comunicação normal. Os sons diretos podem ser similares a uma voz externa, bem articulada, como se viesse de uma pessoa ao nosso lado, mas também dar-se de maneira interna, como uma voz íntima a repercutir em nosso ser, quando então deixa de ter o caráter material e físico aqui destacado, enquadrando-se na mediunidade de efeitos inteligentes, a ser posteriormente estudado.

**4. Pneumatografia** – É a escrita direta produzida pelos Espíritos sem o auxílio de intermediário, sem precisar de caneta, de objetos ou da mão do

médium, sendo suficiente pegar um pedaço de papel e aguardar alguns minutos, quando após se observará os rabiscos, frases ou textos trazidos pela espiritualidade. Segundo informações dos Espíritos, a substância utilizada para a escrita é produzida por eles mesmos, modificando o fluido cósmico universal e o fazendo sofrer as alterações necessárias ao efeito.<sup>47</sup> Pode produzir o lápis, a tinta, bem como os caracteres da escrita, conforme a sua vontade.

**5. Levitação** – Ocorre quando o Espírito ergue uma mesa, uma pessoa, uma poltrona ou outro objeto qualquer, impregnando-o em um fluido combinado, seu e do médium de efeitos físicos, dando a coisa uma vida aparente. Dependendo da força fluídica obtida, pode o Espírito fazer levitar, simultaneamente, uma pessoa sentada na cadeira, como aconteceu inúmeras vezes com Daniel Douglas Home.<sup>48</sup>

**6. Transporte** – Os Espíritos conseguem transportar, deslocar espontaneamente objetos de um lugar para outro, havendo mesmo penetração da matéria através da matéria, quando se introduz objetos em ambientes ou móveis fechados. Este tipo de fenômeno tem ação benevolente, transportando os Espíritos objetos graciosos e de modo delicado, normalmente flores, frutas, bombons, joias entre outros, precisando, contudo, serem objetos presentes em nosso planeta. Opera-se mais raramente e por intermédio de um único médium, tendo esse que apresentar mais concentração e difusão de fluidos, condição não obtida por todos os médiuns de efeitos físicos.

Além disso, é necessário existir certa afinidade entre o encarnado e o Espírito, permitindo uma perfeita combinação entre o fluido perispirítico do médium e do Espírito que realizará o transporte. Há casos em que só ocorre em estado sonambúlico. A ocorrência do fenômeno pode ser resumida em 3 etapas: 1) o Espírito desencarnado retira da natureza um objeto que não tem dono; 2) ocorre a desmaterialização desse objeto durante o transporte, com o envolvimento fluídico do objeto pelo Espírito, tornando-o invisível; 3) dá-se a materialização do objeto em local específico.

Fato interessante é que os objetos podem ser retirados de algum lugar qualquer ou ser criados pelos Espíritos e transportados para certo local, sendo exclusivo, nessa última hipótese, de Espíritos mais elevados. Tal criação é possível porque os Espíritos fazem a matéria etérea sofrer transformações à sua vontade, criando objetos, roupas e os desfazendo quando desejar, tornando-os visíveis, tangíveis e até com as propriedades da matéria.

**7. Materialização** – Fenômeno mediúnico que permite aos Espíritos tornarem-se visíveis e até tangíveis às pessoas em geral, ainda que não sejam médiuns videntes. Sua finalidade essencial é a comprovação da sobrevivência, individualidade e imortalidade do Espírito após a morte do corpo físico. Para sua realização, é necessário utilizar e movimentar vários fluidos – do médium, de outros encarnados, da espiritualidade e da natureza –, mas principalmente o ectoplasma do médium. Podem ser parciais ou completas. Na parcial o Espírito pode não aparecer fisicamente, mas provocar manifestações físicas, ou materializar apenas uma pequena parte do perispírito. Na completa todo o Espírito é materializado, havendo necessidade de muito ectoplasma. O médium fica em sono profundo e sem movimentos voluntários.

**8. Transfiguração** – O médium de efeitos físicos consegue dar a seu perispírito a aparência que desejar, mudando o aspecto geral da sua fisionomia ou lhe dando aparência luminosa. Nesta situação, o perispírito do médium, não isolado do corpo, irradia-se ao redor do corpo de maneira a envolvê-lo como um vapor, mudando de aspecto conforme a vontade de seu Espírito.

**9. Bilocação** – Num processo de emancipação da alma, o espírito do médium recobra parte de sua liberdade e se isola do corpo. Seu perispírito emancipado segue para outro local e adquire momentaneamente a tangibilidade, tornando-se presente fisicamente em dois lugares ao mesmo tempo, mostrando-se com todas as aparências da realidade. Nesse estado, o corpo físico do médium jamais estará normal, mas de uma forma mais ou menos estática. Assevera Kardec encontrar-se tal fenômeno na ordem dos naturais, por muito extraordinário que seja, decorrendo das propriedades de

perispírito e de uma lei natural. <sup>49</sup>

**10. Transcomunicação Instrumental** – Os médiuns de efeitos físicos permitem que a comunicação dos Espíritos ocorra por meio de aparelhos e equipamentos eletrônicos localizados no plano físico, como rádio, telefone, televisão e computador. O médium é utilizado como um doador de fluidos ectoplásmicos. Como livros sobre o tema mencionamos “A transcomunicação através dos tempos”<sup>50</sup> e “Ponte entre o aqui e o além – teoria e prática da transcomunicação”.<sup>51</sup>

**11. Curadora** – São os médiuns que possuem o poder magnético, o dom de curar as enfermidades orgânicas, aliviando as dores pela imposição das mãos ou pela prece. A fé, aliada ao magnetismo do médium e ao auxílio dos bons Espíritos, realiza os fenômenos de curas. Jesus era um médium curador em potencial. “A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas depende, também da energia da vontade” do médium curador.<sup>52</sup> A doação magnético-espiritual do passe, bem conhecida no meio espírita, serve de veículo de cura de enfermidades ou de alívio ao sofrimento do enfermo, podendo ser realizada diretamente na casa espírita ou à distância, quando opera pelos efeitos ideoplásticos do pensamento e da vontade.

20. Quais as características e os tipos de médiuns de efeitos inteligentes?

Os médiuns de efeitos inteligentes são os que produzem comunicações de caráter subjetivo, atuando diretamente na racionalidade e no intelecto do médium, são mensagens que trazem conceitos morais e filosóficos, auxiliando na compreensão do mundo espiritual. Existe uma variedade enorme de

médiuns de efeitos inteligentes, como: sensitivos, de pressentimentos, proféticos, audientes, de psicofonia, videntes, sonambúlicos, psicógrafos, artísticos, políglotas, polígrafos, de psicometria e iletrados. Vejamos cada um deles.

**1. Sensitivos** – São aqueles que tem a capacidade de perceberem e sentirem a presença dos Espíritos, podendo a impressão ser geral ou local, vaga ou material.<sup>53</sup> As ideias da espiritualidade são, muitas vezes, transmitidas sem o conhecimento do médium, vindo como uma ideia e podendo ocorrer quanto aos acontecimentos da vida cotidiana ou de atividades mais relevantes.

Essa sensibilidade é comum a todos os gêneros de mediunidade, como que uma qualidade geral, necessária para o desenvolvimento das demais. Os que têm mediunidade de inspiração e de intuição são incluídos na modalidade de médiuns sensitivos. Na inspiração, as sugestões mentais são desprovidas de sentimentos, num processo telepático entre Espírito e médium. Na intuição, que pode ser anímica<sup>54</sup> ou mediúnica, as sugestões mentais vêm carregadas de sentimentos, ficando o médium envolvido nas emoções positivas ou negativas do Espírito comunicante.

**2. Pressentimentos** – São os médiuns que têm uma intuição das coisas futuras, podendo ser algo vago ou mais preciso, dependendo de sua potência mediúnica. Quando as informações futuras são mais precisas e envolvem aspectos de interesse geral, servindo para a instrução da humanidade, os médiuns são chamados de Proféticos.

**3. Audientes** – São os médiuns que apresentem a capacidade de ouvirem os Espíritos, de uma forma nítida, clara, podendo dar-se como uma voz interior, na mente do indivíduo, ou exterior, como ouve um encarnado. Por esta mediunidade o médium pode dialogar com o Espíritos, transmitindo testemunhos ou instruções aos homens.

**4. Falantes ou de Psicofonia** – O médium recebe a comunicação do Espírito por meio da fala, atuando esse sobre o aparelho fonador daquele. Na psicofonia, o médium pode não ter completa consciência daquilo que

transmite, sendo classificado em consciente, semiconsciente ou inconsciente. Às vezes, traz informações completamente diferentes ao seu conhecimento.

**5. Videntes** – São os médiuns capazes de ver, de captar imagens do mundo espiritual, numa intensidade maior ou menor, e com relativa frequência. Em alguns, esta capacidade apresenta-se em estado de vigília, em outros apenas em estado de sonambulismo ou próximo desse. A vidência não se dá com os olhos do corpo físico, mas da alma, razão pela qual o médium enxerga mesmo com os olhos fechados.

Todos os Espíritos podem ser vistos, sejam bons ou maus, dependendo, contudo, tal visão de uma certa propriedade do perispírito do médium e do Espírito, devendo haver certa combinação fluídica entre ambos, afinidade ou disposição particular a permitir o fenômeno. As visões não ocorrem de modo permanente, diferentemente do que acontece em mundos mais avançados que a Terra, podendo ainda os Espíritos, durante a vidência, desenvolverem conversação articulada ou pelo pensamento.

Os médiuns videntes não veem todos da mesma forma. Conforme o grau de potência mediúnica, uns podem ver uma chama, outros um clarão, algo vaporoso ou, ainda, nítido como se vissem uma pessoa encarnada, podendo também visualizarem o Espírito de maneira completa ou parcial, quando então o médium enxerga apenas parte do perispírito.

**6. Sonâmbulos** – São os médiuns que durante o transe mediúnico atuam sob a influência do seu próprio Espírito em desdobramento, momento quando suas almas entram em contato com o plano espiritual, conversam com os Espíritos e trazem informações. Durante o estado de sonambulismo, os médiuns vivem a liberdade dos Espíritos desencarnados, praticamente não sentindo as limitações da matéria física.

**7. Psicógrafos** – Os médiuns transmitem as comunicações dos Espíritos por meio da escrita. Podem ser: mecânicos ou passivos, semimecânicos ou intuitivos. Os mecânicos escrevem de forma involuntária e não tem consciência daquilo que escrevem, conhecendo o conteúdo da mensagem

quando saem do transe. Os semimecânicos recebem, da mesma forma que os passivos, um impulso involuntário na mão, mas têm consciência do conteúdo da mensagem na hora em que escrevem. Os intuitivos recebem as mensagens apenas pelo pensamento, interpretam-na e a transmitem ao papel, sendo a mão guiada pela vontade do próprio médium, não do Espírito.

**8. Artistas** – São os médiuns que, sob a influência dos Espíritos, trazem manifestações de cunho artístico. Lembremos que o mundo pode se expressar, também, por meio da arte, que tem como base o sentimento. Segundo Kardec, as manifestações artísticas, quanto menor for o senso moral do artista, mais rudes e grosseiras serão.<sup>25</sup> Nestas manifestações, o Espírito comunicante e o médium precisam possuir o conhecimento artístico necessário, podendo esse ter sido adquirido em vidas pretéritas, no plano espiritual ou na atual encarnação.

Quanto melhor e mais profundo for o conhecimento do médium, mais belas obras serão produzidas. Dentro desta categoria de médiuns, podemos citar os médiuns: pintores ou desenhistas, músicos, versejadores, poéticos, literários e historiadores. Os médiuns pintores, desenhistas ou músicos podem ser mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados.

**9. Políglotas** – São médiuns que falam ou escrevem em idiomas estrangeiros. Também chamados de médiuns de xenoglossia. Assim como no caso dos médiuns artistas, é necessário ter o médium conhecimento prévio do idioma, tendo adquirido em vidas passadas, na erraticidade ou na vida presente. Quando a mensagem psicografada é escrita de modo invertido, ou seja, de traz para frente, com a leitura ocorrendo por intermédio de um espelho, designamos mediunidade especular.

**10. Polígrafos** – São os médiuns cuja escrita muda conforme o Espírito comunicante, podendo ainda, em casos mais raros, reproduzirem a letra que o Espírito tinha quando vivo. A alteração na escrita somente ocorre com os médiuns mecânicos ou semimecânicos, pois nesses casos o movimento das mãos é involuntário.

**11. Psicometria** – São os médiuns capazes de ler impressões ou recordações ao contato com objetos comuns. Tocando, ou mesmo só olhando o material, o médium entra em relação com as pessoas e os fatos relacionados ao mesmo, em função de o objeto encontrar-se saturado da influência pessoal do seu dono, permitindo ao médium sintonizar e acessar as informações. Ocorre de dois modos: percepção dos fatos impressos na aura do objeto ou por uma relação telepática, quando então o médium conecta-se com a mente do possuidor da coisa, esteja o mesmo encarnado ou desencarnado.

**12. Ilétrados** – São os médiuns que escrevem sem que saibam, quando fora do transe mediúnico, ler e escrever. São raros. Nesse caso há uma dificuldade material maior a ser vencida, considerando não ter sido o médium alfabetizado. Nesse caso os Espíritos precisam fazer com que o médium desenhe as letras, tornando a comunicação mais difícil e lenta.

## 21. Quais os sintomas da mediunidade?

A mediunidade, principalmente quando começa a aflorar, pode apresentar alguns sintomas desagradáveis e, caso não seja corretamente equilibrada e desenvolvida, pode trazer constrangimentos diversos. De início, vale ressaltar não ser a mediunidade a causa geradora dos distúrbios no organismo, mas sim a influência dos fluidos emitidos pelos Espíritos que se aproximam do médium, favorecendo ou não o desconforto, segundo suas qualidades morais.

Entretanto, nem todos os sintomas são sentidos pelas pessoas – que podem apresentar apenas alguns – e, mesmo assim, variar em intensidade de médium para médium. Além disso, o fato de se apresentar algumas sensações não significa, necessariamente, mediunidade, podendo decorrer de alguma desordem física, razão pela qual se orienta, primeiramente, a procura de um médico para se descartar eventual enfermidade material.

Em apresentando o indivíduo boa saúde, passa-se a considerar a possibilidade de mediunidade ostensiva. Dentre os muitos sintomas os mais comuns são: cérebro perturbado; entorpecimento geral dos sentidos normais, numa sensação de quase despersonalização; impressão de peso na cabeça e nos ombros; formigamento do corpo; adormecimento e inchaço das mãos, dos braços e das pernas; sensação de nó na área da garganta; zumbido no ouvido; mal-estar em lugares com muitas pessoas ou perto de determinadas pessoas; antipatias gratuitas e sono.

Há quem sinta, também, tremores e dores pelo corpo, sensações ou ideias estranhas, mudanças repentinas de humor e bipolaridade, crises de choro, síncope inexplicáveis, sensações de calor pelo corpo, arrepios de frio, como se passasse alguma coisa fria, como também palpitações. Podem os médiuns sentir, ainda, cansaço geral no organismo, sono muito profundo, insônia, nervosismo por motivos sem grande importância, desassossego, falta de ânimo para o trabalho, profunda tristeza, sentimento de angústia e vazio no coração.

Todos esses sinais, sozinhos ou em conjunto, são identificados em pessoas detentoras de mediunidade mais caracterizada, representando, de certo modo, o tipo de vibração apresentada pelo Espírito comunicante, embora muitas pessoas disso não façam ideia, acreditando encontrarem-se adoecidas.

Outros mais óbvios podem ser identificados, como percepções da existência de seres invisíveis no ambiente, a visualização de vultos ou de Espíritos, audição de vozes e o transe psicofônico, caracterizado pela manifestação expressa de um Espírito desencarnado por intermédio da pessoa.

Oportuno lembrar, ainda, a presença de fenômenos de efeitos físicos, os conhecidos barulhos e batidas nas paredes, os objetos que se movimentam, quebram-se ou se transportam sozinhos, sem justificativa plausível, indicando haver ali um médium. Diante desses indícios sugere-se que o indivíduo busque um centro espírita sério, fundamentado na codificação de Kardec, de modo a ser bem conduzido no âmbito da mediunidade, quando então terá as

sensações amenizadas à proporção que trabalha e se desenvolve corretamente. As percepções podem até desaparecer por completo ou em sua quase totalidade.

No centro espírita terá o médium oportunidade de estudar, inicialmente, a teoria do fenômeno e, após, desenvolvê-la de modo equilibrado e bem orientado, evitando riscos a si mesmo. O estudo prévio da mediunidade é fundamental para a compreensão do fenômeno e para dar ao médium condições de a controlar, ficando apto para intermediar qualquer tipo de comunicação, seja de Espírito superior ou de inferior.

Por fim, o estudo sério e regular da mediunidade permite ao médium compreender sua real finalidade, que é servir de auxílio e de amparo ao próximo, conforme nos ensinou o Mestre Jesus.

## 22. Existe uma idade para o aparecimento da mediunidade?

Não. Conquanto a pessoa nasça médium, sua mediunidade pode eclodir, isto é, iniciar o aparecimento dos primeiros fenômenos ou capacidade mediúnic, em qualquer fase da vida material, na infância, adolescência, fase adulta (que é o mais comum), ou na velhice, conforme estiver previsto no planejamento reencarnatório do indivíduo. A mediunidade, como já dito em perguntas anteriores, decorre de uma condição orgânica da pessoa, que teve o seu organismo preparado na espiritualidade para ser médium, para apresentar um corpo físico apropriado para tal desenvolvimento.

Destaca-se estarmos falando da mediunidade ostensiva, provacional, pois apenas essa tem condições de aflorar em épocas distintas da nossa existência física. A mediunidade natural, por outro lado, pertence a todo ser humano desde o nascimento, por ser conquista espiritual do homem. Deste modo, na mediunidade natural a criatura é cotidianamente influenciada pelos Espíritos,

desde criança, seja pela intuição ou pela inspiração.

Assim, a faculdade ostensiva, dependendo do planejamento reencarnatório de cada um e do trabalho que precisará o médium desenvolver com mediunidade, surgirá na época propícia para oportunizar ao homem a realização dos planos feitos e necessários ao seu aperfeiçoamento moral. Interessante destacar que o aflorar da mediunidade varia de pessoa para pessoa, apresentando-se em uns de forma natural, espontânea e tranquila, sem maiores inconvenientes físicos ou emocionais.

Para outros, entretanto, pode apresentar-se recheada de eventos que angustiam, perturbam, impacientam e, até mesmo, desequilibram emocionalmente a criatura, dependendo tal circunstância da necessidade de cada um. Essa é a forma mais comum em nosso planeta, por conta da nossa imperfeição moral. Assim, o aflorar da mediunidade não depende de idade, lugar, sexo ou condição social, podendo surgir em qualquer idade ou local, variando muito os sintomas, conforme a ação fluídica dos Espíritos que se aproximam do médium, se positivos ou negativos.

Quando a mediunidade aflora na fase infantil é normalmente protegida e controlada por Espíritos protetores – os chamados anjos da guarda – tecendo orientações e transmitindo avisos aos familiares. A criança deverá, não apenas quando apresentar mediunidade, mas sempre, ser encaminhada a uma evangelização infantil, para receber auxílio e orientação condizente com sua idade e capacidade de entendimento.

Na época da adolescência para a juventude, surgindo a faculdade mediúnica, o indivíduo já está apto a realização de estudos sérios e mais aprofundados acerca da Doutrina Espírita e, em especial, da mediunidade, podendo desenvolver a prática mediúnica nas casas espíritas sérias e de maneira a ser bem orientado. Na fase de maturidade ou na velhice, a mediunidade pode surgir em decorrência do progressivo enfraquecimento dos órgãos, proporcionando mais facilmente a expansão do perispírito, a diminuição das ações da vida prática, a introspecção da mente e a percepção

do mundo espiritual.

O momento de eclosão da mediunidade é de grande importância, visto que se for bem orientada e conduzida, trará excelentes benefícios ao medianeiro, como a todos que forem direta ou indiretamente auxiliados pela mesma. Todavia, nem todos recebem esta assistência no desabrochar da faculdade, seja por ignorância, temor, desinteresse ou mesmo aspectos religiosos, fazendo com que os medianeiros passem por variadas dificuldades. Não raro, somente após irem a muitos médicos tentando curar algo que não é orgânico, o indivíduo procura uma casa espírita para, numa última alternativa, encontrar uma resposta para a sua condição.

Certamente receberá na casa espírita o devido esclarecimento, sem misticismo ou práticas consideradas não doutrinárias, quando então ser-lhe-á oferecido estudos da Doutrina Espírita e, em sendo o caso, tratamento de cunho espiritual. No momento certo, terão os médiuns iniciantes condições de participarem de estudo para a educação da mediunidade, a fim de que possam tornar-se servidores do Mestre no campo mediúnico.

Os dirigentes espíritas procurarão auxiliar com paciência e instruir com bondade os médiuns iniciantes, especialmente os que tiveram a eclosão em situações mais difíceis e provacionais. No princípio do desenvolvimento mediúnico é comum os médiuns estarem em constante contato e influência de Espíritos inferiores, sendo necessário bastante atenção e cautela por parte do dirigente mediúnico para que tais Espíritos não assumam o comando dos médiuns, ainda não suficientemente preparados para neutralizar citadas influências.

O indivíduo, ao ver eclodir sua mediunidade, caso almeje trabalhar e se desenvolver nesse campo de trabalho, precisa estar bem consciente de suas responsabilidades e o que significa ser detentor desta faculdade, para que não se perca os frutos de tão belo instrumento de evolução e de progresso. Lembremos, contudo, estar a Espiritualidade amiga sempre a postos para nos ajudar, desde que, obviamente, percebamos em nós boa vontade e desejo sincero

de seguir na mediunidade com Jesus. Fiquemos, portanto, alertas à vivência do Evangelho Redivivo, ao estudo, ao trabalho no bem e ao amor a Deus e ao próximo.

Agindo assim, estaremos sempre prontos a lidar com a mediunidade, aflore ela em qualquer tempo e lugar, pois mais importante que a idade em si, é o entendimento e o compromisso assumido pela criatura com Deus e consigo mesma.

### 23. Como lidar com a mediunidade na infância?

De início, cabe esclarecer que nem tudo aquilo que parece mediunidade na infância de fato é, pois as crianças têm naturalmente uma predisposição para perceber o plano espiritual até os sete anos de idade, independentemente de terem mediunidade ostensiva. Isso porque a criança está há pouco tempo encarnada, sua reencarnação meio que não se completou totalmente, estando ainda muito ligada ao plano espiritual, é como se estivesse meio lá meio cá.

Por conta desta proximidade com a vida da espiritualidade, a criança interage facilmente com os Espíritos, muito comum nos conhecidos amiguinhos invisíveis. Contudo, tal percepção do plano espiritual não significa ser ela portadora de mediunidade ostensiva. Normalmente, após os sete ou oito anos de idade, a percepção do plano espiritual diminui ou cessa por completo, passando a criança a se envolver com as vivências do mundo material e a se desligar do mundo espiritual, escasseando as manifestações.

Mesmo nos casos onde a criança é detentora de mediunidade, normalmente essa diminui depois dos sete anos e reaparece na adolescência ou na maturidade, quando a pessoa apresenta condições de estudar, de compreender e de bem desenvolver a faculdade. Contudo, há casos onde não há suspensão da mediunidade, quando então a criança, durante toda a

infância, vê, fala, ouve e interage com a espiritualidade, como no caso do saudoso Francisco Cândido Xavier e da médium Yvonne Pereira, que relata ao comentar sobre a sua faculdade nativa:

Aos quatro anos de idade já eu me comunicava com Espíritos desencarnados, através da visão e da audição: via-os e falava com eles. Eu os supunha seres humanos, uma vez que os percebia com essa aparência e me pareciam todos muito concretos, trajados como quaisquer homens e mulheres. [...] jamais me surpreendi com a presença deles. Uma dessas personagens era-me particularmente afeiçoada: eu a reconhecia como pai e a proclamava como tal a todos os de casa, com naturalidade, julgando-a realmente meu pai e amando-a profundamente. Mais tarde, esse Espírito tornou-se meu assistente ostensivo, auxiliando-me poderosamente a vitória nas provações e tornando-se orientador dos trabalhos por mim realizados como espírita e médium.<sup>56</sup>

Para as crianças nessa condição, que são médiuns naturais e a faculdade se mostra espontânea, sua constituição física se presta a tal ocorrência, tendo sido certamente preparadas para tal mister, estando acompanhadas e auxiliadas por seu Espírito protetor ou anjo da guarda, como mais comumente designado, não havendo razão para temores.

Fator importante é a postura dos pais diante da mediunidade na infância. Como devem proceder? Em qualquer situação, o indicado é agirem com naturalidade, visto ser a mediunidade algo natural e intrínseco ao homem. No primeiro ciclo, até os sete anos, não se recomenda estimular o seu desenvolvimento, pois não apresenta a criança maturidade intelectual necessária para compreender todas as nuances da faculdade, assim como os meios de defesa diante de uma influência de Espíritos inferiores. Vejamos as orientações trazidas em “O Livro dos Médiuns” acerca da inconveniência de desenvolver a mediunidade na infância:

Certamente, e sustento mesmo que é muito perigoso, pois que esses organismos débeis

e delicados sofreriam por essa forma grandes abalos, e as respectivas imaginações excessiva sobre-excitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias, ou, quando nada, não lhes falar do assunto, senão do ponto de vista das consequências morais.<sup>57</sup>

De outro modo, também não se deve negar o fenômeno, dizendo ser coisa da imaginação ou, ainda, incutir medo, afirmando ser ação do “demônio”. Tal comportamento em nada contribui e, na verdade, só dificulta a aceitação e o desenvolvimento futuro da mediunidade. Dizendo ser imaginação, a criança pode acreditar ser louca, que é a única a vivenciar tais situações e acaba entrando num processo de angústia e de desequilíbrio emocional. Afirmado ser algo relacionado ao diabo ou aos Espíritos maléficos, os genitores incutem temor desnecessário e prejudicial, contribuindo para a formação de um adulto inseguro e distante da mediunidade.

Outro questionamento comum é se haveria uma idade indicada para o início da mediunidade. Diz a Espiritualidade que, com exceção da mediunidade de efeitos físicos, por ser mais fatigante ao corpo, e a de psicografia, por conta da inexperiência infantil, não há idade apropriada, tudo dependendo do desenvolvimento físico e, principalmente, moral da criança, variando assim de indivíduo para indivíduo.<sup>58</sup> Não esqueçamos que a mediunidade exige estudo, seriedade, recolhimento, dedicação e disciplina, condições difíceis de serem cobradas da criança, havendo mesmo sério risco dela fazer da faculdade um brinquedo.

No caso, sugere-se levá-la para a evangelização infantil, muito comum nas casas espíritas, tendo a criança oportunidade de compreender, dentro da sua capacidade de entendimento e de modo natural, sobre a vida espiritual, a imortalidade da alma e os Espíritos. Além disso, sugere-se a realização do Evangelho no lar e a aplicação de passes, com a finalidade de abrandar as manifestações naturais no período infantil.

## 24. Como o médium pode falar em um idioma que não conhece?

Quando o médium fala ou escreve em idioma estrangeiro, que lhe são desconhecidos, dá-se o nome de mediunidade *poliglota* ou de *xenoglossia* (do grego *xenom* = estrangeiro + *glossa* = língua), sendo bastante raros.

O médium, para que possa transmitir mensagens em outros idiomas, normalmente teve um contato prévio com a língua, podendo esse ter ocorrido em reencarnações anteriores ou no plano espiritual, no intervalo entre uma encarnação e outra. Contudo, não se pode fazer disso uma regra, informando os Espíritos poderem vencer, momentaneamente, certa resistência material.<sup>59</sup>

Os fenômenos de *xenoglossia* podem ser verificados em vários tipos de mediunidade: na psicofonia, na audiência, na psicografia, na voz direta e na escrita direta. Considera-se uma das mais importantes comprovações da existência e da presença de inteligências espirituais completamente externas ao médium. A linguagem universal dos Espíritos é o pensamento, sendo compreendida por todos, mesmo entre encarnados, como nos casos de telepatia.

O Espírito, quando se comunica com o médium o faz pelo pensamento e não por uma linguagem articulada em determinado idioma. Em havendo necessidade de se manifestar pela fala, o Espírito utiliza a linguagem do médium, o seu vocabulário e, naturalmente, o seu idioma. Todavia, há situações excepcionais onde o Espírito entende ser viável comunicar-se em outra língua, quando se dá a mediunidade *poliglota*.

Os Espíritos elucidam não estarem todos os médiuns aptos a este tipo de comunicação. Em regra, é mais fácil utilizar o próprio idioma do médium, havendo menos empecilhos materiais a serem superados.<sup>60</sup>

A manifestação dos Espíritos em um outro idioma dificilmente apresenta utilidade de ordem prática, quando observada nas reuniões mediúnicas, pois um dos aspectos mais importantes das comunicações é o aprendizado que

traz, para os encarnados e os desencarnados. Considerando limitar a comunicação em língua estrangeira o aprendizado dos demais, não é muito usual.

As ideias do Espírito comunicante chegam à mente do médium sob a forma de imagens, as quais são captadas e decifradas pela mente do médium, passando a transmiti-las conforme o seu entendimento pela escrita ou pela fala. Sobre o tema, Kardec ensina:

O Espírito que se quer comunicar compreende, sem dúvida, todas as línguas, pois que as línguas são a expressão do pensamento e é pelo pensamento que o Espírito tem a compreensão de tudo; mas, para exprimir esse pensamento, torna-se-lhe necessário um instrumento e este é o médium. A alma do médium, que recebe a comunicação de um terceiro, não a pode transmitir, senão pelos órgãos de seu corpo. Ora, esses órgãos não podem ter, para uma língua que o médium desconheça, a flexibilidade que apresentam para a que lhe é familiar.<sup>61</sup>

Existem manifestações que não podem ser consideradas como mediunidade poliglota, pois são repetições de palavras sem sentido, sem qualquer relação com a temática abordada ou, ainda, balbucios imitando sons de um idioma estrangeiro, mas completamente ininteligíveis. Tais ocorrências, conhecidas como *glossolalia*, são observadas geralmente em processos obsessivos graves.

Há, ainda, situações raras de psicografia em língua estrangeira e invertida, quando é escrita de trás para frente, necessitando de um espelho para que possa ser lida e compreendida, sendo chamada de mediunidade *especular*.

Ernesto Bozzano, em *Literatura de “Além Túmulo”*<sup>62</sup> e *“Xenoglossia”*<sup>63</sup>, apresenta vários casos de mediunidade poliglota, observados em diversos países da Europa e na América do Norte, com destaque para o músico Florizel Von Reuter, que recebeu mensagens em mais de dez idiomas diferentes, tais como russo, húngaro, norueguês, polonês, holandês, lituano, irlandês, persa,

árabe, entre outros.

## 25. O que é mediunidade consciente, semiconsciente e inconsciente?

Durante o transe mediúnico, a lucidez do médium pode sofrer variações, dependendo do tipo de comunicação e de aptidão mediúnica, podendo dar-se de modo *consciente*, *semiconsciente* e *inconsciente*. O medianeiro, portanto, pode ter lembrança completa, parcial ou não ter recordação do conteúdo das comunicações.

Na **mediunidade consciente ou intuitiva**, a mensagem é transmitida mente a mente, de forma telepática, tendo o médium total conhecimento e lembrança das mensagens. Ele as recebe mentalmente, interpreta-as e as transmite com suas próprias palavras e características, considerando ser a ação do Espírito comunicante diretamente sobre o pensamento, sobre a alma do médium. O número de médiuns intuitos é bem significativo.

Conquanto mantenha consciência daquilo que escreve ou fala, a mensagem não é sua, não trazendo o seu pensamento pessoal, mas o da espiritualidade. Como o médium tem lucidez durante o transe, avalia e controla melhor a comunicação. O Espírito Áulus, em “Nos Domínios da Mediunidade”, apresenta-nos a trabalhadora Dona Eugênia, destacando ser excelente médium consciente, conseguindo auxiliar com eficiência os desencarnados por ela atendidos. Sua clara intuição, aliada à evolução moral e ao fato de se manter lúcida, favoreciam os trabalhos. Assevera o benfeitor:

Embora senhoreando as forças de Eugênia, o hóspede enfermo do nosso plano permanece controlado por ela, a quem se imana pela corrente nervosa, através da qual estará nossa irmã informada de todas as palavras que ele mentalize e pretenda dizer. Efetivamente apossa-se ele temporariamente do órgão vocal de nossa amiga, apropriando-

se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio, por intermédio das energias dela, mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado a quem empresta o seu carro físico, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência.<sup>64</sup>

Os Espíritos auxiliares, para que o processo de comunicação ocorra, fazem uma ligação nervosa entre o cérebro perispiritual do Espírito comunicante e a mente do médium, por intermédio do chakra frontal, razão pela qual mantem o medianeiro sua consciência. Há exteriorização do perispírito do médium, de alguns poucos centímetros, praticamente não se afastando do seu corpo físico.

É normal o medianeiro, principalmente no início do desenvolvimento mediúnico, apresentar dúvidas sobre a autenticidade da mensagem, se vem dele próprio ou de um Espírito, só cessando ou diminuindo tal incerteza com a prática, o estudo, o autoconhecimento e a experimentação constante.

Na **mediunidade semiconsciente**, o médium tem consciência do conteúdo da mensagem do Espírito no exato momento em que as palavras são ditas ou escritas. Existe uma maior exteriorização do perispírito do médium e o Espírito comunicante detém maior controle sobre o corpo físico do medianeiro, conseguindo expressar-se com mais liberdade. São bastante comuns.

Enquanto a mensagem está sendo transmitida, o médium, por saber o que está sendo dito e por sentir o padrão vibratório e a intenção do Espírito, pode controlar e filtrar a mensagem, evitando repassar palavras e/ou comportamentos inadequados ou desrespeitosos. A ligação acontece entre os centros cerebrais do perispírito e do corpo físico do médium, por meio do seu chakra frontal, permitindo-o lembrar de alguma coisa.

Após o término da mensagem, geralmente recorda do seu início ou final, recordando vagamente do conteúdo da mensagem em si. O indicado é que o médium interfira o mínimo possível, só mesmo o necessário para a

manutenção da ordem e do decoro da reunião.

A **mediunidade inconsciente**, também denominada de sonambúlica, acontece quando o médium desconhece o conteúdo da mensagem transmitida. No caso de psicografia, somente após o retorno do transe mediúnico, com a leitura, o médium saberá do seu teor. Na psicofonia pode não lembrar de absolutamente nada ou, talvez, ter uma sensação vaga, como um sonho pouco claro. São muito raros.

O desconhecimento da mensagem decorre de uma exteriorização completa do perispírito do medianeiro, não havendo ligação de seu cérebro perispiritual com o físico, dificultando ou impossibilitando o conhecimento da mensagem transmitida. Esta perda provisória do contato do médium com seus centros motores cerebrais permite ao Espírito exercer ação mais direta e efetiva sobre o seu organismo, a ser facilmente verificada por meio de gestos, entonação de voz etc.

É de fundamental importância destacar encontrar-se o médium, em Espírito, lúcido. Deste modo, tem ele condições de exercer certo controle sobre a comunicação, não permitindo ao Espírito agir com total liberdade, a não ser quando a educação da mediunidade é deficiente ou viciosa, situação em que o intercâmbio será dificultoso e haverá, certamente, a desarmonia dos trabalhos. Ainda na obra “Nos Domínios da Mediunidade”, conhecemos a nobre Dona Celina e sua mediunidade inconsciente, explicando o Espírito Áulus:

Celina [...] e sonâmbula perfeita. A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa. [...] perdendo provisoriamente o contato com os centros motores da vida cerebral. Sua posição medianímica é de extrema passividade. Por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de si, na exteriorização da própria personalidade. Isso, porém, não indica que a nossa irmã deva estar ausente ou irresponsável.<sup>65</sup>

## E completa o bondoso orientador espiritual:

É por essa razão que o hóspede experimenta com rigor o domínio afetoso da missionária que lhe dispensa amparo assistencial. Impelido a obedecer-lhe, recebe-lhe as energias mentais constringentes que o obrigam a sustentar-se em respeitosa atitude, não obstante revoltado como se encontra.<sup>66</sup>

Constata-se, assim, ser indispensável o estudo, o desenvolvimento disciplinado da mediunidade e a moralização do médium para que as comunicações ocorram conforme o planejamento da Espiritualidade Superior. Quanto mais preparado for o médium, independentemente de ser a comunicação consciente, semiconsciente ou inconsciente, o trabalho desenvolve-se praticamente sem intercorrências.

---

36. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 296.

37. *Id.* *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 329.

38. FRANCO, Divaldo. *Temas da vida e da morte*. Espírito Manoel Philomeno de Miranda. [s.l.]: FEB, 2014. Arquivo Kindle.

39. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 335.

40. Atos, 2:1 a 13.

41. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 348.

42. *Id.* *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 297.

43. *Id.*, *ibid.* p. 307.

44. *Id.* *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 118.

45. *Id.*, *ibid.* p. 213.

46. *Id.*, *Ibid.* p. 214.

47. *Id.*, *ibid.* p. 221.

48. *Id.*, *Ibid.* p. 115.

49. *Id.* *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 71.

50. ANDRADE, Hernani Guimarães de. *A transcomunicação através dos tempos*. São Paulo: Fé, 1997.

51. SCAFER, Hildegard. *Ponte entre o aqui e o além – teoria e prática da transcomunicação*. Tradução de Gunter Altmann. [s.l.] 1997.

52. KARDEC, Allan. *A Gênese*. 53 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 261.

53. *Id.* *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 266.

54. Da própria alma do médium.

55. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 271.
56. PEREIRA, Yvonne A. *Recordações da Mediunidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 200. p. 27.
57. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 308.
58. *Id., Ibid.* p. 309
59. *Id., Ibid.* p. 317.
60. *Id., Ibid.* p. 334.
61. *Id., Ibid.* p. 320.
62. BOZZANO, Ernesto. *Literatura de Além-Túmulo*. [s.l.]: Lachâtre, 1998. n.p.
63. *Id. Xenoglossia*. [s.l.]: FEB, 1980. n.p.
64. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade*. Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita. 2011. p. 32.
65. *Id., ibid.* p. 41.
66. *Id., ibid.* p. 42.

## Capítulo 4

# Mitos e verdades



26. Não quero ser médium, posso extinguir ou suspender minha mediunidade?

A mediunidade não pode ser extinta pelo simples fato de o médium não querer desenvolvê-la, como se pudesse desligar um “botão” no momento e na hora que desejasse. Não é assim, embora possa ele perdê-la ou tê-la suspensa, momentaneamente, em certas situações. Médiuns que assim pensam são considerados imperfeitos, sem o conhecimento da benção concedida. Cabe lembrar decorrer a mediunidade de uma condição orgânica, onde o corpo espiritual ou perispírito, antes da reencarnação, foi preparado para o desenvolvimento da mediunidade no plano material, de modo a moldar um corpo físico compatível com a faculdade a ser desenvolvida.

Se a pessoa veio para ter a faculdade, em algum momento ela irá aflorar,

na fase infantil, adulta ou mesmo quando mais idoso, queira a pessoa ou não. A predisposição orgânica existe, independentemente da vontade da criatura, razão pela qual não é possível o seu cancelamento livre e espontâneo pelo médium. Vale lembrar existirem dois tipos de mediunidade: a natural e a provocacional. A primeira, todos a temos, sendo uma conquista do nosso Espírito, caracterizando-se pela capacidade de sermos intuídos e inspirados pela espiritualidade. Muitas vezes temos ideias que acreditamos ser nossas, mas na realidade não o são, mas sim dadas pelos Espíritos que nos acompanham, positivos ou negativos, conforme a nossa sintonia mental.

A provocacional, por outro lado, somente algumas pessoas na Terra a detêm. Apresenta-se na capacidade de interagir e perceber o plano espiritual de forma mais ostensiva e caracterizada, como por exemplo vendo, ouvindo e dando comunicações de Espíritos desencarnados. Neste caso, a mediunidade foi prevista e planejada para acontecer na encarnação atual, oportunidade em que todas as providências para tal mister foram previamente tomadas, incluindo aí o preparo do perispírito e do corpo físico. Assim, não há como o indivíduo que não deseja ser médium simplesmente extinguir algo que é orgânico.

Em “O Livro dos Médiuns”, Kardec abordou sobre a perda ou suspensão da mediunidade, tendo a espiritualidade explicado estar a faculdade sujeita a “intermitências e a suspensões momentâneas”, podendo acontecer com qualquer médium e com qualquer tipo de mediunidade, conquanto seja, normalmente, apenas uma suspensão temporária que finda com o motivo que lhe deu causa. Acrescenta não ter o médium poder sobre a faculdade, precisando sempre do auxílio dos Espíritos, de modo que pode continuar sendo médium, mas se lhe faltarem Espíritos que o assistam, nada obterá de concreto, dando a aparência de uma mediunidade suspensa.<sup>67</sup>

A suspensão temporária da mediunidade, portanto, é possível, sendo sempre um período de reflexão para o médium, razão pela qual é importante ter ele compreensão de seu papel e responsabilidade perante a espiritualidade. Quando alguns médiuns não compreendem a faculdade e o que ela significa,

utilizando-a irregularmente para a satisfação de seus interesses egoístas e materiais, a vontade de os Espíritos sérios se comunicarem reduz sobremaneira, pois mediunidade desvirtuada é causa para o afastamento dos bons Espíritos.<sup>68</sup> Vejamos o que diz Allan Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

Digamos, antes de tudo, que a mediunidade é inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como a de ver, de ouvir, de falar. Ora, nenhuma há de que o homem, por efeito do seu livre-arbítrio, não possa abusar, e se Deus não houvesse concedido, por exemplo, a palavra senão aos incapazes de proferirem coisas más, maior seria o número dos mudos do que o dos que falam. Deus outorgou faculdades ao homem e lhe dá a liberdade de usá-las, mas não deixa de punir o que delas abusa.<sup>69</sup>

O indivíduo vem médium para servir de instrumento aos Espíritos em prol da caridade, não para dela abusar, usando-a como profissão ou como meio de obter poder e reconhecimento. Logo, vendo o bom Espírito não estar o médium aproveitando as instruções recebidas, afasta-se e procura outro médium mais sério e confiável, atitude perfeitamente compreensível e previsível. Em situações como essas pode acontecer de um Espírito se afastar e outro se aproximar, pois que há sempre Espíritos desejosos de se comunicarem, quando então não haveria a suspensão da faculdade.

Entretanto, a Espiritualidade explica que o afastamento de um bom Espírito pode ser algo temporário, uma prova para o médium que terá sua paciência, fé e confiança testadas. Tal cometimento objetiva provar que sua faculdade não depende dele, não podendo dela se orgulhar e vangloriar, bem como para comprovar a existência de uma inteligência diferente do médium, pois de outro modo não haveria interrupções. Nesses casos, mesmo havendo outros Espíritos desejosos de se manifestarem, os bons Espíritos não o permitem. Deste modo, verifica-se nem sempre representar a intermitência uma punição, podendo mesmo representar ato de cuidado do Espírito para

com o médium, dando-lhe um repouso, quando então não permite, novamente, que outros Espíritos do medianeiro se utilizem.<sup>20</sup>

Nessas ocasiões, precisará o médium manter sua perseverança no bem e seguir trabalhando na seara do Cristo, mesmo sem a mediunidade, sem falseá-la ou usar de má-fé. É uma prova de integridade e oportunidade de reflexão. Para que o médium compreenda a razão pela qual a mediunidade foi suspensa, é ideal que estude sempre e compreenda o sentido e a finalidade da mediunidade, inquirindo a si se tem feito dela bom uso.

A correta compreensão da faculdade trará noção exata dos compromissos assumidos perante Deus, a Espiritualidade e nós mesmos, já que pedimos a mediunidade porque, no fundo, queríamos evoluir e resgatar nossos erros pretéritos. Tal postura, certamente, fará a criatura repensar o seu desejo de cancelar ou de suspender a mediunidade, começando a desenvolvê-la de forma correta e bem orientada, sempre com Jesus.

## 27. A mediunidade é sinal de evolução espiritual?

Dúvida muito usual entre os iniciantes no conhecimento da Doutrina Espírita é acreditar ser a mediunidade uma faculdade especial concedida a pessoas especiais, mais evoluídas e merecedoras do que o restante da humanidade. Os Espíritos dizem não estar o desenvolvimento da mediunidade ligado ao desenvolvimento moral do médium, visto ser essa uma faculdade orgânica, independendo da moral.<sup>21</sup> Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no item intitulado “Não são os que gozam saúde que precisam de médico”, confirma tal informação e assevera:

Há quem se admire de que, por vezes, a mediunidade seja concedida a pessoas indignas, capazes de a usarem mal. Parece, dizem, que tão preciosa faculdade deveria ser atributo

exclusivo dos de maior merecimento. [...]se só aos mais dignos fosse concedida a faculdade de comunicar com os Espíritos, quem ousaria pretendê-la? Onde, ademais, o limite entre a dignidade e a indignidade? A mediunidade é conferida sem distinção, a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos, para os fortalecer no bem, aos viciosos para os corrigir.<sup>72</sup>

Observa-se, então, não estar a mediunidade associada diretamente à moralidade, podendo ser encontrada em pessoas boas ou ruins, pois sendo um dos meios dados por Deus para o aperfeiçoamento do homem, não seria conforme Sua justiça prestigiar uns em detrimento de outros, permitindo que apenas alguns usufruíssem de certo mecanismo de progresso. Nossa razão repugna tal entendimento.

Inclusive, em “O Livro dos Médiuns”, Kardec questiona se, considerando ser a mediunidade uma missão, não seria mais apropriada concedê-la apenas a pessoas de bem e não aos que dela pudessem abusar, respondendo a Espiritualidade precisar ser ela concedida a todos que necessitam evoluir e se aprimorar. Acrescenta, ainda, poderem até estas pessoas optarem em não aproveitar ou seguir os ensinamentos recebidos, atitude pela qual serão responsabilizados, mas tal fato não é motivo de os privar do dom, estando o mesmo a disposição de toda a humanidade.<sup>73</sup>

A criatura pode ter uma faculdade mediúnica fantástica, percebendo fortemente o plano espiritual e os Espíritos, e ser moralmente atrasada, assim como o inverso, quando o indivíduo tem excelentes virtudes morais, mas não possui mediunidade ostensiva. Se o médium apresenta boa faculdade, mesmo sendo imperfeito pode obter boas comunicações. Todavia, em havendo médium melhor, quanto à faculdade e à moralidade, o imperfeito será mais facilmente preterido pelos Espíritos Superiores.

Desta feita, os homens precisam procurar sua reforma íntima, adquirindo melhores condições de servir na mediunidade, com confiança e seriedade. Desejando o bem e afastando de nós o egoísmo e o orgulho, estaremos mais próximos de Deus e dos Espíritos Superiores que nos assistirão no bom e

regular exercício da faculdade mediúnica.

## 28. O que é mediunidade de “incorporação”?

A mediunidade de “incorporação” nada mais é do que um termo para designar a mediunidade de psicofonia ou falante, que é aquela na qual o médium recebe a comunicação do Espírito por meio da fala, atuando esse sobre o aparelho fonador daquele.

Não é adequada a utilização do termo “incorporação” como sinônimo de psicofonia, pois traz a ideia de que o Espírito sempre toma o corpo do médium, substituindo-o, o que não acontece senão em certas ocasiões designadas por Kardec, em “A Gênese”, como possessão,<sup>74</sup> podendo essa ocorrer não apenas com médiuns psicofônicos, mas também com psicógrafos, desenhistas, entre outros. Parece-nos ser a incorporação, em verdade, uma particularidade mediúnica e não um tipo de mediunidade.

Kardec, na época da publicação de “O Livro dos Médiuns”, ainda não acreditava ser possível um Espírito se substituir à alma do encarnado, na chamada posse física, tendo alterado seu ponto de vista somente na publicação de “A Gênese” e da Revista Espírita, de 1863, manifestando-se nos seguintes termos:

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar do vocábulo, mas subjugados. Mudamos de opinião sobre essa afirmativa absoluta, porque agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, posto que parcial, de um Espírito encarnado por um Espírito errante. Eis um primeiro fato que o prova, e que apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade.<sup>75</sup>

Na possessão acima mencionada, o Espírito diz ter aproveitado “o momento em que o Espírito da Sra. A..., a sonâmbula, estava afastado do corpo, para tomar-lhe o lugar” e que, conquanto estivesse na posse momentânea do seu corpo, não podia nele permanecer porque o Espírito do encarnado, mesmo quando se afasta temporariamente, está sempre ligado ao seu corpo, não podendo o Espírito comunicante romper tal laço.

A possessão, quando de um bom Espírito, não traz qualquer inconveniente ou mal-estar ao médium, sendo mesmo inocente. Tratando-se de um mau Espírito, diferentemente, a ocupação do corpo não se dá de modo natural e moderado, mas violento, pois muitas vezes movido pela maldade. O Espírito, nesses casos, pode ter como objetivo maltratar e torturar o mediano, usando mesmo palavras desrespeitosas para com os que ali estiverem. Citamos, como exemplo, o caso da senhora Júlia, citada por Kardec, *in verbis*:

Há cerca de seis meses ela tornou-se presa de crises de um caráter estranho, que sempre ocorriam no estado sonambúlico, que, de certo modo, se tornara seu estado normal. Ela se torcia, rolava pelo chão, com se se debatesse em luta com alguém que a quisesse estrangular e, com efeito, apresentava todos os sintomas de estrangulamento. Acabava vencendo esse ser fantástico, tomava-o pelos cabelos, dava-lhe sopapos e lhe dirigia injúrias e imprecações, apostrofando-o incessantemente com o nome de Fredegunda, infame regente, rainha impudica, criatura vil e manchada por todos os crimes, etc. Pisoteava como se a calcasse aos pés com raiva e lhe arrancava as vestes. Coisa bizarra, tomando-se ela própria por Fredegunda, dava em si própria redobrados golpes nos braços, no peito e no rosto, dizendo: “Toma! Toma! É bastante, infame Fredegunda? Queres me sufocar, mas não o conseguirás; queres meter-te em minha caixa, mas eu te expulsarei.” [...] Um dia, para se livrar de sua adversária, ela tomou de uma faca e vibrou contra si mesma, mas foi socorrida a tempo de evitar-se um acidente.

A psicofonia pode ser consciente, semiconsciente ou inconsciente, dependendo do grau de lucidez do médium acerca daquilo que transmite. Na psicofonia consciente e semiconsciente, o Espírito, ao se manifestar, não ocupa o corpo do médium, existindo na verdade uma aproximação fluídica e

perispiritual entre ambos. O fenômeno é sempre de perispírito a perispírito, ficando lado a lado e unidos para facilitar a ligação mental entre Espírito comunicante e médium.

O médium tem, contudo, consciência, total ou parcial, do conteúdo da comunicação, pois a conexão é essencialmente mental e não corporal. Hermínio Miranda assevera dar-se essa união por uma

espécie de acoplamento dos respectivos perispíritos na faixa da aura, onde, em parte, se interpenetram. [...] é a ligação entre ambos pelos terminais do perispírito de cada um, como o plugue de eletricidade se liga numa tomada. [...] o médium cede espaço para que o manifestante tenha acesso aos seus comandos mentais [...] e, dessa forma, possa movimentar-lhe os instrumentos necessários à fala, ao gesto, à expressão de suas emoções e ideias.<sup>76</sup>

Para que a comunicação ocorra há um desdobramento parcial do perispírito do médium, cedendo espaço para o acoplamento. Nos momentos iniciais do transe mediúnico, com o envolvimento fluídico existente entre Espírito e médium, esse capta as sensações, boas ou ruins, emitidas por aquele. Durante o transe propriamente dito, percebe o médium os sentimentos e as ideias do Espírito, numa justaposição de cérebro a cérebro, captando intenções, estado psicológico, memória, trejeitos e outras características da sua personalidade, reforçando a errônea ideia de ter o Espírito incorporado no médium, substituindo-se a esse.

O médium, nesses casos, apenas dá espaço para que o Espírito por ele se manifeste, mantendo o controle dos seus atos e do seu corpo, principalmente quando é um médium educado na mediunidade, tendo estudado e aprendido a desenvolver a faculdade de forma correta e bem orientada.

Na psicofonia inconsciente, por outro lado, o Espírito comunicante não atua sobre a mente do médium, mas diretamente sobre os órgãos da fala. Aqui, diferentemente do observado na psicofonia consciente e semiconsciente,

ocorre um desprendimento completo do perispírito do médium, que se afasta totalmente do seu corpo físico e o empresta temporariamente ao Espírito comunicante, que o substitui, num processo real de incorporação ou de possessão.

Como se vê, não é possível designar todo e qualquer tipo de comunicação psicofônica como de incorporação ou de possessão, visto que nestes casos o Espírito,

em vez de agir exteriormente, [...] **se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado**; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois isso só se pode dar pela morte. [...] não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e obra [grifos nosso].<sup>ZZ</sup>

Tal entendimento, inclusive, já era defendido pelo professor da Universidade de Cambridge Frederic Myers, notável pesquisador dos fenômenos psíquicos, citado por Léon Denis na obra “No invisível”, tendo dito:

**Afirmo que essa substituição de personalidade, ou incorporação de espírito, ou possessão, assinala verdadeiramente um progresso na evolução da nossa raça.** Afirmo que existe um espírito no homem, e que é salutar e desejável que esse espírito, como se infere de tais fatos, seja **capaz de se desprender parcial e temporariamente de seu organismo**, o que lhe facultaria uma liberdade e visão mais extensas, **ao mesmo tempo em que permitiria ao espírito de um desencarnado fazer uso desse organismo, deixado momentaneamente vago**, para entrar em comunicação com os outros espíritos ainda encarnados na Terra [grifos nossos].<sup>Z8</sup>

O próprio Léon Denis, no trabalho acima mencionado, assim se posiciona

e assevera:

No corpo do médium, **momentaneamente abandonado**, pode dar-se uma substituição de Espírito. É o fenômeno das incorporações. A alma de um desencarnado, mesmo a alma de um vivo adormecido, pode **tomar o lugar do médium e servir-se de seu organismo material**, para se comunicar pela palavra e pelo gesto com as pessoas presentes.<sup>79</sup>

Pela ausência de entendimento e de estudo acerca deste processo, é comum encontrarmos pessoas, mesmo em centros espíritos sérios, querendo conter certo Espírito comunicante, em comunicações mais violentas e agressivas, segurando fisicamente o médium, como se o processo fosse corporal e não mental. Não se está tocando o Espírito, mas tão somente o médium, pois aquele fica próximo desse, ligado fluidicamente, mas não ocupando o seu corpo.

A força necessária deve ser psíquica e não física, buscando o médium esclarecedor, por meio da prece, conexão com a Espiritualidade Superior, solicitando auxílio para que uma contenção fluídica seja direcionada ao perispírito do Espírito, não ao corpo do mediano, pois são instrumentos diversos. À medida que se estuda seriamente o Espiritismo, seus fundamentos e o processo de comunicação mediúnica, a criatura compreende ser inadequado o vocábulo “incorporação” para designar mediunidade de psicofonia, refletindo tal atitude, em verdade, ausência de conhecimento doutrinário.

29. Existe vidência no copo, na vela e na bola de cristal?

Sim, é o que Kardec denominou de fenômeno dos “espelhos mágicos,

espirituais ou psíquicos”, sendo um meio de os médiuns obterem comunicações com o plano espiritual por intermédio de vidros, garrafas, copos vazios ou com água magnetizada, globos metálicos ou de cristal, velas etc. Ali conseguem os médiuns ver imagens representando acontecimentos passados, presentes ou futuros, tendo condições de responderem perguntas que sejam eventualmente a eles dirigidas.

Conquanto o Codificador tenha observado vários médiuns que apenas conseguiam ter a vidência por intermédio de tais objetos, não explicou completamente a teoria do fenômeno, mas deixou importantes considerações. No caso dos copos com água, verificou serem necessárias alguns procedimentos padrões para que a vidência ocorresse.<sup>80</sup>

Primeiramente o copo deve ser enchido, até a metade de água, sendo essa magnetizada pela imposição das mãos e, essencialmente, das extremidades dos dedos sobre a boca do copo, seguido da forte ação do olhar e do pensamento. O tempo ideal para a primeira magnetização deve ser algo em torno de dez minutos, sendo necessário um tempo menor nas subsequentes. A magnetização não deve ser realizada pelo próprio médium vidente, mas por outro médium especial ou mesmo pela pessoa que deseja receber a vidência. Segundo Kardec, o médium vidente não deve magnetizar a água pois precisará do seu fluido para ver através do copo de água.

Após magnetizada a água, põe-se o médium vidente diante do copo e começa a olhá-lo fixamente, até que ali surjam imagens ou mensagens escritas vindas do plano espiritual. O tempo para que a vidência real comece varia de médium para médium, requerendo no início do desenvolvimento da faculdade uns trinta minutos, mas com a experimentação reduz-se o tempo para alguns poucos minutos. Normalmente a imagem é espontânea, cabendo ao médium após a realização de uma prece pedindo a assistência dos bons Espíritos aguardar e dizer as imagens que vão se formando. Entretanto, também pode provocar o fenômeno por evocação.

Para que o fenômeno dos espelhos psíquicos ocorra, é preciso

recolhimento, sem o qual a faculdade não se desenvolve com facilidade, ficando perturbada. Aspecto interessante é precisar o médium manter os olhos abertos, podendo fechá-los apenas rapidamente para repousá-los, denotando uma variedade na mediunidade de vidência, quando normalmente o medianeiro visualiza estando com os olhos abertos ou fechados, já que é a sua alma que vê e não os olhos físicos. Tal mediunidade ocorre durante o dia ou à noite, mas neste último caso precisará de luz para que a vidência aconteça.

Nesta variação da mediunidade de vidência, assim como nas demais, o medianeiro precisa buscar a sintonia da Espiritualidade amiga, a prática do bem e da caridade, não se servindo da faculdade para coisas fúteis, para a satisfação da pura curiosidade, pois que cairá na perturbação de Espíritos inferiores e que se utilizarão de imagens ridículas ou mentirosas. Os videntes não veem quando querem e aquilo que desejam, mas tão somente o que os Espíritos querem fazê-los ver, ou têm permissão para mostrar, havendo um fim útil. Não se deve, deste modo, forçar nem a faculdade nos médiuns nem a vontade dos Espíritos.

Examinando a faculdade, Kardec identifica certa analogia com o fenômeno chamado de “segunda vista” ou “dupla vista”, já estudado no capítulo sobre “Emancipação da alma”, quando a alma do médium se emancipa em vigília e consegue ver coisas à distância. Acreditou Kardec tratar-se a vidência mediante os espelhos espirituais algo similar, no qual pudesse também ocorrer sem a presença de aparelho qualquer, pois seriam apenas acessórios para fixar o pensamento e os fluidos fluídicos do médium em desdobramento, concentrando-se ali a imagem. Perguntando aos Espíritos Superiores sobre a indispensabilidade ou não dos objetos para a vidência, obteve a seguinte resposta:

Estando o seu olhar concentrado no fundo do copo, o reflexo brilhante a princípio age sobre os olhos, depois sobre o sistema nervoso, e provoca uma espécie de meio sonambulismo, ou, mais exatamente, sonambulismo desperto, no qual o Espírito,

desprendido da matéria, adquire a clarividência, ou visão da alma, que chamais segunda vista. Existe uma certa relação entre a forma do fundo do copo e a forma exterior ou disposição de seus olhos. [...] Mesmo que aparentemente os copos sejam semelhantes, há no poder refletor e no modo de radiação, segundo a forma, a espessura e a qualidade, nuances que não podeis apreciar, e que são adequadas ao seu organismo individual.<sup>81</sup>

Após receber a sobredita orientação da Espiritualidade, Kardec deduziu três consequências: 1) quando a visão psíquica é espontânea ou permanente, não é necessária a utilização de objetos artificiais; 2) em sendo preciso superexcitar a faculdade não se pode dispensar o uso dos agentes externos; 3) os objetos são apropriados para cada organismo, aquele que tem ação sobre um médium, pode não ter qualquer influência sobre outro.<sup>82</sup> Kardec conclui suas observações entendendo serem os espelhos psíquicos, na realidade, agentes hipnóticos para o despertar da lucidez espiritual, que podem variar em suas formas e efeitos segundo a natureza e o grau de aptidão de cada médium vidente.

### 30. Qual a visão do Espiritismo sobre os leitores da sorte?

Os leitores da sorte, também conhecidos como cartomantes, nada mais são do que médiuns utilizando a mediunidade para prever o futuro e, normalmente, mediante pagamento financeiro. Segundo a Doutrina Espírita, não se deve cobrar pelo uso da mediunidade, fazendo dela um comércio, com base no “dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes”.<sup>83</sup> É o que significa mediunidade com Jesus.

A mediunidade é um dom dado gratuitamente por Deus para que a criatura possa fazer a caridade, servir em Seu nome, de modo a aliviar a dor e o sofrimento de seus irmãos, como um mecanismo de divulgação da fé. Jesus,

por isso, sempre recomendou não se fizesse da faculdade mediúnica objeto de comércio ou meio de vida. Vejamos “O Evangelho Segundo o Espiritismo” quando afirma:

A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. **O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo.** Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam [grifos nossos].<sup>84</sup>

A mediunidade, como já visto, não é privilégio de pessoas especiais, podendo ser encontrada em toda parte para auxílio às pessoas, de modo que cobrar pelo seu uso significa desvirtuar sua razão de existir. Inclusive, os bons Espíritos têm repulsa por aqueles que comercializam a faculdade, afastando-se desses médiuns imperfeitos e egoístas. Não se pode imaginar que Espíritos Superiores percam seu tempo com médiuns desse jaez.

Vale ressaltar, ainda, não ser apenas a retribuição pecuniária condenada pelo Espiritismo, mas qualquer tipo de interesses contrários à caridade. Muitos médiuns não exigem retribuição pecuniária, mas têm ambições outras baseadas em interesses pessoais, como sucesso, reconhecimento público, satisfação da vaidade, busca pelo poder etc. Assim, o Espiritismo alerta para o uso inadequado da mediunidade pelos leitores da sorte, mas também por aqueles que a utilizam de maneira inadequada, movidos pelo orgulho e pelo egoísmo.

Outro aspecto trazido pelo Espiritismo para demonstrar não ser correto cobrar pelo uso da mediunidade é o fato de ser esta fugidia, móvel, não se podendo contar com sua perenidade para dela sobreviver, pois não raro é suspensa pela Espiritualidade Superior exatamente em função do seu uso

inadequado. Acertadamente ressalva “O Evangelho Segundo o Espiritismo” não decorrer a mediunidade de um talento, não podendo ser encarada como dom artístico e, como tal, tornar-se profissão. Sem o auxílio dos Espíritos a faculdade inexistente.<sup>85</sup> Verifica-se, deste modo, não ter o médium condições de garantir, quando e onde deseje, a obtenção do fenômeno.

Os leitores da sorte, ao comercializarem sua faculdade, estão adquirindo pesados débitos perante a Justiça Divina, pois lembremos que muito será pedido aos que bastante receberam. Quão triste é retornar ao plano espiritual como médium falido, tendo desperdiçado uma reencarnação e uma sublime oportunidade de progredir com Jesus. Ao médium cabe refletir seriamente sobre suas responsabilidades e obrigações no exercício da mediunidade, renunciando aos próprios interesses pessoais se almeja ter a consciência tranquila e alcançar um dia a perfeição e a felicidade.

Tal reflexão é de fundamental importância, até porque os médiuns, em geral, são criaturas que muito falharam no pretérito e que, agora, buscam quitar-se com a lei à custa de pesados compromissos. Não são os médiuns, portanto, missionários na acepção usual do termo, mas almas imperfeitas e sujeitas a oscilações vibratórias, em busca da redenção pelo trabalho e pela doação.<sup>86</sup> Por fim, recordemos a advertência de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” ao dizer que “a primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material”.<sup>87</sup>

### 31. Qual a influência da moral do médium nas comunicações?

O modo como o medianeiro utiliza a sua faculdade é de fundamental importância para o resultado, positivo ou negativo, obtido com a mediunidade. Conquanto a faculdade em si seja orgânica, independente da

moral do médium, o mesmo não acontece com o seu uso, que depende essencialmente de seus valores morais.<sup>88</sup>

Os efeitos decorrentes da mediunidade sofrerão influência direta dos valores e princípios éticos do médium, razão pela qual o Espírito Emmanuel alerta que a grande necessidade do medianeiro é “evangelizar-se a si mesmo”, dizendo vencer nos labores mediúnicos o médium que “detiver a maior porcentagem de sentimento”.<sup>89</sup>

A moral do médium influencia diretamente no fenômeno mediúnico em si. Para que o Espírito possa se comunicar por intermédio do médium é indispensável haver identificação entre ambos, existindo simpatia e afinidade. A alma do médium exerce sobre o Espírito certa atração ou repulsão, segundo o grau de semelhança verificado.<sup>90</sup> O Espírito Erasto assevera:

Em tese geral, pode afirmar-se que os Espíritos atraem Espíritos que lhes são similares e que raramente os Espíritos das plêiades elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, bons médiuns, numa palavra. Os médiuns levianos e pouco sérios atraem, pois, Espíritos da mesma natureza; por isso é que suas comunicações se mostram cheias de banalidades, frivolidades, ideias truncadas e, não raro, muito heterodoxas, espiriticamente falando.<sup>91</sup>

Esta identificação, para existir, depende da *afinidade fluídica* e *sintonia vibratória* entre médium e Espírito. A primeira decorre de uma disposição inata do organismo do médium e do Espírito, sem relação com valores morais ou pendores. A facilidade da comunicação é influenciada pela semelhança existente entre os fluidos emitidos por ambos, interferindo na maior ou menor impressão sentida pelo médium durante o transe mediúnico.

Em decorrência da afinidade fluídica, certo médium pode ser um bom intermediário para um Espírito e não o ser para outro. Todavia, com o desenvolvimento, a prática e o exercício continuado da mediunidade, o médium vai tornando-se mais flexível, conseguindo identificar-se com um

maior número de Espíritos.

A sintonia vibratória, por outro lado, refere-se à identidade de valores morais existentes entre médium e Espírito comunicante. O Espírito, para conseguir assimilar os pensamentos de outro, precisa emitir ondas mentais na mesma frequência vibratória, fator influenciado diretamente pelos princípios éticos de cada um. Moral similar é motivo de atração, mas quando diferente é causa de repulsão. Sem sintonia vibratória, a comunicação tem grandes dificuldades de se operar, pois o médium não capta as ideias do Espírito.

Sendo assim, quanto mais moralizado for o médium, melhor condição terá para avaliar a natureza do Espírito que se comunica, se mais ou menos evoluído, ou seja, em decorrência da impressão que os fluidos do Espírito lhe causem, reconhecerá seus pendores e inclinações. Considerando que para se registrar as qualidades de um fluido é necessário o médium compará-lo com os seus próprios e, quanto maior o choque vibracional, maior a diferença de moralidade. Logo, sendo o médium pouco evoluído, terá dificuldade de perceber os Espíritos também atrasados, pois haverá identidade fluídica.

Lembremos que os Espíritos superiores vibram numa frequência mental mais alta, sendo importante ser o médium moralizado, para que tenha condição de assimilar tais pensamentos. Os valores apresentados pelo médium são utilizados pelos Espíritos na confecção da mensagem, de modo que quanto melhores esses forem, mais fácil torna-se a comunicação. Certamente as notáveis obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco foram possíveis por conta da excelente condição moral dos medianeiros.

O médium, quanto mais evoluído e moralizado, mais facilidade apresenta de manter seu estado físico e psíquico equilibrado antes, durante e depois das comunicações mediúnicas, pois tem facilidade para dissipar os fluidos negativos captados dos Espíritos necessitados atendidos na reunião mediúnica. Essa capacidade de dissolver os fluidos acontece mais facilmente porque o médium antepõe-lhes seus fluidos salutaros, de ação desagregadora.

Quanto melhores os fluidos do médium, mais neutraliza os pestilentos e, conseqüentemente, mais a entidade sofredora é beneficiada com o choque vibracional, sentindo-se mais revigorada em suas forças espirituais. Logo, o auxílio aos Espíritos necessitados é muito mais efetivo.

O médium, como qualquer criatura humana é, ainda, imperfeita, tem suas más inclinações, precisando estar sempre orando e vigiando para não permitir que elas o dominem e governem, que sofra influências obsessivas, trazendo prejuízos para si mesmo e para outros. É preciso esforçar-se constantemente, com vontade e perseverança, para vencer suas tendências inferiores, com destaque para os dois grandes males da humanidade, o egoísmo e o orgulho.

Não deve o médium olvidar, ainda, da assistência constante dos bons Espíritos, que os inspiraram no bem e na boa conduta, desde que se esteja, obviamente, com eles conectados, solicitando com sinceridade e postura humilde o seu auxílio. Finalizemos com a resposta dada pelos Espíritos à Kardec, quando questionou qual o médium que se poderia qualificar de perfeito, tendo a espiritualidade respondido:

Perfeito, ah! Bem sabes que a perfeição não existe na Terra, sem o que não estaríeis nela. Dize, portanto, bom médium e já é muito, por isso que eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos jamais ousassem, uma tentativa de enganá-lo. O melhor é aquele que, simpatizando somente com os bons Espíritos, tem sido o menos enganado.<sup>22</sup>

### 32. Casas chamadas “mal-assombradas” existem?

Sim. Determinados Espíritos, por conta da sua inferioridade moral, podem apegar-se a pessoas, objetos e lugares, permanecendo no ambiente e se fazendo perceber por efeitos físicos patentes, os chamados efeitos *poltergeist*.

A intenção dos Espíritos pode variar bastante, podendo objetivar auxiliar alguém com quem tenha afinidade, ou mesmo cuidar de certos lugares ou objetos pelos quais detenha afeição, assim como decorrer de um sentimento mais negativo, de maldade e de vingança.<sup>23</sup> O fato de se manterem fixados num determinado lugar e buscarem a realização de fenômenos físicos não significa serem Espíritos necessariamente maus, conquanto tal comportamento denote imperfeição.

Informam os Espíritos não haver hora e dia específico para que se manifestem, até porque o tempo na espiritualidade não é contabilizado como na Terra, partindo tal crença mais da mente supersticiosa do homem, da qual podem os Espíritos aproveitar-se, na maioria das vezes por divertimento.<sup>24</sup> Normalmente, cessando os motivos pelos quais os Espíritos permanecem em determinados lugares, os fenômenos desaparecem.

Os Espíritos residentes nos chamados lugares assombrados nem sempre são seus antigos habitantes, até porque quando evoluídos não permanecem presos à vida material, a qual dão pouca importância, ascendendo às esferas mais elevadas. Apego à matéria é sempre sinal de imperfeição. Questionados se o temor sobre determinados lugares tem lógica e razão de ser, respondem os Espíritos da codificação:

Não. Os Espíritos que frequentam certos lugares, produzindo neles desordens, antes querem divertir-se à custa da credulidade e da poltronaria dos homens, do que lhes fazer mal. Aliás, deveis lembrar-vos de que em toda parte há Espíritos e de que, assim, onde quer que estejais, os tereis ao vosso lado, ainda mesmo nas mais tranquilas habitações. Quase sempre, eles só assombram certas casas, porque encontram ensejo de manifestarem sua presença nelas.<sup>25</sup>

Em havendo desejo de se ver o homem livre da presença e dos inconvenientes que tais fenômenos causam, deve buscar na oração e na prática do bem o caminho, lembrando ser a moralização da criatura a forma mais

eficiente de atrair os bons Espíritos e de afastar os maus. As conhecidas ações de descarrego, bênçãos, exorcismo e outras coisas do gênero não servem para afastar compulsoriamente os Espíritos, pelo contrário, tais atitudes apenas os atraem ainda mais. “É que os Espíritos que as causam se divertem com o serem tomados pelo diabo”.<sup>26</sup>

O ideal é não dar o indivíduo importância ao fato, rindo mesmo dos feitos provocados pelos Espíritos. Esses, percebendo não mais causarem temor, sentem-se fatigados e param, seguindo para outros ambientes ou se modificando por conta das orações e instruções recebidas. Por fim, cabe destacar que nem todos os Espíritos considerados maus interessam-se em causarem tais fenômenos, podendo muitos permanecerem em certos lugares, coabitando com os encarnados, sem nunca promoverem qualquer tipo de manifestação física.

### 33. Magia negra pega?

Não da forma como as pessoas imaginam. As leis divinas não permitiriam que o mal se instalasse quando não é merecido<sup>27</sup>, segundo as conquistas de cada indivíduo como espírito imortal. Nenhuma influência ou desejo negativos são maiores que a vontade soberana de Deus, nosso Pai e Criador.

Nos casos em que os trabalhos de magia negra “pegam”, isso não ocorre por causa do ato de magia em si, dos acessórios utilizados, do apoio de Espíritos desencarnados ou mesmo de uma excelente concentração mental do mago. O mal se instala porque o alvo visado tem as portas abertas para a sintonia mental desequilibrante, estabelecendo natural sintonia fluídica. Lembremos que semelhante vai atrair semelhante, pois tudo é pensamento.<sup>28</sup>

Se uma pessoa for suficientemente elevada, mantendo-se permanentemente em alta vibração, certamente não haverá maldição que lhe

alcance. O problema é que muitos indivíduos deixam cair a frequência vibratória com muita facilidade, tendo dificuldades de manter o orar e vigiar, que certamente os manteriam imunes a qualquer influência negativa. Ressalte-se estar o ser humano frequentemente suscetível à ação mental de Espíritos encarnados e desencarnados, não sendo algo esporádico em nossas vidas.

A criatura precisa orar para se manter elevada, em sintonia com a espiritualidade amiga, bem como vigiar os próprios pensamentos e sentimentos para não dar guarida a possíveis influências negativas. Lamentavelmente, há algumas pessoas portadoras de grande força magnética, da qual podem fazer mau uso.<sup>99</sup> Esses Espíritos, que podem estar encarnados e desencarnados, exercitaram bastante seu poder mental, desenvolvendo-o do mesmo modo que outros desenvolvem a inteligência, a força física, o senso artístico etc.

Espíritos que se dedicaram ao aprimoramento da força mental conseguem utilizar e direcionam o fluido cósmico universal para influenciar negativamente ou positivamente outro. No caso da chamada magia negra, tais Espíritos a destinam para praticar o mal, destruindo, prejudicando e separando pessoas conforme o desejo daquele que solicita o serviço, sempre mediante pagamento.

As vítimas, por se encontrarem enfraquecidas espiritualmente e vulneráveis, com baixa vibração, absorvem facilmente as influências mentais sugeridas, dando a impressão de que tudo aconteceu por obra da magia realizada, quando na verdade decorreu de sua fraca sintonia com o bem, com a espiritualidade amiga, com Deus. Lembremos que o melhor e o mais eficiente remédio contra as injunções negativas da espiritualidade inferior é angariar a sintonia dos Espíritos superiores, tarefa só alcançada mediante reforma íntima sincera.

O ser humano precisa se esforçar, cotidianamente, para ser um pouco melhor dia após dia, desenvolvendo as virtudes cristãs da tolerância, da paciência, da humildade, da caridade e de tantas outras que ainda precisamos

desenvolver. Se assim procedermos, jamais seremos prejudicados por qualquer pensamento e/ou ação maléfica, proveniente de Espíritos encarnados ou desencarnados. Estando com Deus, estaremos perpetuamente protegidos e amparados.

### 34. Anjo da guarda existe?

Sim, existe. Esse questionamento, muito comum entre as pessoas, não foi esquecido por Allan Kardec, tendo ele procurado saber se haveria Espíritos ligados particularmente a um indivíduo para o proteger. A espiritualidade responde positivamente e dá-lhe a designação de “irmão espiritual”, “o bom Espírito” ou “Espírito protetor”, conquanto em outras religiões seja conhecido como anjo da guarda.<sup>100</sup>

A missão desses Espíritos protetores é exatamente de guiar seus tutelados para o caminho do bem, do amor e da verdade, inspirando conselhos positivos, consolando-os nos momentos de dor, aflição e dificuldade, elevando-lhe o ânimo sempre que necessário.<sup>101</sup> Com a ajuda desses Espíritos abnegados, os encarnados sentem-se bem mais fortalecidos espiritualmente e preparados para as lutas da vida material.

O amigo espiritual é sempre de uma ordem mais elevada que a nossa, sendo já um Espírito da segunda ordem, de bons Espíritos. Precisa ser mais evoluído moralmente e intelectualmente que seus tutelados, visto ser a sua missão exatamente auxiliar, orientando a criatura para o bem. Tendo mais conhecimento e amor no coração, amplia sua capacidade de influenciar positivamente seu protegido, podendo conduzi-lo melhor na vida atual.

Embora sejam mais evoluídos, não podem ser tão superiores a nós, pois teríamos muita dificuldade em captar suas orientações. Tudo no universo é vibração e sintonia. Espíritos extremamente elevados vibram em frequência

mental muito alta, não perceptível facilmente pela humanidade terrena, a qual emite ondas vibratórias ainda inferiores. Espíritos muitos evoluídos precisariam de indivíduos bem equilibrados e sadios eticamente para se comunicarem, condição não facilmente encontrada na Terra.

Quanto mais evoluído é o Espírito encarnado, mais evoluído é o seu Espírito protetor, de modo a manter a relação acima mencionada. Aspecto importante é o fato de o Espírito protetor acompanhar, via de regra, o tutelado desde o seu nascimento até o seu desencarne, recebendo a missão de protegê-lo antes mesmo de reencarnar. Tal auxílio pode continuar, inclusive, na vida espiritual e por várias existências reencarnatórias.<sup>102</sup>

Estando ligado a nós desde existências pretéritas, conhece nossos pensamentos, emoções e desejos, bem como nossas fragilidades e potencialidades, apresentando maior capacidade de auxílio. Essa assistência, desde que aceita pelo Espírito protetor, gera para ele uma obrigação a qual não pode se esquivar, podendo significar um prazer, uma missão ou um dever.<sup>103</sup> Caso deseje amparar conjuntamente outras criaturas, pode fazê-lo, mas de modo menos exclusivo, em decorrência da missão anteriormente assumida com o seu tutelado.

Para prestar o seu auxílio não precisa o anjo da guarda manter-se fisicamente sempre ao nosso lado, sendo indispensável sintonia mental e não a presença física. Desde que o busquemos pelo pensamento, esteja ele onde estiver, receberá o nosso apelo e nos enviará suas intuições e inspirações. Quando necessário, porém, fica próximo e nos ampara mais diretamente. Recordemos que o pensamento se locomove através do fluido cósmico universal, presente em todo o universo, sendo o seu veículo de transmissão.

Cabe destacar, não poderem os habitantes do planeta Terra, por conta da sua pequenez espiritual, dispensar a ajuda de um Espírito protetor, sendo ele sempre necessário. Sem a orientação e a supervisão de um Espírito mais evoluído, a queda espiritual da criatura seria quase uma fatalidade. Dizem os Espíritos que somente quando puder o homem “guiar-se a si mesmo, como

sucede ao estudante [...] não mais precisará de mestre. Isso, porém, não se dá na Terra”.<sup>104</sup> Deste modo, todos temos um anjo da guarda.

Quanto à eventual substituição do amigo espiritual, tal fato pode acontecer. Normalmente, contudo, os Espíritos só aceitam o encargo de tutelar alguém quando verificam ser possível acompanhá-los durante toda a encarnação. Excepcionalmente acontece de o Espírito assumir outra missão durante este período, quando então é substituído, jamais ficando o encarnado sem a devida assistência.<sup>105</sup>

O conhecimento da identidade do anjo da guarda pode dar-se após o desencarne, quando retornamos ao plano espiritual, ou mesmo na condição de encarnados, por meio do desdobramento pelo sono ou pelas intuições. Podemos nominá-lo como quisermos, sendo isso de pouca importância, pois o relevante é estarmos com ele conectados pelo pensamento. Não raro, todavia, o indivíduo sonha com seu amigo espiritual e consegue reter esta informação ao despertar, sendo um meio bastante utilizado pela espiritualidade para nos aconselhar.

Por meio das orações e da constante sintonia com o amigo espiritual, o ser humano conseguirá perceber mais nitidamente suas inspirações e, conseqüentemente, sua identidade, evitando confundi-lo com outros Espíritos que dele se aproximem.

O Espírito protetor, conquanto nos inspire sempre para o bem, respeita as nossas decisões, o nosso livre-arbítrio, não nos obrigando a nada. Caso o protegido opte em não seguir as boas ideias que lhe surjam à mente, o anjo da guarda afasta-se e o deixa seguir o caminho escolhido, não sendo responsabilizado pela queda do encarnado. Mesmo entristecido, reconhece representar tudo na vida um aprendizado, de modo que cedo ou tarde e provavelmente pela dor, o tutelado tornará ao bem e ao progresso.

Tal afastamento, todavia, não é absoluto, mas temporário. Quando o protegido eleva o pensamento e ora, pedindo ao seu amigo espiritual para fazer-se presente, ele vem de bom grado.<sup>106</sup> É como um pai, que mesmo vendo

as atitudes nem sempre positivas do filho, continua a amá-lo e a ampará-lo. Estejamos nos vícios, nas prisões ou em outras condições inferiores, jamais acreditemos estar sozinhos, o nosso amigo espiritual estará conosco trabalhando e fazendo o seu melhor em nosso benefício. Jamais nos esqueçamos dos conselhos dos Espíritos superiores:

Ah! Se conhecêsseis bem esta verdade! Quanto vos ajudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos maus Espíritos! Mas, oh! Quantas vezes, no dia solene, não se verá esse anjo constrangido a vos observar: 'Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo? Contudo, nele te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!' Oh! Interrogai os vossos anjos guardiães; estabeleci entre eles e vós essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. [...] Assim fazendo, encurtareis vossas provas e mais felizes tornareis as vossas existências. Vamos, homens, coragem!<sup>107</sup>

Agindo assim, buscando sempre a sintonia do nosso amigo espiritual, seremos mais felizes e mais rapidamente conseguiremos cumprir nossa missão na Terra, que é evoluir e aprender a amar, vivenciando as leis de Deus.

---

67. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 301.

68. *Id.*, *Ibid.*

69. *Id.* *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 296.

70. *Id.* *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 302.

71. *Id.*, *ibid.* p. 329.

72. *Id.* *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 296.

73. *Id.* *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 302.

74. *Id.* *A Gênese*. 53 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 270.

75. REVISTA Espírita, 1863. Dezembro. *Um caso de possessão – Senhorita Júlia*. Disponível em: <<https://bit.ly/2HjDU8Q>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

76. MIRANDA, Hermínio. *Diversidade dos carismas – teoria e prática da Mediunidade*. [s.l.]: Lachâtre, [2013?]. p. 332.

77. KARDEC, Allan. *A Gênese*. 53 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 270.

78. MYERS, Frederic. apud DENIS, Léon. *No Invisível*. [s.l.]: Luz Espírita. 2008. p. 23.

79. *Id.*, *Ibid.* p. 185.

80. REVISTA Espírita, 1868. Junho. *A mediunidade no copo d'água*. Disponível em: <<https://bit.ly/2VLYQ1i>>. Acesso em: 08 fev. 2019.
81. REVISTA Espírita, 1865. Outubro. *Novos estudos sobre os espelhos mágicos ou psíquicos – o vidente da floresta de Zimmerwald*. Disponível em: <<https://bit.ly/2EYENSZ>>. Acesso em: 08 fev. 2019.
82. *Id., ibid.*
83. Mateus 10:8.
84. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 309.
85. *Id., ibid.* p. 308.
86. XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo espírito Emmanuel. [s.l.]:FEB, [2014?]. p. 75.
87. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 308.
88. *Id.* *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 329.
89. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo espírito Emmanuel. [s.l.]:FEB, [2010?]. p. 249.
90. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 334.
91. *Id., ibid.* p. 338.
92. *Id., ibid.* p. 332.
93. *Id., ibid.* p. 200.
94. *Id., Ibid.* p. 202.
95. *Id., ibid.* p. 200.
96. *Id., Ibid.* p. 206.
97. *Id.* *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 551. p. 319.
98. *Id., ibid.* Q. 553. p. 267.
99. *Id., ibid.* Q. 555. p. 268.
100. *Id., ibid.* Q. 489. p. 246.
101. *Id., Ibid.* Q. 491. p. 247.
102. *Id., ibid.* Q. 492. p. 247.
103. *Id., Ibid.* Q. 493. p. 247.
104. *Id., ibid.* Q. 500. p. 250.
105. *Id., ibid.* Q. 494. p. 247.
106. *Id., Ibid.* Q. 495. p. 247
107. *Id., ibid.* Q. 495. p. 248.

## Capítulo 5

# Reuniões mediúnicas



### 35. O que são as reuniões mediúnicas?

Dúvida muito comum entre as pessoas que ouvem falar sobre Espiritismo é saber como se dá a comunicação com os Espíritos, nas chamadas reuniões mediúnicas. Estas, em verdade, são reuniões de caráter privativo realizadas nos centros espíritas, em salas especialmente destinadas às reuniões mediúnicas, normalmente com periodicidade semanal, com horário e dia fixos. Afirma-nos Kardec:

As reuniões espíritas oferecem grandíssimas vantagens, por permitirem que os que nelas tomam parte se esclareçam, mediante a permuta das ideias, pelas questões e observações que se façam, das quais todos aproveitam.<sup>108</sup> [...] Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam

como que um feixe. Ora, este feixe tanto mais força terá, quanto mais homogêneo for.<sup>109</sup>

O conteúdo das comunicações com os Espíritos desencarnados varia sobremaneira conforme o tipo de reunião mediúnica, que pode ser destinada à educação da mediunidade, ao atendimento de Espíritos sofredores e, ainda, à desobsessão.<sup>110</sup> Os trabalhadores da reunião, composta por participantes encarnados e desencarnados, não são escolhidos aleatoriamente, mas com cuidado e mediante a preparação necessária, considerando-se aspectos como: tipo de reunião mediúnica, afinidade entre os membros, conhecimento teórico e prático da mediunidade, esforço pelo aprimoramento moral, participação em outras atividades oferecidas pelo centro espírita, dentre outros.<sup>111</sup>

As reuniões mediúnicas, em geral, apresentam quatro fases: preparatória, de manifestação dos Espíritos, encerramento e avaliação. Na primeira, conquanto possa existir leve variação de uma equipe para outra, os membros fazem estudo de uma obra espírita concernente à mediunidade ou de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, tecendo os comentários necessários. Após, procedem à prece inicial, feita de maneira simples, clara e objetiva, agradecendo ao Pai e aos dirigentes da equipe desencarnada pelo trabalho e pela oportunidade de servir, seguido da leitura de uma mensagem doutrinária, sem necessidade de comentários.

Ao fim desta primeira fase a porta da sala deve ser fechada, não se permitindo mais a entrada de eventuais trabalhadores em atraso, lembrando ser o correto a presença de todos, pelos menos, uns quinze minutos antes do início das atividades. Importante destacar sobre o local das reuniões mediúnicas, sugerindo-se que as casas espíritas reservem um ambiente calmo e preservado de excesso de barulho e de movimentação, contribuindo assim para o recolhimento indispensável à atividade. O tempo destinado a esta fase varia, aproximadamente, entre vinte e trinta minutos.

A segunda fase é destinada à manifestação e à comunicação efetiva com os Espíritos. Conforme o tipo de reunião mediúnica é neste momento que

acontecem as manifestações via psicografia, psicofonia ou, ainda, de efeitos físicos. A maioria das reuniões mediúnicas destina-se ao atendimento a Espíritos sofredores, quando trabalhadores encarnados e pautados pelos sentimentos de amor, de caridade e de fraternidade, acolhem os desencarnados sofredores.

Mediante palavras de carinho e procurando esclarecer os Espíritos necessitados acerca das verdades da vida, do mundo espiritual e do Evangelho, proporciona-se alívio aos seus sofrimentos, fazendo-os sentir a presença de Deus em suas vidas. Mesmo quando a psicofonia é de Espíritos violentos ou embrutecidos os médiuns, se foram bem orientados e a sua faculdade educada, mantêm o controle das atitudes do Espírito, assegurando a harmonia dos trabalhos.

Os benfeitores espirituais da tarefa, quando necessário, também se manifestam neste momento, podendo ocorrer no início ou no fim da fase, conforme previamente acordado com a equipe espiritual. Reserva-se a esta fase em torno de sessenta a noventa minutos.

No encerramento, antes da prece final, a equipe mediúnica pode destinar certo tempo, que não deve ultrapassar alguns poucos minutos, para fazer irradiações mentais em benefício do grupo, da casa espírita, da comunidade, do país ou do planeta, conforme a necessidade do momento. A prece final, assim como a inicial, deve ser singela, concisa e feita com sentimento.

A última fase é destinada à avaliação dos trabalhos realizados, oportunidade em que os membros da reunião poderão expor suas impressões acerca das comunicações recebidas, destacando o aprendizado e, em sendo o caso, dando sugestões para o aprimoramento da atividade. A avaliação tem duração, em média, de dez a quinze minutos. O tempo ideal para a reunião, incluindo-se todas as etapas, seria de uma hora e trinta minutos, não sendo recomendado ultrapassar duas horas de reunião.

Além da avaliação existente após a fase das comunicações de intercâmbio, há a realização de avaliações periódicas de toda a atividade mediúnica, cuja

frequência será estabelecida pela equipe, sugerindo-se pelo menos duas vezes ao ano ou conforme a necessidade. Aqui serão examinadas a atuação de todos os componentes do grupo, a organização e o funcionamento da reunião, aspectos de melhoria dos trabalhos, verificação do alcance dos objetivos da atividade etc.

No dia da avaliação geral, pode-se reduzir o tempo destinado às comunicações ou ainda suspendê-las, tendo sempre o cuidado de avisar previamente a equipe espiritual.

### 36. Quais os tipos de reuniões mediúnicas?

Segundo ensina o Codificador, as reuniões mediúnicas podem ser: *frívolas*, *experimentais* ou *instrutivas*. As frívolas, como o nome já indica, são as movidas pela curiosidade e a falta de seriedade de seus participantes, nos quais buscam a satisfação de seus interesses pessoais e o divertimento sem compromisso.

Procuram o contato com os Espíritos para coisas fúteis e brincadeiras, como adivinhar acontecimentos, o futuro e as vivências do dia a dia. Neste tipo de reunião os Espíritos que ali se manifestam têm o mesmo objetivo dos encarnados, sendo normalmente Espíritos levianos e batedores, sem qualquer comprometimento com a elevação de pensamentos. O lamentável é quando se apresentam Espíritos malévolos, trazendo prejuízos vários como, não raro, a instauração de processos obsessivos nos participantes, tornando-se muito difícil deles se desvencilhar.

Espíritos elevados não participam destas reuniões, a não ser em situações excepcionais, para dar um aviso no sentido de que seus participantes busquem o enobrecimento do contato mediúnico. Orientam quanto aos perigos de se manterem reuniões dessa índole. Contudo, como cada criatura tem o seu livre-arbítrio, em não havendo mudança de postura, os bons Espíritos afastam-

se definitivamente, deixando o homem entregue à própria sorte. Alerta Kardec:

Aquele que só isso tenha visto e julgue o mundo dos Espíritos por essa amostra, ideia tão falsa fará deste, como quem julgasse toda a sociedade de uma grande capital pela de alguns de seus bairros. O simples bom-senso diz que os Espíritos elevados não comparecem às reuniões deste gênero, em que os espectadores não são mais sérios do que os atores.<sup>112</sup>

As experimentais visam a produção de fenômenos físicos. Nestas reuniões o objetivo é comprovar a imortalidade da alma, a existência dos Espíritos e a possibilidade de sua comunicabilidade e interferência no mundo material. Através das reuniões experimentais a humanidade teve condições de conhecer as leis que regem o mundo invisível, embora muitos ainda se neguem a acreditar.

Afirma Kardec que “para muitas pessoas, são um espetáculo mais curioso que instrutivo”<sup>113</sup>, não significando a confirmação de suas crenças na existência dos Espíritos. Lamentavelmente, entendem alguns haver ali mistificação e embuste, passando mesmo a se tornarem totalmente incrédulos. Outros, diferentemente, tendo um perfil mais sério e científico, veem nos fenômenos algo possível e digno de estudo, tal qual aconteceu com o Codificador.

Os Espíritos superiores podem participar e até dirigir tais reuniões, desde que haja um fim útil e nobre daqueles que as promovem, sendo esse, normalmente, para comprovar a existência dos Espíritos e da sua capacidade de se relacionar com o mundo material. Tais reuniões, conquanto sejam de grande importância para a confirmação das leis espirituais, por si mesmas, não tornam uma pessoa espírita. Sobre o tema assevera Kardec:

Sustentamos, porém, que só por só não logram iniciar a quem quer que seja na ciência espírita, do mesmo modo que a simples inspeção de um engenhoso mecanismo não torna conhecida a mecânica de quem não lhe saiba

as leis. Contudo, se fossem dirigidas com método e prudência, dariam resultados muito melhores.<sup>114</sup>

As reuniões instrutivas têm como finalidade essencial o aprendizado, o estudo sério e o conhecimento dos princípios e dos fenômenos mediúnicos. Seus participantes, movidos pelo interesse sincero de crescerem no bem, buscam o amparo e o auxílio dos bons Espíritos, sabendo deles terem necessidade para se manterem protegidos da má influência dos levianos.

Nelas seus membros abstêm-se de qualquer coisa que não tenha um fim útil e sério, não almejam a realização de grandes fenômenos nem são motivados pela curiosidade, mas anelam pelo conhecimento da “teoria dos fenômenos”, na análise daquilo que possa auxiliar no desenvolvimento científico, bem como na compreensão das consequências morais do intercâmbio. Kardec orienta serem as reuniões de estudo

de imensa utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, para aqueles, sobretudo, que seriamente desejam aperfeiçoar-se e que a elas não comparecerem dominados por tola presunção de infalibilidade.<sup>115</sup>

As reuniões são uma coletividade, sendo o resultado de seus membros, encarnados e desencarnados. Assim, é de fundamental importância manter-se a homogeneidade da equipe, dando-lhe mais força à medida que caminham todos para o mesmo fim. Quanto mais estudo houver nessas reuniões, mais instrutivas serão, pois podem até serem sérias, mas com insuficiência de estudos doutrinários não serão realmente instrutivas.

As reuniões instrutivas podem ser assim divididas: de educação da mediunidade, de assistência aos Espíritos sofredores e de desobsessão.

As reuniões de educação da mediunidade têm como finalidade orientar e instruir os médiuns novatos no desenvolvimento da faculdade e no seu exercício seguro e correto, mediante o oferecimento de cursos específicos. São

reuniões privativas nas quais os participantes compreendem os mecanismos da mediunidade, na teoria e na prática, sendo orientados por instrutores experimentados e conscientes da sua responsabilidade.

Tais reuniões funcionam como um laboratório para o aflorar da mediunidade, assim como para educação dos impulsos e da passividade mediúnica. Posteriormente, seus componentes poderão ser engajados em uma equipe mediúnica de assistência espiritual, quando se tornarem, de fato, trabalhadores na área da mediunidade ou, também, de outras atividades afins existentes nas casas espíritas.

As destinadas à assistência de Espíritos sofredores objetivam fornecer um auxílio moral e doutrinário, quando possível, aos Espíritos em sofrimento ou em estado de desequilíbrio psicológico. O amparo é dado para que os desencarnados avancem no processo de reajuste espiritual. Nestas reuniões ouve-se inicialmente os Espíritos para que suas dificuldades possam ser identificadas, passando-se depois ao esclarecimento e apoio fraternal.

Neste momento o trabalhador responsável pelo esclarecimento, mediante palavras gentis e fraternas, dialogará com bom senso e tato, apresentando as possíveis soluções aos problemas observados, conforme as orientações espírita e cristã. A argumentação deve ser sempre pautada na lógica e no amor, não provocando conflitos, mas sabendo ouvir e atender às necessidades do Espírito.

As de desobsessão destinam-se ao amparo e ao auxílio de Espíritos obsessores e vingativos, que estejam diretamente influenciando negativamente outros Espíritos, encarnados e desencarnados. As casas espíritas maiores, em função de grande número de frequentadores sofrendo de problemas obsessivos, têm pelo menos uma reunião mediúnica de desobsessão.

Durante a execução da reunião, enquanto os Espíritos obsessores ou vingativos são acolhidos, amparados e esclarecidos, suas vítimas encarnadas são, geralmente, assistidas simultaneamente por outros tratamentos espirituais oferecidos pelos centros espíritas. A atuação, portanto, têm um duplo caráter,

com atendimento aos obsidiados e obsessores.

Por fim, tenhamos em mente que seja qual for o teor das reuniões mediúnicas, sempre haverá Espíritos dispostos a se manifestarem, conforme suas tendências e padrão vibratório. Portanto, a necessidade de aperfeiçoamento dos médiuns e demais trabalhadores da mediunidade é constante, de modo a estarmos assessorados pela espiritualidade amiga e superior.

### 37. Quais os participantes encarnados de uma reunião mediúnica?

Dentre os participantes da reunião mediúnica, podemos destacar os que se encontram no plano físico, como membros encarnados, e também na espiritualidade, como desencarnados. Os encarnados presentes nos grupos mediúnicos são: o dirigente, os médiuns esclarecedores, os médiuns ostensivos, os médiuns de apoio e, em sendo o caso, os visitantes.

O dirigente encarnado é o responsável por presidir os trabalhos da reunião, no plano físico. Coordena os esforços da equipe, sem imposições, mas sempre estimulando o desenvolvimento das atividades com união, fraternidade e amor. Deve estudar constantemente e procurar aprimorar sua sagacidade e bom senso para tratar com o próximo. Sugere-se ter na equipe alguém que o substitua nas ausências.

Além disso, precisa ser capaz de diferenciar as comunicações autênticas, realmente vindas dos Espíritos, das anímicas, produzidas pelo próprio médium, tendo condições de abordar tal questão sem ferir os sentimentos dos médiuns, trabalho que requer bastante tato psicológico. Normalmente atua também como médium esclarecedor.

Segundo o Espírito André Luiz, os médiuns esclarecedores, também conhecidos como dialogadores, “mantidos sob a condução e a inspiração dos

Benfeitores Espirituais, são os orientadores da enfermagem ou da assistência aos sofredores desencarnados”.<sup>116</sup> São eles que dialogam diretamente com os Espíritos desencarnados, agindo com atenção e compreensão no tocante às problemáticas apresentadas, equilibrando humildade e energia, respeito e disciplina na execução do trabalho.

A boa formação evangélica-espírita é importante, sendo o estudo algo a ser constantemente estimulado, assim como a reforma íntima, pois quanto mais moralizado for o médium esclarecedor, mais autoridade moral terá em relação aos Espíritos atendidos e mais efetivo será o socorro e prestado.

No passado eram conhecidos como doutrinadores, designação não mais recomendada, pois passa a ideia de que os Espíritos são doutrinados, quando na verdade o diálogo é essencialmente de acolhimento e de amparo, procurando amenizar a angústia e os sofrimentos identificados, muitas vezes nem sendo possível falar sobre Espiritismo.

Como virtudes a serem trabalhadas e aspiradas nos médiuns esclarecedores e dirigentes, podemos destacar: 1) ser um bom mediador, sabendo agir com imparcialidade e gentileza; 2) ter autoridade moral baseada na exemplificação do Evangelho; 3) agir com brandura e com firmeza, equilibrando tais posturas conforme o caso; 4) ter o costume de estudar e orar sempre, mantendo a sintonia constante com a espiritualidade amiga; 5) saber desenvolver um diálogo construtivo, auxiliando os Espíritos na recuperação da saúde física e espiritual; 6) agir com sinceridade sem ofensas, sabendo apresentar as verdades aos comunicantes de modo educado e respeitoso, sem os humilhar.<sup>117</sup>

“O Livro dos Médiuns” assevera que “por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressar-lhes o progresso”, demonstrando a relevância do trabalho desempenhado pelos médiuns esclarecedores.<sup>118</sup>

Os médiuns ostensivos são os que servirão de intermediários aos Espíritos comunicantes, em virtude de apresentarem a faculdade mediúnica bem

caracterizada, sendo capazes de perceber, sentir e transmitir as sensações, os sentimentos e as ideias dos desencarnados. São normalmente orientados para terem o devido controle das comunicações, evitando que os Espíritos gritem ou usem palavras inadequadas e desrespeitosas, bem como adotem gestos e posturas violentas.

Para que melhor exerçam suas atividades, alguns hábitos salutareos são sugeridos, tais como: 1) realizar semanalmente o culto do Evangelho no lar; 2) realizar outras atividades assistenciais na casa espírita ou na comunidade; 3) executar suas atividades com simplicidade, humildade e amor; 4) não receber qualquer tipo de pagamento pelo exercício da mediunidade, seja financeiro, material ou qualquer outra vantagem pessoal; 5) guiarem suas atitudes pela fé raciocinada e pela caridade ao próximo; 6) estudarem sempre, dissipando preocupações e receios desnecessários quanto à prática mediúnica.

Os médiuns de apoio ou a equipe de sustentação são os trabalhadores responsáveis pela emissão salutar de pensamentos e de vibrações de paz, de amor e de fraternidade, auxiliando na manutenção de uma atmosfera benéfica e adequada ao trabalho. Quanto melhor e mais nobre forem os fluidos emitidos, mais os benfeitores espirituais podem utilizá-los no amparo aos desencarnados enfermos, confeccionando remédios espirituais, plasmando telas espirituais fluídicas a serem visualizadas pelos Espíritos necessitados.

As vibrações emitidas pela equipe de apoio são usadas, também, para a materialização de Espíritos mais elevados, incapazes de serem percebidos pelos enfermos desencarnados em decorrência de diferença vibratória entre eles. Vale destacar acontecer essa materialização apenas a nível espiritual, ou seja, é percebida apenas pelos médiuns videntes e não por todos os componentes encarnados da reunião. Sobre o tema André Luiz orienta:

Vários ajudantes de serviço recolhiam as forças mentais emitidas pelos irmãos presentes, inclusive as que fluíam abundantemente do organismo mediúnico (...). Esse material (...) representa vigorosos serviços plásticos para que os benfeitores da nossa

esfera se façam visíveis aos irmãos perturbados e aflitos ou para materializarem provisoriamente certas imagens ou quadros, indispensáveis ao reavivamento da emotividade e da confiança nas almas infelizes.<sup>119</sup>

Quando necessário, são também designados para aplicarem passes nos Espíritos mais desequilibrados ou violentos, bem como nos médiuns que estejam precisando dissipar os fluidos negativos captados dos Espíritos necessitados. Em Desobsessão, no tocante ao trabalho do passe, informam que “traçarão a si mesmos as disciplinas aconselháveis em matéria de alimentação e adestramento, a fim de corresponderem plenamente ao trabalho organizado para o grupo em sua edificação assistencial”.<sup>120</sup>

Além desses participantes, em situações ocasionais e restritas, pode-se admitir a presença de visitantes à reunião mediúnica, desde que haja um fim útil a justificar tal cometimento. A possibilidade de pessoas estranhas fazerem-se presentes deve ser analisada previamente, com racionalidade e bom senso pelo dirigente e demais participantes da equipe, tanto encarnada quanto desencarnada.

Como condição para a permissão de pessoas estranhas à reunião mediúnica é a existência de conhecimento prévio adequado acerca do que acontece nas reuniões, de modo a se conduzirem adequadamente durante a visita. Em geral as visitas destinam-se aos alunos dos cursos de mediunidade oferecidos pela casa espírita. Prima-se por pequenos grupos, evitando assim prejudicar o bom clima vibratório da reunião, pois quanto maior o número de pessoas, mais comprometida fica a unidade de pensamentos.

Recomenda-se que os participantes encarnados da reunião mediúnica tenham mais de dezoito anos e conhecimento adequado acerca dos princípios da Doutrina Espírita e da mediunidade, contribuindo assim para a melhor execução dos trabalhos, pautados na disciplina, no compromisso, na assiduidade e no amor.

### 38. Quais os participantes desencarnados de uma reunião mediúnica?

Para que seja possível a realização de uma reunião mediúnica no plano físico, é indispensável contar com o competente e o dedicado auxílio dos trabalhadores da espiritualidade, dirigindo, coordenando e planejando todas as etapas da atividade. A equipe do plano espiritual conta com a seriedade dos participantes encarnados, de modo a permitir a execução a contento da tarefa.

Como participantes desencarnados da reunião, citamos: 1) os que auxiliam no trabalho da reunião mediúnica, os chamados benfeitores espirituais; 2) os Espíritos necessitados de amparo, que serão auxiliados; 3) os Espíritos que acompanham os encarnados componentes da reunião. Vejamos detalhadamente cada um deles.

Os benfeitores espirituais organizam e preparam a reunião mediúnica, sendo tudo programado com antecedência para não haver imprevistos que comprometam a atividade. Entre eles há também divisão de tarefas, assim como entre os encarnados. Há os encarregados de dirigirem a reunião a nível espiritual, selecionando os Espíritos a serem atendidos, a ordem e o desenvolvimento das etapas da tarefa. Sua atuação é discreta, responsável e pautada no amor ao próximo.

Há os responsáveis pela segurança do local, executando serviços de proteção magnética do local onde ocorrem os intercâmbios mediúnicos, assim como dos participantes da reunião. O ar atmosférico é também magnetizado ou ionizado como procedimento de higienização, eliminando-se impurezas e miasmas mentais. A sala mediúnica, a nível espiritual, é dividida em faixas fluídicas e cada uma delas acolhe certo tipo de Espíritos sofredores, limitando-lhes a movimentação e sua influência sobre os encarnados e outros desencarnados. Martins Peralva ensina:

O isolamento do local se faz por meio de extenso cordão de obreiros esclarecidos, a fim de evitar o acesso de entidades inferiores que podem, não somente perturbar os trabalhos, mas também afetar a pureza do material utilizado nas materializações, tais como, ectoplasma, fluidos, etc. A ionização é, por assim dizer, um processo de eletrificação do ambiente. A sua finalidade é possibilitar a combinação de recursos para efeitos elétricos e magnéticos. [...] A destruição das larvas por aparelhos elétricos invisíveis [...] se executa a fim de evitar que o ectoplasma [...] sofra a intromissão de certos elementos microbianos. [...] A força nervosa do médium é matéria plástica e profundamente sensível às nossas criações mentais. <sup>121</sup>

Existem, ainda, os técnicos responsáveis pela aplicação de recursos magnéticos – conhecidos como passes – nos trabalhadores encarnados e desencarnados enfermos, como meio de dissipar fluidos negativos e transmitir energias salutares e reconfortantes. São designados como técnicos em auxílio magnético. O Espírito Alexandre, orientador espiritual de André Luiz, assevera acerca destes participantes:

Na execução da tarefa que lhes está subordinada, não basta a boa vontade. [...] O missionário do auxílio magnético, na Crosta ou aqui em nossa esfera, necessita ter grande domínio sobre si mesmo, espontâneo equilíbrio de sentimentos, acendrado amor aos semelhantes, alta compreensão da vida, fé vigorosa e profunda confiança no Poder Divino. Cumpre-me acentuar, todavia, que semelhantes requisitos, em nosso plano, constituem exigências a que não se pode fugir. <sup>122</sup>

Outros participantes desencarnados das reuniões são os Espíritos sofredores que serão, direta ou indiretamente, atendidos na mediúncia. Os tipos de sofrimentos encontrados são de variadas ordens, podendo ser Espíritos vingativos, obsessores<sup>123</sup> de encarnados e/ou desencarnados, materialistas, aflitos e angustiados, desorientados psíquica e emocionalmente, culpados, os que acompanham certos encarnados, entre outros.

Alguns são levados à reunião pelos benfeitores espirituais e outros vão por

iniciativa própria, embora só possam entrar e permanecer na atividade se obtiverem permissão da equipe espiritual que coordena os trabalhos. Acerca desses Espíritos sofredores, são todos

almas em turvação mental, que acompanham parentes, amigos ou desafetos às reuniões públicas da Instituição, e que se desligam deles quando os encarnados se deixam renovar pelas ideias salvadoras, expressas na palavra dos que veiculam o ensinamento doutrinário.<sup>124</sup>

Portanto, diante de tanto sofrimento e desequilíbrio de alguns dos nossos irmãos desencarnados, cabe exemplificarmos as palavras de Jesus, demonstrando compaixão para com a dor do próximo. O grupo mediúnico precisa acolhê-los com carinho, amor e bondade, de modo a encontrarem um pouco de alívio e paz no infinito amor do Divino Mestre.

Dentre os Espíritos desencarnados, ainda temos os que acompanham os encarnados componentes da reunião, podendo alguns serem amigos e familiares que se voluntariam para ajudar nos trabalhos dos benfeitores espirituais, o que será devidamente estudado e avaliado. Vale ressaltar não bastar o simples desejo de ajudar, pois para a realização eficiente dos trabalhos é indispensável o devido preparo.

Podem também ser Espíritos necessitados de auxílio que, por alguma razão, simpatizaram fluidicamente com os participantes encarnados e que com eles seguiram para a reunião. Os benfeitores da atividade, igualmente, organizam e decidem de que maneira lhes será dado o atendimento necessário, não ficando jamais sem amparo.

39. As reuniões mediúnicas devem ser públicas ou privadas?

Recomenda-se que sejam privadas. Conquanto no passado fosse relativamente comum haver casas espíritas com sessões mediúnicas abertas ao público em geral, com o passar do tempo e com uma melhor compreensão dos sérios e delicados trabalhos realizados nas reuniões mediúnicas, tal prática foi sendo evitada.

Exceção feita às situações de visitantes, conforme já comentado na questão referente aos participantes encarnados da reunião mediúnica, ela deve ser privada. Vejamos agora algumas considerações para tal orientação. Como já explicitado, as reuniões destinam-se, essencialmente, a prestar acolhimento, amparo e esclarecimento aos Espíritos necessitados, os quais se apresentam em condições variadas de enfermidade espiritual, caracterizando-se como uma enfermaria espiritual.

Nesta condição, assim como não se permite o fluxo de toda e qualquer pessoa nas dependências das enfermarias dos hospitais terrenos, mas somente das pessoas envolvidas diretamente no trabalho de assistência ou devidamente autorizadas, facilitando a boa execução da tarefa e uma melhor recuperação dos pacientes, tal cuidado é também necessário para a efetividade das reuniões mediúnicas. Essas são o resultado da união de seus membros.

Quanto mais homogêneo for o grupo, no tocante a pensamentos, emoções, sentimentos e atitudes, mais unidade de vibrações terá, o que é fator determinante para que alcance bons resultados. O menor desequilíbrio das vibrações emitidas pelos participantes, seja pelos encarnados ou pelos desencarnados, obstaculiza a satisfatória execução das atividades, tendo os benfeitores espirituais grandes dificuldades para tentar amenizar ou contornar a desarmonia vibratória, o que nem sempre é possível.

Deste modo, podemos imaginar a quantidade de pensamentos divergentes, doentios, desarmônicos, de curiosidade, de incredulidade, entre outros, emitidos por uma plateia composta por todos os frequentadores de um centro espírita, principalmente se considerarmos que a grande maioria desses chega às casas espíritas pela dor, assoberbados de problemas e conflitos pessoais. A

emissão vibratória em desequilíbrio de tantas pessoas acabaria contaminando o ambiente fluídico da reunião mediúnica, inviabilizando a completa assistência aos Espíritos enfermos ali atendidos e, por via de consequência, comprometendo uma das finalidades primordiais das mediúnicas. Alerta Hermínio Miranda:

Na minha opinião, somente em casos excepcionais se justifica a presença de pessoas estranhas ao grupo, nos trabalhos de desobsessão. Sob condições normais, ela não é necessária à tarefa que nos incumbe junto aos obsidiados que buscam o socorro de um grupo mediúnico. Mais do que desnecessária, a presença de pessoas perturbadas, no ambiente onde se desenrola o trabalho mediúnico, pode provocar incidentes e dificuldades insuperáveis.<sup>125</sup>

Não esqueçamos serem os fluidos emitidos pela equipe de apoio utilizados, entre outras coisas, para a confecção de medicamentos a serem ministrados aos Espíritos atendidos. Quanto mais limpos e homogêneos forem estes fluidos, mais flexíveis se tornam nas mãos da equipe espiritual. Tal cometimento, entretanto, ficaria totalmente comprometido num ambiente repleto de fluidos contaminados. Kardec já alertava não ser apenas a qualidade dos médiuns a influenciar no sucesso da reunião mediúnica, mas a de todos os assistentes presentes, motivo pelo qual o meio é fator que não pode ser desconsiderado.<sup>126</sup>

Em “Diretrizes de Segurança”, Divaldo Pereira Franco ressalta ser a reunião mediúnica pública um risco desnecessário, podendo comprometer o sucesso do labor mediúnico. Assevera que reuniões públicas acabariam tendo “feição especulativa, exibicionista, destituída de finalidade superior, atitudes tais que vão de encontro negativamente aos postulados morais da Doutrina”.<sup>127</sup>

Outro aspecto não menos importante é o respeito que se deve aos Espíritos comunicantes e aos seus delicados problemas. Como nos sentiríamos

se os nossos maiores dramas fossem expostos numa grande plateia? Seguramente nada confortáveis. Se nós, encarnados, evitamos falar de nossas dificuldades em público, por que não agir de igual modo com os Espíritos que se comunicam nas reuniões mediúnicas? O fato de estarem desencarnados altera o cuidado e a consideração que eles e suas dores merecem? Certamente que não! Pois bem, eles também se sentem mais à vontade em darem seus depoimentos de modo o mais particular possível.

Qualquer atividade, principalmente o desenvolvimento da mediunidade, que lida com a dor do outro, com muitos Espíritos necessitados e em sofrimento, exige conhecimento prévio, preparo, estudo, disciplina e comprometimento, condições que não estariam presentes no caso de reuniões mediúnicas públicas, o que também colocaria em risco o bom desenvolvimento dos trabalhos. Mediunidade é coisa séria, decorre de um compromisso assumido pelos médiuns antes de reencarnar e, como tal, merece que façamos o nosso melhor para corresponder às expectativas do Pai.

Como desejar desenvolver a mediunidade em um ambiente repleto de pessoas sem o devido conhecimento e preparo, físico e espiritual? Seria uma atitude irresponsável dos dirigentes da tarefa e do próprio centro espírita, inaceitável diante de tantas orientações recebidas da Espiritualidade Superior. Tenhamos sempre em mente não ser a reunião mediúnica um espetáculo, nem show de fenômenos psíquicos, mas um trabalho de doação, de amor, de fraternidade e de respeito para com o próximo.

O Codificador, quando da confecção do Estatuto da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, tendo o cuidado de resguardar as reuniões de intercâmbio de curiosos ou de pessoas movidas por intenções completamente díspares dos reais princípios da Doutrina Espírita, proibiu as sessões mediúnicas públicas.<sup>128</sup> Somente concedeu-se autorização para a entrada de pessoas estranhas quando simpatizassem “com seus princípios e com o objetivo de seus trabalhos”, bem como se encontrassem “iniciadas nos princípios fundamentais da ciência espírita” ou, ainda, que estivessem motivadas no firme propósito de se

instruírem.<sup>129</sup>

Desta feita, observa-se que reuniões mediúnicas públicas exigiriam do plano espiritual cautelas extras para manter a harmonia dos trabalhos, tarefa que se torna cada vez mais difícil conforme seja a diversidade de caracteres dos presentes à reunião, motivo pelo qual se prima pela privacidade.

#### 40. Quais as dificuldades e os obstáculos à prática mediúnica?

No exercício da prática mediúnica, os médiuns podem se ver diante de variadas dificuldades e obstáculos que, se não forem bem administrados, podem levar à desestruturação completa do trabalho desenvolvido pelas reuniões mediúnicas.

Um dos maiores obstáculos decorre das ausências frequentes dos participantes encarnados da reunião, podendo essas serem conseqüências de viagens, influência espiritual negativa, pouca perseverança dos trabalhadores, problemas no lar ou de relacionamento entre os membros da equipe, mudança para uma outra cidade, participação em mais de uma atividade mediúnica, dificultando a presença regular em todas, compromissos profissionais ou, ainda, um cansaço decorrente de uma vida atribulada de estudos e trabalho.

Certamente há outros motivos a interferir na regular frequência dos trabalhadores encarnados, conquanto sejam os acima elencados os mais usuais. Verifica-se, portanto, precisar o médium de muita perseverança e disciplina na assunção deste compromisso, pois que as ausências frequentes comprometem sobremaneira o bom desenvolvimento da reunião e, o que é pior, o planejamento prévio realizado pela espiritualidade responsável pela condução dos trabalhos a nível espiritual.

Muitos Espíritos que deveriam ser auxiliados por determinado médium,

quando esse não comparece, na maioria das vezes ficam sem atendimento, pois nem sempre é possível transferi-los para serem acolhidos por outro médium. Todos os médiuns já têm um número certo de Espíritos para atender, de modo que a ausência de trabalhadores da equipe compromete a sequência natural da atividade.

A ausência excessiva, portanto, compromete a continuidade dos trabalhos, dificulta a homogeneidade e a sintonia com os participantes da atividade, encarnados e desencarnados. Caso não se consiga solucionar o problema, o ideal é desligar o médium, mesmo que temporariamente, até poder regular sua frequência. Orienta Kardec:

Toda reunião espírita deve, pois, tender para a maior homogeneidade possível. Está entendido que falamos das em que se deseja chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis. Se o que se quer é apenas obter comunicações, sejam estas quais forem, sem nenhuma atenção à qualidade dos que as deem, evidentemente desnecessárias se tornam todas essas precauções; mas, então, ninguém tem que se queixar da qualidade do produto.<sup>130</sup>

Durante o período em que o médium estiver afastado das atividades mediúnicas, recomenda-se frequentar outras atividades oferecidas pelas casas espíritas, como palestras, cursos, estudos, atividades sociais, entre outros, mantendo a sintonia com a Espiritualidade Superior e o devido equilíbrio moral e espiritual. Em verdade, nesses momentos deve o médium intensificar as preces, buscando o devido auxílio para que os empecilhos sejam afastados e a sua cooperação ao serviço do bem seja mantida.

Além das ausências, há situações outras bem mais complexas que impedem à manutenção do médium na reunião mediúnica e, não raro, no desenvolvimento das demais atividades dentro da casa espírita. Quando o trabalhador apresenta comportamento amoral ou não compatível com a seriedade da mediúnica, bem como desarmonias físicas, mentais ou psíquicas

graves, seu afastamento é inevitável.

O problema da obsessão<sup>131</sup> é também uma grande dificuldade enfrentada pelas reuniões mediúnicas. Alguns, ou mesmo todos os médiuns, podem ver-se constantemente influenciados por Espíritos obsessores, reclamando oração e vigilância permanentes. “O Livro dos Médiuns” apresenta alguns sinais demonstrativos da presença da obsessão no grupo mediúnico. Vejamos:<sup>132</sup>

1. Persistência de um Espírito em se comunicar, bom ou mau grado, pela escrita, pela audição, pela tipologia, etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam.
2. Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe.
3. Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas;
4. Confiança do médium nos elogios que lhe dispensam os Espíritos que por ele se comunicam;
5. Disposição para se afastar das pessoas que podem emitir opiniões aproveitáveis;
6. Tomar a mal a crítica das comunicações que recebe;
7. Necessidade incessante e inoportuna de escrever;
8. Constrangimento físico qualquer, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar a seu mau grado;
9. Rumores e desordens persistentes ao redor do médium, sendo ele de tudo a causa, ou o objeto.

De todo modo, não deve a criatura esquecer que o sentimento maior a

pautar a atividade de todo aquele que se intitula cristão e espírita é o amor. Atitudes mais severas e rigorosas diante de problemas como os elencados acima devem ser, sempre, equilibradas pelo respeito e pela fraternidade ensinadas pelo Divino Mestre Jesus, por serem fundamentais às boas e salutarelas relações humanas.

#### 41. Existem reuniões mediúnicas no plano espiritual?

Certamente. As reuniões mediúnicas são realizadas tanto no plano espiritual como no plano físico, representando as últimas apenas uma pequena parte do trabalho de amparo aos irmãos sofredores. É muito comum, por exemplo, a continuação dos trabalhos mediúnicos na erraticidade, após a conclusão da reunião mediúnica ocorrida na matéria, quando os médiuns estão desdobrados pelo sono.

Para que haja a continuação das atividades mediúnicas na espiritualidade, os médiuns precisam manter os cuidados necessários, não apenas antes e durante a reunião de intercâmbio, mas também depois. É importante continuarem em sintonia com a espiritualidade amiga, manterem uma conversação sadia, ingerirem alimentação leve, fazerem leituras salutarelas e manterem o hábito da prece e atitude condizente com a moralidade evangélica. Agindo assim, estarão os medianeiros em condições de serem convocados pela equipe espiritual para participarem de reuniões mediúnicas no plano espiritual.

Conquanto nem sempre os médiuns tenham recordações exatas do auxílio prestado durante a emancipação pelo sono, devem estar sempre à disposição da espiritualidade amiga, sendo essa uma preocupação constante. A espiritualidade precisa de trabalhadores dispostos e comprometidos na obra do bem. No livro “Além da Morte” temos a oportunidade de saber como ocorre

uma reunião mediúnica na espiritualidade. Realizada em continuação à tarefa de intercâmbio do plano físico, conta com a participação de abnegado médium emancipado pelo sono.

O médium, após seu desdobramento noturno, foi conduzido às dependências do núcleo espírita que frequentava, onde aconteceria nova reunião mediúnica em benefício da jovem Ângela, frequentadora da casa espírita e que se encontrava obsidiada por um Espírito vingador. A autora espiritual apresenta detalhes da reunião no plano espiritual, afirmando:

O recinto apresentava agora outro aspecto. As cadeiras acomodavam Espíritos atentos e o ambiente era de profundo respeito. Todos se encontravam mergulhados na oração, compenetrados das responsabilidades que lhes pesavam. Uma mesa, algo afastada dos assistentes, cercava-se de 10 cadeiras, onde Entidades trabalhadoras igualmente mergulhavam a mente em meditação e recolhimento. [...] O Instrutor Élsior conduziu o médium a uma das cadeiras isoladas junto ao leito asseado onde repousava um Espírito de semblante implacável, em sono torturado, [...] vingador de jovem que milita no Centro [...] e que vai ser atendido.<sup>133</sup>

E completa:

Decorridos breves minutos, deu entrada no recinto uma jovem, igualmente desdobrada pelo sono, apresentando no semblante os caracteres evidentes da obsessão acentuada que a consumia. Vinha assistida por dois devotados amigos da nossa Esfera. Encaminhada carinhosamente ao assento vazio, conservava no rosto a mesma expressão de receio, embora fortemente atendida pelos recursos magnéticos dos assistentes. Não parecia ter noção do que se passava, alheada a tudo.<sup>134</sup>

Durante a atividade, muito bem conduzida e preparada pela Espiritualidade Superior, obsessor e obsidiada travam comovente diálogo, relembrando fatos acontecidos à época dos Braganças, quando da mudança da

família Real lusitana para o Brasil, no século XIX. Antônio, o Espírito obsessivo e antigo amor de Ângela, tocado pela emoção do momento e sob forte impacto magnético, é conduzido ao médium desdobrado para manifestação psicofônica.

Neste momento, estando o obsessivo sob a influência do organismo do médium, ouve as palavras do instrutor espiritual e é informado da necessidade do seu retorno ao plano físico, oportunidade em que renascerá como filho adotivo de Ângela. Após a realização do carinhoso diálogo, Antônio segue para a colônia que prepararia sua reencarnação, sendo a jovem e o médium reconduzidos aos seus corpos físicos adormecidos.

Ambos lembrariam das vivências, embora de modo diverso. O médium, mais acostumado aos trabalhos realizados, recordaria vagamente das cenas, guardando a informação de ter estado em trabalho de auxílio. Ângela, de modo diverso, acordaria com a lembrança de um terrível pesadelo, assustada e triste, conquanto permanecesse amparada pela misericórdia divina.

Considerando a quantidade de Espíritos que precisam de assistência, encarnados e desencarnados, é ainda reduzido o número de reuniões mediúnicas no plano físico, representando as da espiritualidade ato da misericórdia divina, não deixando nenhum de seus filhos ao desamparo. Deste modo, revestem-se as mesmas de grande importância, pois permitem a utilização de vários outros mecanismos de socorro aos necessitados.

#### 42. Pode-se evocar os Espíritos?

Sim, mas nem sempre é o mais indicado, variando muito de quem evoca, das condições em que isso acontece, das intenções, do médium, do Espírito evocado, entre outros fatores. Os Espíritos comunicam-se de modo espontâneo ou por um chamamento, acudindo em função de uma evocação.

Nas reuniões mediúnicas, conquanto cada método tenha vantagens e desvantagens, a nossa singela recomendação é pela espontaneidade.

A evocação pode decorrer de um chamamento expresso ou, ainda, pelo pensamento constante em determinado Espírito, representando as emissões mentais verdadeira evocação. Esse chamamento, conquanto possa ser feita, reveste-se de muitas cautelas que não podem ser olvidadas. A primeira delas diz respeito à identidade do comunicante, pois não temos como afirmar ser aquele que se apresenta, realmente, o Espírito evocado, ao passo que a vinda natural atenta melhor sua individualidade.

Lembremos que as comunicações sempre têm um pouco das características do médium, dificultando ainda mais a comprovação da identificação do desencarnado. O Espírito André Luiz, comentando exatamente sobre este aspecto, alerta sobre inconvenientes que podem ocorrer quando se busca notícias daqueles que retornaram à pátria espiritual. “Em Missionários da Luz”, apresenta-nos o caso da evocação de Dionísio, solicitada pela equipe mediúnica do plano físico.

Tal pedido, depois de devidamente examinado pelos mentores espirituais, foi concedido em virtude de possuir a equipe créditos espirituais. Contudo, após a realização do intercâmbio, os participantes encarnados levantaram dúvidas sobre a verdadeira identidade do Espírito evocado, findando por não acreditarem na veracidade da comunicação. Explica André Luiz:

Exigiam um Dionísio – homem pela boca de Otávia, mas nosso plano lhes impunha um Dionísio – espírito, pelas expressões da médium. [...] Depois de falar quase quarenta minutos, dirigindo-se à família e aos colegas de luta humana, Dionísio despediu-se. [...] interrompida a concentração mental com o encerramento, iniciaram-se as apreciações, verificando-se que quatro quintos dos assistentes não aceitavam a veracidade da manifestação. Somente a esposa de Dionísio e alguns raros amigos sentiram-lhe, efetivamente, a palavra viva e vibrante. Os próprios filhos internaram-se pela região da dúvida e da negativa.<sup>135</sup>

Para se evitar situações como essas é que a nossa humilde recomendação é se prestigiar a espontaneidade das comunicações, utilizando-se as evocações em situações excepcionalíssimas e desde que previamente acordadas com os benfeitores espirituais coordenadores da reunião mediúnica.

Além disso, outro possível obstáculo é não ter o Espírito evocado condições de estar presente ou mesmo interesse em atender a solicitação. Pode, ainda, até mesmo estar presente e desejar comunicar-se, mas em decorrência da ausência de afinidade fluídica com o médium, não consegue efetivar o intercâmbio. Neste ponto, à medida em que a faculdade mediúnica se desenvolve, mais flexível fica o medianeiro e mais facilidade terá para dar passividade a maior número de Espíritos. Vejamos afirmação relevante em “O Livro dos Médiuns”:

Frequentemente as evocações oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas a questões circunstanciadas. Para isto, são necessários médiuns especiais, ao mesmo tempo flexíveis e positivos e já [...] vimos que estes últimos são bastante raros, por isso que [...] relações fluídicas nem sempre se estabelecem instantaneamente com o primeiro Espírito que se apresenta.<sup>136</sup>

Pode acontecer, também, de os Espíritos não obterem permissão da Espiritualidade Superior para se comunicarem ou estarem ocupados em missões que não podem se afastar, sendo o encontro postergado. Se, por exemplo, o Espírito já estiver em nova existência corporal, conquanto possa se comunicar, encontrará mais dificuldades, principalmente quando estiver reencarnado em mundos inferiores ou for um Espírito muito materializado. Como se pode observar, as razões que impedem ou dificultam a manifestação de um Espírito evocado derivam de obstáculos pessoais ou circunstanciais.<sup>137</sup>

Portanto, a evocação de um Espírito é algo que precisa ser bem ponderado e ter um fim útil, jamais sendo baseada na curiosidade e outros objetivos

menos nobres. A Espiritualidade Superior avaliará a conveniência da evocação e, em sendo possível e útil para o aprendizado do grupo, envidará esforços para a concessão do pedido.

Pelas dificuldades observadas acima é que preferimos as comunicações espontâneas, cabendo aos participantes encarnados ter paciência e aguardar o momento considerado oportuno, pelos benfeitores espirituais, para eventual comunicação de amigos e/ou familiares desencarnados. Sem evocações o resultado é mais positivo, pois se evita fraudes, mistificações e dúvidas quanto à mensagem recebida.

### 43. O que é animismo?

Segundo o Espírito André Luiz, é o “conjunto de fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiums em ação”.<sup>138</sup> O termo animismo provem de *anima*, isto é, “alma”, referindo-se àquilo que vem do próprio médium, da sua alma.

Allan Kardec, ao estudar as comunicações mediúnicas, não deixou de atentar sobre a possibilidade de o Espírito do próprio médium comunicar-se, mediante a psicofonia ou psicografia, agindo por si mesmo. Questionando a espiritualidade obtém como resposta ser tal hipótese possível, podendo a alma do médium comunicar-se quando em parcial desdobramento, que pode dar-se em estado de vigília ou durante o sono. Esclarecem os Espíritos da codificação:

Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito. Tendes a prova disso nas visitas que vos fazem as almas de pessoas vivas, as quais muitas vezes se comunicam convosco pela escrita, sem que as chameis. Porque, ficai sabendo, entre os Espíritos que evocais, alguns há que estão encarnados na Terra. Eles, então, vos falam

como Espíritos e não como homens. Por que não se havia de dar o mesmo com o médium?<sup>139</sup>

No âmbito das reuniões mediúnicas o animismo é normalmente muito discutido e receado pelos médiuns ostensivos, principalmente no início do desenvolvimento mediúnico, quando não detêm o estudo e a experiência necessários para distinguirem com segurança a origem das ideias que lhes surgem. Há normalmente muitas dúvidas. Pertenceriam os pensamentos aos Espíritos desencarnados ou decorreriam da própria mente do medianeiro? Com a continuidade dos estudos e da prática mediúnica, tal dificuldade vai sendo melhor administrada, deixando de causar tanto desconforto e insegurança.

Nos fenômenos anímicos, portanto, quando a própria inteligência do médium comanda as manifestações psíquicas, pode ou não haver um Espírito desencarnado participando conjuntamente da comunicação. Explico. Em algumas situações não há a presença de um Espírito desencarnado, mas é somente a alma do médium que se comunica, transmitindo o seu pensamento pessoal, podendo ele ter ou não consciência deste fato.

Em outras ocasiões existe realmente uma inteligência externa ao medianeiro dando intercâmbio, mas certos arquivos de sua memória, decorrentes da atual encarnação ou de pretéritas, fazem-se presentes e interferem na pureza da comunicação. Luiz Gonzaga Pinheiro, debruçando-se sobre o tema, considera ser o animismo causado por duas causas: *cristalização* e por *interferência*. Quando causado por cristalização, ensina que

apenas a personalidade do médium se manifesta, através de seus próprios conhecimentos e conceitos pessoais, exteriorizando a sua problemática íntima, ou seja, repetições do fato cristalizado em sua mente. [...] A ideia cristalizada de ontem gera o animismo de hoje, como a ideia hoje defendida com radicalismo e fanatismo constantes, formarão o animismo de amanhã.<sup>140</sup>

Nestes casos a identificação é mais fácil, por conta da relativa frequência com que acontece, permitindo ao dirigente da reunião mediúnica e ao próprio médium perceberem o fenômeno e adotarem as medidas cabíveis para evitar sua continuidade. No animismo por interferência, o autor esclarece que ocorrem “infiltrações ou mergulho do próprio médium no pensamento do comunicante”, mesclando ou incluindo ao conteúdo da mensagem acontecimentos, fatos ou ideias pessoais, comprometendo sua autenticidade.<sup>141</sup>

Cabe ressaltar que não se deve confundir animismo por interferência com mediunidade intuitiva. No primeiro caso, o médium indevidamente acresce à mensagem do Espírito seus próprios pensamentos, seja por não estar ainda educado em sua mediunidade, seja por mistificação. Na segunda situação, o médium capta a ideia do comunicante, interpreta-a e a transmite com o seu próprio vocabulário, mas se mantendo fiel ao pensamento do desencarnado, sem alterá-lo. Tal proceder é plenamente natural e correto, inclusive podendo o mediano, a depender de seu nível intelectual, elevar ou rebaixar o nível do vocabulário usado pelo comunicante. Luiz Gonzaga subdivide o animismo por interferência em três tipos, a saber: *traumática*, *imaginativa* e *impressionante*.

A traumática ocorre quando, em encarnações pretéritas, o médium vivencia experiências traumáticas que marcam profundamente sua existência, sem conseguir superá-las. Essa lembrança faz-se presente nas comunicações atuais como uma forma de catarse, “de limpeza do inconsciente, atribuindo a sua dor, a do comunicante e vice-versa, até que pelo estudo [...] consegue discernir e separar a sua carga emocional e sintomática, da condição intrínseca do comunicante”.<sup>142</sup>

Na imaginativa o médium, por indisciplina emocional, fica demasiadamente excitado com personalidades ilustres da história, com elas se identifica e lhes adota as características, num processo de imaturidade espiritual. Afirmo Luiz Gonzaga:

Nesse tipo de interferência, o médium elege as personagens com as quais se afina

emocionalmente, alojando-os com seus feitos, no inconsciente, de onde emergem pelo automatismo psicológico, quando o conteúdo da comunicação que emite, assemelha-se em algum ponto, a vivência dos seus heróis. [...] a figura do protagonista transfere-se para o comunicante que se despersonaliza, resultando [...] em uma mensagem de três autores. Do modelo tomado pelo médium, do médium, e do Espírito comunicante.<sup>143</sup>

No animismo impressionante, o médium deseducado em suas emoções, desequilibra-se com os dramas apresentados pelos Espíritos comunicantes, com eles se impressionando e se contaminando, deixando de manter a imparcialidade e o equilíbrio necessários ao bom desempenho da tarefa de intercâmbio mediúnico. Não se influencia o mediano por fatos do pretérito, mas da vida atual e cotidiana, que o angustiam e se exteriorizam durante a comunicação. Esclarece o autor:

Por ocasião da comunicação, existe uma associação de fatos, uma interligação com o inconsciente, exteriorizando-se aquilo que impressionou ao médium, que julga segundo a sua ótica, estar traduzindo mensagens reais dos envolvidos nos eventos, com os quais se impressionou.<sup>144</sup>

Dentre os fenômenos anímicos estudados por Kardec mencionamos os decorrentes da emancipação da alma, produzidos pelos médiuns quando se encontram fora do corpo físico, tais como: os sonhos, a telepatia, o sonambulismo, a catalepsia, a letargia, o êxtase, a dupla vista, a bicorporeidade e a transfiguração. Em virtude destes temas já terem sido abordados em questões anteriores, não teceremos novas considerações.

Vale ressaltar, ainda, que todas as comunicações mediúnicas apresentam certo grau de animismo, pois o médium não funciona como um robô, mas como um intérprete do pensamento dos Espíritos, fazendo com que as mensagens sejam apresentadas com as características de sua individualidade, embora sem alteração do conteúdo. Inclusive, em comunicações de Espíritos

violentos e/ou agressivos deve o médium intervir mais fortemente, servindo como um filtro e mantendo a harmonia dos trabalhos.

Ao dirigente da reunião mediúnica cabe agir com muito bom senso, tato e respeito, procurando conduzir o assunto com a fraternidade que deve gerir as relações pessoais, principalmente entre membros de uma mesma equipe mediúnica. O médium anímico não deve ser perseguido, mas tratado com o mesmo amor e cuidado destinados aos Espíritos desencarnados, pois que também é necessitado de entendimento e de amparo. Com o tempo, o esclarecimento devido e os estudos, os episódios diminuem consideravelmente.

44. É possível ao médium distinguir as alterações psíquicas e orgânicas que lhe são próprias das que procedem dos Espíritos desencarnados?

Sim. No início do desenvolvimento mediúnico e nos primeiros anos de trabalho mediúnico, é bem normal os medianeiros apresentarem dificuldades para diferenciar se a mensagem provém de si mesmos ou dos Espíritos, principalmente quando são médiuns intuitivos ou semiconscientes.

O medianeiro intuitivo, por receber a mensagem diretamente em sua mente, captando-a de forma lúcida antes de a transmitir, fica receoso quanto a sua autenticidade, acreditando serem apenas ideias próprias e não dos Espíritos. Por conta deste receio, não raro evita dar comunicação e se fecha ao processo de desenvolvimento mediúnico. Todavia, o caminho é exatamente o inverso. Jacobson Santana Trovão assevera:

Curiosamente, a única forma de diferenciar os pensamentos do médium dos do

comunicante espiritual é o medianeiro permitir livremente o transe, sem autocensura e, durante a avaliação geral que normalmente ocorre ao término das sessões, receber os esclarecimentos necessários.<sup>145</sup>

O médium deve expor o que vem à mente, dar a comunicação, seja pela psicofonia ou pela psicografia, mesmo que no início tenha muito de animismo. Com o tempo, o estudo, o desenvolvimento da faculdade, a experiência e a orientação dos instrutores, terá o medianeiro condições de melhor avaliar a comunicação, sabendo o que é seu e o que procede dos Espíritos desencarnados.

O autoconhecimento é fundamental neste processo, pois quando o médium tem o hábito de se analisar, de conhecer seus pensamentos, atitudes e palavras, saberá bem distinguir acerca da autoria de um pensamento estranho que lhe chegue à mente. A educação da mediunidade, alcançada por intermédio de cursos teóricos e práticos da faculdade, é também valioso recurso a permitir a identificação daquilo que é mediunidade ou animismo.

Os instrutores, mais treinados e experientes na vivência da mediunidade, ensinam os alunos a avaliarem suas comunicações, bem como a externarem as suas percepções e as suas sensações, individuais e coletivas. Tal salutar cuidado permite identificar com mais clareza quantas e quais comunicações foram anímicas, de modo parcial ou completo. Com o tempo, o médium vai adquirindo a experiência necessária para avaliar a comunicação por si mesmo, sem recorrer sempre ao dirigente da reunião.

Além disso, o médium e a equipe mediúnica precisam adotar o hábito de analisarem, criticamente, as mensagens recebidas, verificando se podem ter origem em si mesmos ou não. Tal cuidado livrará o medianeiro de divulgar mensagens como decorrentes do exercício da mediunidade, quando na verdade decorrem da sua própria alma. Cabe-lhe, ainda, interrogar a consciência para questionar se determinada ideia é algo costumeiro, se os pensamentos apresentaram algum conteúdo inédito, se os seus sentimentos se

mantiveram inalterados, se teve percepções e sensações.

Kardec também questiona a espiritualidade acerca do tema, sendo informado que pela natureza das comunicações pode-se distinguir sua origem, devendo o médium estudar também as demais circunstâncias e a linguagem usada para possibilitar um melhor diagnóstico.<sup>146</sup> Desta feita, pelo conteúdo das mensagens e analisando cuidadosamente a linguagem da comunicação, terá o médium condições de avaliar se esta provém realmente dele, num processo anímico, ou de uma inteligência externa.

Importante destacar que sendo a comunicação decorrente ou não de animismo, cabe ao médium esclarecedor realizar o diálogo normalmente, como faz com os demais Espíritos atendidos, pois o Espírito do médium é também um sofredor e, não raro, necessita de atendimento fraterno, caridoso e respeitoso. Assim, o medianeiro irá, gradualmente, superando os traumas e as dificuldades de vidas passadas, adquirindo a força e o equilíbrio espiritual para sua evolução. Neste aspecto, o Espírito André Luiz orienta:

Deve ser tratada com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que se comunicam. [...] Um doutrinador sem tato fraterno apenas lhe agravaria o problema, porque, a pretexto de servir à verdade, talvez lhe impusesse corretivo inoportuno ao invés de socorro providencial.<sup>147</sup>

Com o estudo constante e sério da mediunidade, aliado à prática disciplinada da faculdade e da sua moralização pessoal, o médium conseguirá fazer esta diferenciação com mais segurança e tranquilidade. Jacobson Santana Trovão segue nesta mesma linha, ao sugerir:

Conforme o interesse e a dedicação do médium ao estudo, o seu desprendimento a favor da tarefa mediúnica, as meditações a que se dê, o cultivo de pensamentos elevados, o esforço na sintonia positiva contínua, maior será a capacidade de recepção dos

pensamentos das entidades, tornando-se instrumento dócil aos Espíritos elevados, promovendo, desse forma, o mínimo de interferência anímica na mensagem psicofônica ou psicográfica.<sup>148</sup>

Portanto, que o médium tenha realmente boa vontade e dedicação no exercício da mediunidade, pois assim o animismo e outras dificuldades naturais do processo serão naturalmente sanadas, sentindo-se o medianeiro seguro e tranquilo.

---

108. *Id.* *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 496.

109. *Id.*, *ibid.* p. 503.

110. O tema será devidamente detalhado na pergunta número 36.

111. Sobre os participantes da reunião vide questão número 37.

112. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 497.

113. *Id.*, *ibid.* p. 498.

114. *Id.*, *ibid.*

115. *Id.*, *ibid.* p. 500.

116. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita, 2011. p. 37.

117. *Id.*, *ibid.* p. 23.

118. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 373

119. XAVIER, Francisco Cândido. *Os missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita, 2018. p. 183.

120. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita, 2011. p. 37.

121. PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 27. ed. Brasília: FEB, 2013, p. 295.

122. XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da Luz*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita, 2018. p. 201.

123. O tema obsessão será devidamente estudado em capítulo próprio.

124. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita. 2011. p. 23.

125. MIRANDA, Hermínio. *Diálogo com as Sombras*. [s.l.]: Luz Espírita, 2009. p.54.

126. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 502.

127. FRANCO, Divaldo; TEIXEIRA, Raul. *Diretrizes de Segurança*. [s.l.]: Frater, [2013?]. p. 40.

128. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 529.

129. *Id.*, *ibid.* p. 524.

130. *Id.*, *ibid.* p. 504.

131. O tema da obsessão será devidamente estudado em capítulo específico.

132. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 359.
133. FRANCO, Divaldo Pereira. *Além da morte*. Pelo Espírito Otilia Gonçalves. [s.l.]: Leal, [2004?]. p. 85.
134. *Id., ibid.*
135. XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da Luz*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita, 2018. p. 172.
136. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 407.
137. *Id., Ibid.* p. 410.
138. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita, 2017. p. 106.
139. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 311.
140. PINHEIRO, Luiz Gonzaga. *Diário de um doutrinador*. [s.l.]: EME, [2018?]. p. 137.
141. *Id., ibid.*
142. *Id., ibid.* p. 138.
143. *Id., Ibid.* p. 139.
144. *Id., ibid.*
145. TROVÃO, Jacobson Santana. *Psicofonia na obra de André Luiz*. 1 ed. Brasília: FEB, 2016. Arquivo Kindle.
146. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 312.
147. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita. 2011. p. 113.
148. TROVÃO, Jacobson Santana. *Psicofonia na obra de André Luiz*. 1 ed. Brasília: FEB, 2016. Arquivo Kindle.

## Capítulo 6

# Influência espiritual



### 45. Os Espíritos influenciam nossa vida e atos?

Sim, muito mais do que possamos imaginar. Dizem os Espíritos que tanto nos influenciam que, de ordinário, são eles que nos dirigem.<sup>149</sup> O plano espiritual está em constante interação e intercâmbio com o plano material, não existindo uma barreira intransponível, no que tange ao pensamento, entre os desencarnados e os encarnados.

Todas as pessoas têm a capacidade de influenciar alguém e de serem influenciados, estejam elas encarnadas ou desencarnadas, posto que pelo pensamento os Espíritos que se encontram na espiritualidade têm meios de se comunicarem conosco, estabelecendo-se, pela sintonia, vínculos entre nós e eles e vice-versa.

Segundo os nossos pensamentos, palavras e atitudes, entramos na mesma

faixa vibratória de outros Espíritos que pensam, falam e agem como nós, estabelecendo-se então a sintonia, que nada mais é do que um processo de aproximação psíquica entre afins. Esses Espíritos acabam por se tornar simpáticos, dando origem a uma interferência de um sobre o outro.

Ficam invisíveis para nós por causa da nova dimensão em que se encontram, passando a vibrar em uma frequência mais alta do que nossos sentidos visuais podem captar.

Quando nos resguardamos no ambiente da prece, dos bons pensamentos e da prática do bem, nós nos subtraímos à sua influência e saímos de sua esfera de atuação, pois o fato de vibrarmos em frequência vibratória diferente, acaba por nos manter imunes à influência negativa dos Espíritos.

Os Espíritos não têm dificuldade para saber como influenciar os encarnados, pois conseguem acessar os nossos pensamentos e emoções, não precisando para isso que nós os verbalizemos. Kardec, ao questionar se podem os Espíritos conhecer os pensamentos mais secretos da criatura, obtém resposta afirmativa, inclusive podendo eles, muitas vezes, chegarem a saber “o que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular”<sup>150</sup>, mostrando nunca estarmos realmente sozinhos, mas constantemente ao lado de uma turba de desencarnados.

Desta feita, como estamos constantemente pensando em nossos interesses, fraquezas e problemas, os Espíritos não encontram obstáculos para identificarem os pontos fracos da criatura, sabendo onde as influenciarem. “Onde estiver o teu tesouro, aí também estará o teu coração”.<sup>151</sup> O Espírito André Luiz designa como “desejo central” ou “tema básico” os nossos interesses mais secretos, asseverando que

todos possuímos, além dos desejos imediatistas comuns, em qualquer fase da vida, um “desejo central” ou “tema básico” dos interesses mais íntimos. Por isso, além dos pensamentos vulgares que nos aprisionam à experiência rotineira, emitimos com mais frequência os pensamentos que nascem do “desejo central” que nos caracteriza, pensamentos esses que passam a constituir o reflexo da nossa personalidade. Desse modo,

é fácil conhecer a natureza de qualquer pessoa.<sup>152</sup>

Conhecendo os nossos desejos centrais, os Espíritos buscam meios de os excitar ou inibir, conforme tenham índole positiva ou negativa e desejem auxiliar ou prejudicar os encarnados. Cada criatura será tentada naquilo que alimenta em seu íntimo. É deste modo que as criaturas, a partir das duas grandes chagas da humanidade, o orgulho e o poder, desenvolvem viciações na busca pela posse, prestígio, poder e prazer.

Essas quadro fragilidades humanas desdobram-se em outras tantas, como prodigalidade, avareza, apego, materialismo, exibicionismo, vaidades, afetação, exotismo, soberba, arbitrariedade, dominação, ira, prepotência, violência, arrogância, sensualismo, luxúria, preguiça, gula, consumismo etc. A influência, portanto, terá relação direta com as nossas ideias e atos.

Não imaginemos que apenas os médiuns ostensivos são influenciados pelos Espíritos. Na medida em que todos nós possuímos a mediunidade natural, recebendo intuições e inspirações dos desencarnados, por eles somos naturalmente influenciados. Lembremos estarem os Espíritos constantemente ao nosso redor, acompanhando-nos e nos observando.

Se quisermos nos tornar pessoas simpáticas a Espíritos nobres, sendo positivamente influenciadas, trabalhem os sentimentos, agindo e pensando o bem, o amor, a paz e a fraternidade. De outro modo, simpatizando com Espíritos viciosos e atormentados, estaremos recebendo influências negativas que dificultam nosso caminhar, impedindo o nosso progresso.

Assim, todos estamos sujeitos à influência de Espíritos desencarnados, posto que essa influência é permanente. Advertem os Espíritos que as criaturas “que não se ocupam com os Espíritos, ou até não creem neles, estão expostos a sofrê-la, como os outros e mesmo mais do que os outros, porque não têm com que a contrabalancem”.<sup>153</sup> Para distinguirmos se a mensagem sugerida é positiva ou negativa, basta examinarmos o seu conteúdo, visto que Espíritos bons somente para o bem orientam.

## 46. Como se dá a sintonia mental entre encarnados e desencarnados?

Tal sintonia se dá pela atuação do fluido cósmico universal, encontrando-se mergulhado o Universo inteiro neste fluido, o qual vibra e se movimenta pela ação do pensamento e da vontade da criatura. Diz “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

Esse fluido recebe da vontade uma impulsão; ele é o veículo do pensamento, como o ar o é do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao infinito. Dirigido, pois, o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no Espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som.<sup>154</sup>

E conforme seja mais ou menos forte o pensamento e a vontade, mais energia tem a corrente fluídica que se estabelece, permitindo alcançar os Espíritos onde quer que estejam, não precisando estarem fisicamente próximos uns aos outros, pois para o pensamento não há distância. Sendo o fluido cósmico universal o veículo de transmissão do pensamento, todo o mecanismo encontra-se na mente. Como nos adverte Emmanuel, “é no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos da comunhão de Espírito a Espírito”.<sup>155</sup>

Quando um pensamento nos é sugerido, é como uma voz que fala, a qual podemos agasalhar ou rechaçar, segundo a nossa vontade. Quando desenvolvemos uma sintonia espiritual positiva, recebemos influências dos bons Espíritos, propensos ao bem, auxiliando-nos em nosso progresso espiritual, como é o caso do nosso amigo espiritual, mais conhecido como anjo da guarda, cuja missão é nos amparar em nossa jornada evolutiva.

Vale ressaltar, todavia, que os bons Espíritos procuram nos influenciar

positivamente, conquanto sempre respeitem as nossas escolhas, pois que temos o livre-arbítrio. Se, mesmo recebendo boas inspirações optarmos pela prática de atos equivocados, a espiritualidade amiga lamentará, mas não nos imporá suas ideias, sendo tal proceder característica de Espíritos imperfeitos, desejosos de verem prevalecer suas vontades a qualquer custo. Os Espíritos informam que renunciam às tentativas de nos influenciar quando são repelidos, mas que ficam “à espreita de um momento propício, como o gato que tocaia o rato”, para nos sugerir o que desejam.<sup>156</sup>

A influência espiritual negativa, decorrente de uma sintonia inferior, pode ser natural ou obsessiva, dependendo da intenção do Espírito que influencia. Quando natural, Espíritos ignorantes de sua condição no mundo espiritual acabam agindo e influenciando negativamente os encarnados, embora não tivessem essa intenção. Difere da obsessão<sup>157</sup>, quando Espíritos inferiores atuam deliberadamente sobre outro, encarnado ou desencarnado, almejando prejudicá-los.

Por fim, conseguindo os Espíritos estabelecerem conosco sintonia, podem aproveitar as circunstâncias propícias para a sugestão desejada ou, ainda, criarem-nas de modo a nos impulsionar para a realização daquilo que desejam. Assim procedem no tocante a todas as nossas tentações, motivo pelo qual precisamos estar, a todo momento, atentos, orando e vigiando o nosso coração, para que não fiquemos extremamente vulneráveis à influência maléfica de Espíritos imperfeitos.

#### 47. Como podemos saber se um pensamento é nosso ou de um Espírito?

Nem sempre é fácil identificar a origem das ideias que nos chegam à mente, principalmente quando não nos conhecemos. A falta do

autoconhecimento leva a criatura a ter dificuldades para saber se um pensamento é fruto de si mesmo ou de uma fonte externa. Quando temos o hábito de refletir sobre os nossos desejos, interesses e fragilidades, sabemos que qualquer sugestão contrária ao que usualmente somos pode ter como fonte um Espírito desencarnado.

Certamente, contudo, tem mais facilidade para perceber tal influência a criatura que sabe da existência do mundo espiritual, da sua capacidade de influenciar os encarnados e como isso ocorre, estando mais atento e lúcido a todo o processo de sugestão mental. O desconhecimento é sempre um fator de fragilidade humana, razão pela qual devemos primar pelo estudo, pela busca constante de conhecimento e aprimoramento intelectual.

Os Espíritos, ao serem questionados sobre o tema, afirmaram que “quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar”, dando ao homem uma pista de como podemos distinguir a fonte das ideias. Todavia, ainda na mesma oportunidade, acrescentam também não ter grande relevância tal conhecimento, sendo preferível mesmo que não saibamos, deixando ao homem a possibilidade de agir com mais liberdade.<sup>158</sup>

O Espírito Miramez ensina que “entre os pensamentos há certos intervalos, onde agem os Espíritos inferiores, com suas sugestões inconvenientes mas, se analisarmos os pensamentos, encontraremos os que vêm de fora”.<sup>159</sup> Em verdade, contudo, não importa conhecer se determinada ideia vem de nós ou de outrem, mas sim da postura por nós adotada diante, que pode ser positiva ou negativa. Caso se opte em dar vazão aos pensamentos inferiores, agasalhando-os e vivenciando-os, qual a importância de sua origem se a liberdade pela sua escolha foi da criatura? Não poderia ela tê-los rechaçado?

Mesmo que alguma parcela de responsabilidade seja destinada aos Espíritos influenciadores, em especial nas hipóteses de obsessão, não há arrastamento irresistível, podendo sempre o indivíduo resistir, se tiver força de

vontade para tal. Decorre disso o fato de precisarmos usar a razão e o bom senso na análise de tudo aquilo que nos chega à mente, filtrar os pensamentos e agir com base no Evangelho Redivivo e nos valores éticos.

Estamos submetidos, mergulhados numa grande teia de pensamentos variados, devendo o homem manter-se em vigilância, lutando contra eventuais sugestões negativas captadas pela sua mente. Nestes momentos, deve procurar orar, usando toda a sua energia mental para conectar-se com o Criador e d'Ele receber a força espiritual necessária para vencer as más influências.

Além disso, precisamos cuidar dos pensamentos que emitimos para o meio, pois também somos por eles responsáveis. Na medida em que tais ideias podem e, muito provavelmente, serão captadas e assimiladas por alguém, que as utilizará para o bem ou para o mal, alguma culpabilidade temos. Se forem ideias salutares, contribuímos para a propagação do amor e da fraternidade, mas quando negativas caminhamos na contramão do objetivo maior de toda criatura e por isso seremos responsabilizados.

#### 48. Como podemos neutralizar a influência dos Espíritos?

O meio melhor e mais eficaz para neutralizar as influências inferiores dos Espíritos é, seguramente, fazer o bem. Este é o antídoto. A imperfeição da criatura, que ainda é grande, aproxima-a mais da animalidade que da angelitude, ficando assim vulnerável às sugestões negativas.

Nossas paixões inferiores acabam, em algum momento, atraindo Espíritos na mesma sintonia vibratória inferior, quando então o processo de influência fica mais forte e evidente. Tem o indivíduo, deste modo, dificuldades para se manter constantemente em equilíbrio, emitindo vibrações superiores, pois as sombras ainda habitam o seu ser. O processo de pureza espiritual é lento e

gradual, havendo necessidade de muitas reencarnações para que o homem abandone completamente suas imperfeições.

Os Espíritos, respondendo a questionamento semelhante de Kardec, orientam que “praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós”.<sup>160</sup> A Doutrina Espírita, portanto, ensina ser a prática do bem e a fé em Deus o caminho a seguir, agindo assim estaremos nos imunizando contra a maldade que, em outros casos, poderia atingir-nos. O Espírito Miramez reforça tal entendimento quando afirma que “somente o bem neutraliza o mal, somente o amor neutraliza o ódio, somente o perdão neutraliza a violência”.<sup>161</sup>

O ser humano tem razão e intelectualidade suficiente para discernir o bem e o mal, precisando utilizar corretamente os recursos que lhes são oferecidos por Deus. Do mesmo modo, tem a criatura acesso a inúmeros livros, amigos e a valiosos exemplos de grandes nomes da humanidade, tudo para o auxiliar na boa condução da vida. Desta feita, nos momentos em que o indivíduo percebe-se emitindo e captando pensamentos negativos, não pode dar-lhes continuidade, mas sim lutar para os rechaçar. E a oração é o meio para isso.

A oração é força poderosa e neutraliza as sombras, fazendo a criatura entrar em comunhão com Deus, Jesus e os Espíritos superiores. A prece cria um campo de força positivo ao redor daquele que ora, atraindo para si o auxílio dos bons Espíritos que, por intermédio da intuição e da inspiração, sustenta quem deles pede amparo. Como vibração de energia, a prece tem assim grande relevância na prevenção de influências espirituais negativas, obsessões e vampirismo<sup>162</sup>.

O hábito da prece, como se pode constatar, é de valor inestimável, devendo ser exercido diariamente, de modo a manter o homem continuamente protegido e irradiando energias salutares a si mesmo e a todos que dele se aproximam. Devemos também buscar o conhecimento para saber como nos defendermos, como aplicar a prece em nosso benefício. Acerca da importância

da prece, orienta “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe ideias sãs. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas.<sup>163</sup> [...]

E acrescenta:

Nesse caso, o que eles fazem não é afastar de nós o mal, porém, sim, desviar-nos do mau pensamento que nos pode causar dano; eles em nada obstam ao cumprimento dos decretos de Deus, nem suspendem o curso das Leis da Natureza; apenas evitam que as infringamos, dirigindo o nosso livre-arbítrio. [...] O homem se acha então na posição de um que solicita bons conselhos, os põe em prática, mas conservando a liberdade de segui-los ou não.<sup>164</sup>

Em tudo devemos buscar Jesus, nosso modelo e guia, pois somente assim conseguiremos verdadeiramente neutralizar qualquer influência inferior, principalmente a que nos incita ao orgulho e ao egoísmo. Jamais renunciemos à prece, isso significaria abdicar da assistência de Deus para nós e para o nosso próximo.

49. Por que o medo de Espíritos?

O medo de Espíritos é algo bem comum entre as pessoas. Conquanto se tenha normalmente muita curiosidade, poucos desejam e procuram estudar, conhecer e compreender sobre os Espíritos. Observa-se estar o temor

diretamente ligado a filmes, lendas, histórias de terror e outros fatos alegóricos que acabam por desenvolver tal sentimento.

Por consequência, as pessoas acreditam ser a interação com os Espíritos algo perigoso e que deve ser evitado. Mesmo entre Espíritas encontramos muitos que temem os Espíritos e não querem vê-los ou sentir sua influência direta. Por que isso acontece?

O desconhecimento e a falta de estudo são, seguramente, as causas primeiras. Não é à toa oferecerem os centros espíritas cursos sistemáticos para se estudar os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, envolvendo seus aspectos filosóficos, científicos e religiosos. O modo mais eficaz de se combater o temor é pela compreensão que o conhecimento espírita nos proporciona.

Há pessoas que mesmo após a realização de cursos nas casas espíritas ainda não conseguem vencer tal sentimento. Nestes casos, recomendamos refazê-los ou continuar buscando outros ensinamentos espíritas, principalmente estudos aprofundados da codificação kardequiana. Enquanto não houver entendimento real e completo, a criatura continua desconfortável e temerosa de Espíritos.

Algumas concepções equivocadas também contribuem para o medo de Espíritos, como acreditar, por exemplo, provir toda e qualquer comunicação de Espíritos ruins e malévolos. Saibamos que, tal qual entre os encarnados, existem entre os desencarnados criaturas boas, más, evoluídas, amigas etc., podendo ser o Espírito um parente, um amigo, um sofredor ou apenas alguém que deseja falar conosco.

O contato pode decorrer, ainda, da intenção de o Espírito dar provas da vida espiritual, da imortalidade da alma e da continuidade da vida após a morte do corpo físico. Deste modo, verifica-se haver inúmeras razões pelas quais Espíritos desencarnados desejam entrar em comunicação com o mundo material.

Outro fator a colaborar com o crescente medo de Espíritos é o fato de se

pensar serem os Espíritos dotados de superpoderes, os quais poderiam ser contra nós utilizados para nos fazer algum mal. As coisas não acontecem assim, tal receio é também fruto do desconhecimento e da falta de estudo, comprovando ser esse o grande incentivador para a perpetuação do temor.

Somente os Espíritos superiores, que já alcançaram um alto grau de evolução espiritual, e Deus, inteligência suprema e detentor de todo o poder, detêm autoridade real sobre todos nós, sobre a humanidade encarnada e desencarnada. Eles, como facilmente se pode concluir, não desejam e não fazem o mal.

Ainda que estejamos lidando com Espíritos inferiores, que queiram nos prejudicar, isso somente acontece se com eles sintonizarmos, abrindo um campo mental favorável para essa conexão maléfica, pois tudo no Universo é sintonia. Havendo união de propósitos inferiores, acolheremos seus pensamentos e assimilaremos seus fluidos deletérios, quando então seremos prejudicados. Vale ressaltar poderem os Espíritos inferiores influenciar o homem com pensamentos negativos e emoções deletérias, contudo não há arrastamento irresistível, manteremos sempre o livre-arbítrio para fazer o que desejamos.

O temor, quando não trabalhado, pode significar um canal negativamente aproveitado por Espíritos brincalhões, que acabam por assustar as pessoas, divertindo-se às nossas custas. Quando se tem conhecimento de todo o processo, tais intentos deixam de ter importância, de incomodar, fazendo os Espíritos desistirem de seus intentos. A confiança em Deus, em nosso amigo espiritual e na Espiritualidade Superior são fatores preponderantes para a superação do medo.

Precisamos buscar inspiração no Codificador, que ao invés de ter medo, resolveu estudar e compreender os chamados “mortos”, seus sofrimentos, modo de vida no plano espiritual, maneira como podem influenciar os encarnados, entre outros. Aprendendo com os inúmeros relatos trazidos pelos Espíritos, supera-se o temor e se caminha mais facilmente em direção ao

progresso espiritual.

Aspecto também interessante é o próprio medo da morte. O temor de Espíritos acaba sendo um reflexo do medo que o indivíduo tem de morrer. Quem tem receio da morte, sentir-se-ia confortável em conversar com um morto? Certamente que não. Pois bem, o medo da morte leva a criatura a evitar qualquer contato com os Espíritos, numa errônea ideia de que evitando os Espíritos, evita-se morrer.

Precisamos entender não existir a morte. Todos somos Espíritos, no corpo físico ou fora dele, criados por Deus para a perfeição e para a felicidade e, por intermédio das variadas reencarnações, chegaremos neste ideal. Portanto, perder o corpo material não significa, em hipótese alguma, a morte da consciência ou da nossa individualidade.

## 50. Entes queridos desencarnados podem nos visitar?

Sim, é plenamente possível, embora não ocorra para todos da mesma maneira, dependendo de fatores como: condição moral e evolutiva do Espírito desencarnante, forma do desencarne, condição emocional da família, permissão da Espiritualidade Superior, entre outros.

Normalmente, após um período de recuperação na erraticidade, podem nossos familiares desencarnados vir nos visitar. O tempo para este restabelecimento no plano espiritual varia quase ao infinito. Para aqueles que já vivenciavam o Evangelho Redivivo em vida e tinham conhecimento da imortalidade da alma, tudo acontece mais rapidamente, podendo em poucos meses receberem permissão da espiritualidade para visitarem seus familiares queridos.

Contudo, para os que pouco ou nenhum conhecimento da vida espiritual tinham ou que viviam mais ligados à matéria, não procurando elevar-se,

encontrarão muito mais dificuldades para ficarem bem e equilibrados na erraticidade. Tal condição, infelizmente, retarda sobremaneira o reencontro com seus familiares e amigos encarnados e, até mesmo, desencarnados. E isso representa para eles um grande sofrimento. Assim, o entendimento e o preparo espiritual são condições determinantes para uma permissão de visita.

Os que desencarnam não deixam de nos amar e de também sentirem saudades, pois o amor não se acaba com a morte do corpo físico, sendo eterno. Os Espíritos são sensíveis à saudade muito mais do que podemos imaginar e, quando felizes, tal lembrança aumenta-lhes a alegria. No caso de se encontrarem infelizes, tal recordação serve-lhes de alívio, sendo sempre benéfica.<sup>165</sup>

Nem todos os Espíritos, contudo, são conduzidos logo às colônias espirituais após o desencarne, podendo muitos permanecerem apegados à vida física, à família, ao mundo material, sendo magneticamente atraídos pelo pensamento aos seus antigos lares e lá permanecendo, influenciando negativamente os encarnados, num processo obsessivo inconsciente. Nestas situações, diferentemente das visitas programadas, a permanência do Espírito junto aos familiares é prejudicial, em função da carga energética desequilibrante emanada, contaminando o ambiente fluídico do lar.

O Espírito André Luiz, no livro “Nosso Lar”, somente obteve autorização para visitar sua família após um ano residindo na colônia, embora esse fosse o seu desejo desde o início. Lembremos de ter ele permanecido por oito anos em regiões umbralinas até ser recolhido pelos amigos espirituais, ficando um total de nove anos sem visitar seus familiares.

Tal espera foi necessária pois precisava ele adquirir compreensão, força espiritual e confiança em Deus para lidar com a realidade do seu lar tanto tempo depois. Ainda assim, mesmo com todo o preparo, o momento mostrou-se delicado e difícil, precisando André Luiz recorrer à prece para não retornar ao desequilíbrio vivenciado após o seu desencarne e contaminar ainda mais o ambiente familiar.<sup>166</sup>

Quando as visitas são autorizadas, o objetivo é poder o Espírito ajudar os familiares que ficaram na Terra, inspirando-os bons pensamentos e os sustentando nos momentos difíceis, razão pela qual precisam estar preparados para o reencontro. Sabemos que a vida material é repleta de atribuições que angustiam as pessoas. Se o Espírito desencarnado estiver fragilizado emocionalmente, acaba prejudicando os encarnados com suas vibrações pouco construtivas, mesmo não sendo essa a sua intenção.

Tais visitas nem sempre são percebidas pelos encarnados, podendo a presença despertar lembranças nos mais sensíveis, pois que são inspirados a recordarem dos familiares desencarnados. Alguns, ainda, podem identificar odores característicos, os quais são estimulados pelo familiar desencarnado como uma forma de indicar a sua presença amiga.

No dia de finados também é comum virem os Espíritos visitar seus parentes, não necessariamente pela data em si, mas em decorrência do apelo mental feito pelos encarnados. Tal ato caracteriza uma evocação pelo pensamento. Em tal período reúnem-se os Espíritos em maior quantidade nos cemitérios, pois que ali se encontram os familiares, não lhes importando a multidão de pessoas, mas sim o sentimento.<sup>167</sup>

Tais encontros podem acontecer, naturalmente, em outros dias e lugares, sendo a lembrança o fator determinante. Quando as criaturas recordam de seus familiares desencarnados, tais pensamentos os alcançam onde quer que estejam e, em sendo possível, acodem ao nosso chamado.

Outra situação em que os Espíritos podem se fazer presentes é nas reuniões de herança, para sucessão de seus bens. Nestes casos, Deus concede tal permissão para servir de “ensinamento e castigo dos culpados”, momento em que observam, com grande decepção, os verdadeiros sentimentos aflorarem de seus herdeiros, quase sempre movidos por interesses materiais.<sup>168</sup>

Ressaltamos, por fim, não poderem as visitas acontecer a todo o momento. Os Espíritos têm tarefas e responsabilidades a cumprir na erraticidade, estando também em aprendizado e crescimento. Entretanto, mesmo se aqui não

vierem constantemente, podem estar em contato com seus familiares pelo processo de emancipação do sono, quando se reencontram e socializam.

## 51. Como sair de uma tristeza e recomeçar?

Inicialmente, antes de se buscar sair da tristeza, acreditamos ser importante refletir sobre ela, compreendendo o porquê de se estar triste, qual a sua finalidade na vida e o que pode o homem aprender com determinado sentimento, pois tudo o que acontece, se a criatura tiver olhos para ver, está proporcionando meios para a evolução.

Jesus jamais enunciou o sofrimento como algo indispensável para que o ser humano crescesse, ao contrário, ensinou e vivenciou o amor como o melhor e o único caminho para a felicidade. Contudo, a rebeldia do homem em seguir Seus ensinamentos fez com que o sofrimento fosse necessário, utilizado como o último recurso para o despertar do homem, fazendo-o acordar do seu egoísmo e modificar seu mundo mental. Diz o Espírito Santo Agostinho em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

Ó homens! Dar-se-á não reconheçais o poder do vosso Senhor, senão quando Ele vos haja curado as chagas do corpo e coroado de beatitude e ventura os vossos dias? Dar-se-á não reconheçais o seu amor, senão quando vos tenha adornado o corpo de todas as glórias e lhe haja restituído o brilho e a brancura? [...] Até quando os vossos olhares se deterão nos horizontes que a morte limita? Quando, afinal, vossa alma se decidira a lançar-se para além dos limites de um túmulo?<sup>169</sup>

E continua o nobre Espírito:

Vós, que pedistes para lutar de corpo e espírito contra o mal moral e físico, sabíeis que quanto mais forte fosse a prova, tanto mais gloriosa a vitória e que, se triunfásseis, embora devesse o vosso corpo parar numa estrumeira, dele, ao morrer, se desprenderia uma alma de rutilante alvura e purificada pelo batismo da expiação e do sofrimento. [...] os momentos das mais fortes dores lhe serão as primeiras notas alegres da eternidade. Sua alma se desprendera de tal maneira do corpo que, enquanto ele se estorcer em convulsões, ela planará nas regiões celestes, entoando, com os anjos, hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.<sup>170</sup>

O sofrimento, conquanto tenha o indivíduo dificuldades para aceitar, consegue acessar profundamente a consciência humana, fazendo-nos repensar e mudar. É, portanto, sempre um benefício para quem não quer agir e pensar além de seu próprio interesse. Deus não almeja o sofrimento de seus filhos, mas que se eduquem e vivam em fraternidade. Buscando o homem o conhecimento da Justiça Divina, cujo objetivo é nos fazer crescer e evoluir, terá condições de seguir com perseverança e fé, sem desistir diante dos embates e lutas da vida.

Por meio do estudo das leis de Deus, o homem entende o processo, liberta-se das dúvidas e segue seguro no caminho da perfeição. Conheceréis a verdade e a verdade vos libertará.<sup>171</sup> O conhecimento está à disposição de todos nós, precisamos ir em busca. O Espiritismo nos traz as respostas para os grandes questionamentos da humanidade. Por que estou aqui? Por que sofro? Por que uns tudo tem e outros sofrem? O que será de mim depois da morte? Deus existe? A humanidade continua debatendo-se em meio ao nevoeiro de sofrimento e, mesmo após a vinda do Cristo, ainda não compreendemos o caminho que leva à Justiça do Pai, ao qual todos estamos submetidos.

Passados quase dois mil anos, Deus permitiu que o Espiritismo rasgasse o véu do desconhecido em prol da humanidade, trazendo a luz para que os cegos enxergassem e os surdos escutassem. Desta feita, pelas vozes dos Espíritos, em todas as partes do planeta, o homem teve a oportunidade de conhecer e de compreender os fundamentos da Justiça Divina, da Lei de Amor

e Caridade, e da Reencarnação como mecanismo de progresso.

Diante de tantas diferenças na Terra, sem o conhecimento da reencarnação jamais conseguiríamos conceber um Deus soberanamente bom e justo. Por oportuno, trazemos uma mensagem do Espírito Joanna de Ângelis, intitulada “Tristeza Perturbadora”:<sup>172</sup>

*Conquanto brilhe o sol da oportunidade feliz, abrindo campo para a ação e para a paz, a sombra teimosa da tristeza envolve-te em injustificável depressão.*

*Gostarias de arrancar das carnes da alma este espinho cravado que te faz sofrer, e, por não o conseguires, deixas-te abater.*

*Conjecturas a respeito da alegria, do corpo jovem, dos prazeres convidativos, e lamentas não poder fruir tudo quanto anelas.*

*A tristeza, porém, é doença que, agasalhada, piora o quadro de qualquer aflição.*

*A sua sombra densa altera o contorno dos fatos e das coisas, apresentando fantasmas onde existe vida e desencanto no lugar em que está a esperança.*

*Ela responde pela instalação de males sutis que terminam por desequilibrar o organismo físico e a maquinaria emocional.*

*Luta contra a tristeza, reeducando-te mentalmente.*

*Não dês guarida emocional às suas insinuações.*

*Ninguém é tão ditoso quanto supões ou te fazem crer.*

*A Terra é o planeta-escola de aprendizes incompletos, inseguros.*

*A cada um falta algo, que não conseguirá conquistar.*

*Resultado do próprio passado espiritual, o homem sente sempre a ausência do que malbaratou.*

*A escassez de agora é consequência do desperdício de outrora.*

*A aspiração tormentosa é prova a que todos estão submetidos, a fim de que valorizem melhor aquilo de que dispõem e a outros falta.*

*Lamentas não ter algo que vês noutrem, todavia, alguém ambiciona o que possuis e não dás valor.*

*Resigna-te, pois, e alegra-te com tudo quanto te enriquece a existência neste momento.*

*Aprende a ser grato à vida e àqueles que te envolvem em ternura, saindo da tristeza pertinaz para o portal de luz, avançando pelo rumo novo.*

*Jesus, que é o “Espírito mais perfeito” que veio à Terra, sem qualquer culpa, foi incompreendido, embora amando; traído, apesar de amar, e crucificado, não obstante amasse...*

*Desse modo, sorri e conquista o teu espaço, esquecendo o teu espinho e arrancando aquele que está ferindo o teu próximo.*

*Oportunamente, descobrirás que, enquanto te esqueceste da própria dor, lendo a dos outros, superaste-a em ti, conseguindo a plenitude da felicidade, que agora te rareia.*

A criatura precisa trabalhar a reeducação mental, não agasalhando a tristeza, não a deixando se instalar no coração e não a valorizando. Quando ela surgir, devemos rechaçá-la com energia e determinação, optando por sorrir ao invés de chorar. Se praticarmos o Evangelho ensinado por Jesus, na expressão máxima de justiça, de amor e de caridade, superaremos qualquer tristeza e nos blindaremos contra tudo que nos distancia de Deus.

## 52. O Espiritismo é contra o carnaval?

Não, mas também não o incentiva. A Doutrina Espírita não tem por norma de proceder a proibição, mas o esclarecimento e a orientação da criatura acerca dos fatos e de suas consequências, principalmente quanto ao aspecto espiritual, levando o ser humano a uma postura reflexiva diante da vida.

O carnaval ou festa da carne, como expressão de alegria, arte, cultura e comemoração, é um belo espetáculo, uma oportunidade para que o indivíduo tenha momentos de lazer e de repouso, necessário a todo ser humano para a renovação das energias do corpo e para dar “um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria”<sup>173</sup>, como dito em “O Livro dos Espíritos”. A busca pelo equilíbrio da mente, do corpo e do espírito não é errado, sendo mesmo desejável. O problema, contudo, não está em buscar o homem espairecer, mas nos excessos a que se permite durante o carnaval.

Durante o carnaval, lamentavelmente, a criatura tem se permitido o gozo desmedido e a insensatez, na supremacia das paixões e dos instintos inferiores, por meio de comportamentos equivocados, irresponsáveis e de grande promiscuidade. A incidência da violência e da agressividade na época do carnaval é maior, exatamente por conta do desequilíbrio emocional e

energético observado no período. Ao invés de aproveitar a festa para a renovação das energias, o homem a utiliza para se corromper e se apequenar diante de Deus.

Lembremos tudo ser sintonia. Em decorrência daquilo que pensamos, sentimos e fazemos, estaremos atraindo para perto de nós outros Espíritos, encarnados e desencarnados, na mesma sintonia vibratória. No carnaval, como a humanidade se permite comportamentos desregrados, vibra nessas emoções e atrai, naturalmente, a influência maléfica de Espíritos na mesma condição, potencializando o problema. No livro “Nas Fronteiras da Loucura”, psicografia de Divaldo Pereira Franco, vemos o trabalho realizado pela Espiritualidade amiga no socorro a muitas vítimas do carnaval do Rio de Janeiro.

Na obra são apresentados casos de abusos, alienações decorrentes de droga, álcool e sexo, bem como situações de aborto e tentativas de suicídio. São inúmeras as entidades desencarnadas que vampirizam os encarnados, sugando suas energias, exaurindo-as ao limite, influenciando-as para que aproveitem tudo ao máximo, quando então adoecem, contaminam-se com o vírus da AIDS e de outras enfermidades infectocontagiosas transmitidas sexualmente. Diz o autor espiritual, no capítulo intitulado “Resposta à oração”, sobre certa segunda-feira de Carnaval:

Milhares de pessoas imprevidentes, estimuladas pela música frenética, pretendendo extravasar as ansiedades represadas, cediam ao império dos desejos, nas torrentes da lubricidade que as enlouquecia. A delinquência abraçava o vício, urdindo as agressões, em cujas malhas se enredavam as vítimas espontâneas, que se deixavam espoliar. As mentes, em torpe comércio de interesses subalternos, haviam produzido uma psicofera pestilenta, na qual se nutriam vibrações psíquicas, formas-pensamento de mistura com Entidades perversas, viciadas e dependentes, em espetáculo pandemônico, deprimente. As duas populações – a física e a espiritual, em perfeita sintonia – misturavam-se, sustentando-se, disputando mais largas concessões em simbiose psíquica.<sup>174</sup>

Um triste espetáculo que poderia ser evitado se o homem pensasse menos no hoje e mais no amanhã, no seu futuro como Espírito imortal, se aproveitasse o período carnavalesco para fortalecer as trocas de fluidos e de energias salutares com Espíritos desencarnados, utilizando-se de boas leituras e atividades realmente construtivas, como visitas aos hospitais, às instituições de caridade, para a realização de viagens em família, retiros, estudos, meditação e outras ações objetivando o aprimoramento do ser. Acerca do tema, assevera o Espírito Manoel Philomeno de Miranda:

Em face dos desconcertos emocionais que os exageros festivos produzem nas criaturas menos cautelosas, há uma verdadeira infestação espiritual perturbadora da sociedade terrestre, quando legiões de Espíritos infelizes, ociosos e perversos, são atraídas e sincronizam com as mentes desarvoradas. Nesse período, instalam-se lamentáveis obsessões coletivas que entorpecem multidões, dizem existências, alucinam valiosos indivíduos que se vinculavam a formosos projetos dignificadores.<sup>175</sup>

Passado o carnaval, vem o doloroso despertar da consciência, o arrependimento, o sentimento de vazio diante das lamentáveis atitudes cometidas. Para quê? Qual o benefício de viver pouquíssimos minutos de um prazer desgovernado, seguido de desequilíbrio emocional e espiritual que pode prolongar-se por muito tempo? As pessoas, posteriormente, em função da onda de desequilíbrio a que se submeteram, têm dificuldades para retornarem à vida normal e aos regramentos exigidos pela sociedade, pois a vontade é de continuarem nas emoções em desalinho.

Não se está dizendo não poder o indivíduo ir aos bailes de carnaval ou assistir sua escola de samba, apenas que isso deve se dar com equilíbrio e de maneira saudável, pois não é o carnaval em si, mas o nosso proceder, a nossa postura mental e moral diante da vida. Jamais nos esqueçamos que seremos responsabilizados pelas nossas escolhas, boas ou más, pois a plantação é livre, mas a colheita obrigatória, segundo a infalibilidade da Lei de Causa e Efeito.

Portanto, o Espiritismo não condena o carnaval, mas sim os excessos e desregramentos cometidos neste período.

### 53. Qual a visão do Espiritismo sobre os amuletos e os talismãs?

Antes de abordarmos como a Doutrina Espírita analisa a questão, necessário se faz entender qual o significado das palavras amuleto e talismã. Seriam a mesma coisa? Segundo o dicionário, amuleto é um “objeto que alguém leva consigo por superstição, para se preservar de perigos, doenças etc.”<sup>176</sup> Talismã seria “objeto gravado com símbolos cabalísticos, ao qual se atribui a virtude de trazer felicidade, de comunicar um poder sobrenatural”.<sup>177</sup> Seria a tendência existente em muitas culturas de se atribuir poderes mágicos a objetos e palavras cabalísticas, com a finalidade de alcançar felicidade, sorte, bem como de atrair ou afastar Espíritos.

Tal sucederia, por exemplo, com os conhecidos crucifixos, espadas, pedras preciosas, defumações, palavras místicas etc. Conquanto possam ser, não raro, considerados termos sinônimos, Ernesto Bozzano, em trabalho dedicado a estudar o tema, informa que os povos orientais, gregos, romanos e etruscos entendiam haver diferença entre talismã e amuleto. Para eles,

enquanto o talismã comunicava àquele que o trazia sobre si um poder que lhe permitia domar as forças da natureza e dos homens, o amuleto possuía, por sua vez, virtudes protetoras e servia para imunizar das enfermidades, do mau-olhado, etc.<sup>178</sup>

A Doutrina Espírita não deixou de estudar a questão, tendo Kardec questionado sobre o efeito que poderia advir das fórmulas ou práticas usadas por algumas pessoas objetivando dispor do auxílio dos Espíritos, tendo a

Espiritualidade informado serem as fórmulas uma enganação. Dizem não haver “palavra sacramental [...], nenhum sinal cabalístico, nem talismã, que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porquanto estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais”.

Em situações nas quais alguns Espíritos ditam fórmulas cabalísticas, tal decorria da sua imperfeição ou, ainda, de estarem zombando de nossas superstições e imaturidade no tocante às coisas espirituais. Por outro lado, destaca que aquele que confia de boa-fé no poder de atração de um Espírito mediante o uso de talismã pode, pela confiança depositada, pela força do pensamento e da concentração feita, atrair certos Espíritos. Contudo, não decorrerá o fato da força do objeto, mas do pensamento, tendo a coisa sido apenas um catalisador.<sup>179</sup>

Embora tais pessoas possam agir com pureza de intenções, tal conduta demonstra sempre certa inferioridade e falta de conhecimento acerca do mundo espiritual e de sua relação com a vida material. Tal despreparo acaba por deixar a criatura facilmente à mercê de Espíritos enganadores e zombeteiros. O Espiritismo, portanto, conhecendo a atuação do pensamento, da vontade e da sintonia, forças que fundamentam todas as relações no universo, não adota qualquer amuleto ou talismã e nem estimula buscar-se segurança em coisas materiais.

Em “O Livro dos Médiuns” tal assunto volta a ser estudado, quando Kardec pergunta se podem certos objetos, como medalhas e talismãs, possuir a propriedade de atrair ou de repelir os Espíritos, obtendo a seguinte resposta:

Esta pergunta era escusada, porquanto bem sabes que a matéria nenhuma ação exerce sobre os Espíritos. Fica bem certo de que nunca um bom Espírito aconselhará semelhantes absurdidades. A virtude dos talismãs, de qualquer natureza que sejam, jamais existiu, senão, na imaginação das pessoas crédulas.<sup>180</sup>

Mais uma vez, portanto, afirma-nos a Espiritualidade que tudo reside no pensamento e não na matéria. Ernesto Bozzano, na obra acima mencionada, traz elucidações muito oportunas, auxiliando-nos na compreensão do tema. Destaca que certos objetos, pela sua constituição físico-química, podem irradiar elementos e minerais que exercem influências deletérias sobre a cicatrização das feridas ou a cura das enfermidades, como é o caso da pedra opala.

Tal a razão das superstições sobre as propriedades negativas desta gema, as quais se fundamentavam em fatos mal interpretados.<sup>181</sup> Tal ideia foi também examinada por Charles Richet, cientista e estudioso dos fenômenos metapsíquicos, tendo dito:

Mas, repito-o, mesmo com relação a essas superstições ridículas, deve-se ser prudente na negação. Se admitirmos, como parece provado, que há, por vezes, nas coisas uma como emanção, que atua sobre a nossa criptestesia, não seria absurdo que uma vibração qualquer se desprendesse das coisas, com a capacidade de atuar, quer sobre a nossa inteligência, quer sobre a dos outros homens. Ao demais, há nos acontecimentos tal emaranhado, que tudo é possível.<sup>182</sup>

Entretanto, este fato não é suficiente para, numa interpretação extensiva, procurar o homem reconhecer e explicar certas capacidades positivas atribuídas aos amuletos e aos talismãs. Reconhece Ernesto Bozzano haver, ainda, outras nuances a merecerem estudo cuidadoso. Destaca a possibilidade de alguns objetos ficarem saturados das influências provenientes do pensamento e da vontade de determinado Espírito, encarnado ou desencarnado, bem como de registrarem “as vibrações emanantes dos acontecimentos” que perto deles se desenvolvam, permitindo aos chamados médiuns psicômetras<sup>183</sup> acessar a história desses objetos.<sup>184</sup>

Seguindo em seu raciocínio, Bozzano observa que conquanto certas gemas, amuletos e talismãs possam ficar impregnados de uma “virtude”

positiva ou negativa, proveniente de uma vontade externa, seria necessário que

esta se caracterizasse por um poder excepcional de irradiação, combinado com uma extraordinária energia volitiva, acrescentando que os objetos assim influenciados teriam de ser eficazes unicamente nos casos de percipientes ultra sensitivos. A grande maioria dos vivos se conservariam insensíveis a essas influências. É, aliás, o que acontece nas experiências de “psicometria”, em que somente alguns raros sensitivos chegam a perceber as influências existentes nos objetos.<sup>185</sup>

Extremamente interessante e coerente é a sobredita observação, pois nos faz compreender quão reduzida é a possibilidade de determinados objetos apresentarem propriedades benéficas ou maléficas, seja porque raras pessoas têm sensibilidade para perceber e captar tais vibrações, seja porque poucos são dotados de faculdades magnéticas suficientes para carregar os amuletos e os talismãs de tais influências. Vejamos a conclusão do professor Bozzano:

Resumindo-se: se, de um lado, se pode negar que haja amuletos e talismãs efetivamente saturados de certa influência benfazeja ou malfazeja, para quem os traga consigo, de outro lado, a extrema raridade dos indivíduos capazes de influenciar assim os objetos, junto à extrema raridade dos “sensitivos” suscetíveis de lhes sofrerem as influências, de molde a restringir significativamente o fenômeno, nos levam a considerar destituídos de toda importância os amuletos e talismãs.<sup>186</sup>

Diante das sobreditas considerações, para ter segurança não deve a criatura ater-se na crença de amuletos ou de talismãs, mas buscar essencialmente conectar-se com Deus. Mediante bons pensamentos e ações positivas estará em sintonia com o plano maior e, portanto, protegida. Com tal proceder acontece-nos, tão somente, o necessário ao crescimento e ao aprimoramento

espiritual.

#### 54. O que é o Evangelho no Lar?

Podemos definir como sendo uma reunião familiar de estudo e de reflexão dos ensinamentos de Jesus, interpretados à luz do Espiritismo, utilizando-se a prece como instrumento de conexão com Deus e com a espiritualidade amiga.

Jesus é o grande instituidor do Evangelho no Lar. Certa noite, na casa do apóstolo Pedro, em meio a conversas pouco edificantes, Jesus tomou os sagrados escritos e imprimiu novo rumo ao diálogo. Na oportunidade, falou Jesus sobre a importância do lar, destacando ser ele “a primeira escola e o primeiro templo da alma”, a “legítima exportadora de caracteres para a vida comum”, razão pela qual é necessário a criatura aprender a viver em paz entre quadro paredes, pois sem isso não se pode esperar a harmonia dos povos.

E, naquele momento propício ao ensinamento, Jesus sugere a Pedro acenderem ali, em sua casa, “uma claridade nova”, instalando a “sementeira da felicidade e da paz na conversação e no pensamento”, quando então iniciou, pela primeira vez na Terra, o culto cristão no “singelo domicílio dos pastores e dos animais”.<sup>187</sup> Deste modo, verifica-se não ter sido o Evangelho no Lar criado pela Doutrina Espírita, sendo uma prática já adotada em inúmeras religiões cristãs, em observância aos ensinamentos do próprio Mestre Jesus.

Por meio da prece no lar doméstico cria-se o hábito salutar do estudo evangélico e da oração em família, o ambiente fica higienizado espiritualmente pelos pensamentos e sentimentos elevados, trazendo paz e união aos familiares, assim como o fortalecimento dos laços de afinidade. Os benfeitores espirituais constroem cortinas de proteção fluídica na residência, dissolvendo as energias negativas do ambiente e permitindo a entrada de luzes espirituais salutaras, numa verdadeira faxina espiritual do lar.

A melhora da atmosfera fluídica da residência é sentida por todos, até mesmo pelos vizinhos. A casa onde se realiza o culto do evangelho fica protegida por campos de força eletromagnética, os quais impossibilitam a entrada de Espíritos imperfeitos. O instrutor Aniceto, em “Os Mensageiros”, ensina que

o culto familiar do Evangelho não é tão só um curso de iluminação interior, mas também processo avançado de defesa exterior, pelas claridades espirituais que acende em torno. O homem que ora traz consigo inalienável couraça. O lar que cultiva a prece transforma-se em fortaleza [...]. As entidades da sombra experimentam choques de vulto, em contato com as vibrações luminosas deste santuário doméstico, e é por isso que se mantêm a distância, procurando outros rumos.<sup>188</sup>

Os benefícios do Evangelho no Lar, portanto, são inúmeros. Em “Missionários da Luz”, no capítulo “A oração”, Espíritos infelizes que influenciavam rapaz enfermo mostraram-se contrafeitos por serem impedidos de adentrar no interior da sua residência. Como a esposa do jovem tinha o hábito da prece, fronteiras vibratórias protegiam o lar, não permitindo a entrada daqueles Espíritos infelizes, reinando a paz no ambiente. Ensina o mentor Alexandre:

O santuário doméstico que encontre criaturas amantes da oração e dos sentimentos elevados, converte-se em campo sublime das mais belas florações e colheitas espirituais. Nosso amigo não se equilibrou ainda nas bases legítimas da vida, depois de extremas vacilações e levianas experiências da primeira mocidade; no entanto, sua companheira, mulher jovem e cristã, garante-lhe a casa tranquila, com a sua presença, pela abundante e permanente emissão de forças purificadoras e luminosas, de que o seu Espírito se nutre. [...] A oração é o mais eficiente antídoto do vampirismo.<sup>189</sup>

Para a realização do Evangelho no Lar sugere-se os passos seguintes, com algumas variações. Inicialmente escolhe-se um dia e uma hora da semana em que seja possível a presença de todos os familiares ou, pelo menos, da maior parte deles, inclusive das crianças. Procura-se reunir os familiares e possíveis amigos presentes em um local da casa onde seja possível estudar e orar tranquilamente, sem eventuais interrupções.

Coloca-se um pequeno copo com água para ser fluidificada, para cada pessoa presente. A água fluidificada receberá uma ação magnética da Espiritualidade e adquirirá propriedades especiais, beneficiando quem a utilize. Sobre a importância da água trazemos elucidações do Espírito Lísias, em “Nosso Lar”, capítulo “No bosque das águas”, quando esclarece:

Na Terra ninguém cogita seriamente de conhecer a importância da água [...] conhecendo-a mais intimamente, sabemos que a água é veículo dos mais poderosos para os fluidos de quaisquer natureza. Aqui [...] é empregada como alimento e como remédio. Há repartições [...] absolutamente consagrados à manipulação de água pura. [...] como fluido curador absorve, em cada lar, as características mentais de seus moradores. [...] não carrega somente os resíduos do corpo, mas também as expressões de nossa vida mental, sua corrente não só espalhará bênçãos de vida mas constituirá um veículo da providência divina, absorvendo as amarguras, ódios e ansiedades dos homens, lavando-lhes a casa material e purificando-lhes a atmosfera íntima.<sup>190</sup>

Após, inicia-se a reunião, poderá essa ser dirigida pelo chefe da família ou por alguém escolhido para tal mister. Faz-se uma prece inicial, simples e espontânea, seguida da leitura de uma lição de “O Evangelho segundo o Espiritismo”. Realiza-se um comentário simplificado do conteúdo da mensagem, buscando a essência do ensinamento. Neste ponto destaca-se que tudo deve ser feito em voz alta, mesmo se houver um único encarnado no culto.

Há Espíritos necessitados presentes à reunião, que são trazidos pela Espiritualidade amiga para ouvirem o Evangelho e serem esclarecidos. Eles,

muitas vezes pelo estado de fragilidade espiritual, não conseguem acessar telepaticamente o pensamento dos encarnados, sendo importante que o estudo seja verbalizado.

Depois, procede-se a uma oração fraternal, pedindo proteção para o lar, de modo a afastar eventuais vibrações negativas, bem como para os familiares, encarnados e desencarnados, os amigos etc. Pode-se, ainda, solicitar assistência espiritual ao país, à humanidade e ao planeta, para que a paz se faça presente. Por fim, faz-se a prece de encerramento, com palavras simples de agradecimento a Deus, a Jesus e aos amigos espirituais, bebendo-se a água em seguida. A reunião deverá ter duração de 20 a 40 minutos.

Algumas recomendações são importantes. Não se deve permitir conversação menos digna antes, durante ou depois da reunião, evitando-se falar de tragédias, política, pessoas ou religiões. Além disso, a reunião não será suspensa por motivo fúteis, como passeios ou visitas inesperadas, sendo essas convidadas a participar. Caso não desejem, os familiares podem ir momentaneamente para um outro cômodo da residência realizar o evangelho, retornando após.

Caso a reunião não possa ser realizada por motivo de viagem ou de força maior, ter o cuidado de avisar a Espiritualidade, com antecedência, o que se dará por meio das preces, evitando que os amigos espirituais cheguem ao lar para o evangelho e não encontrem ninguém. As crianças presentes serão convidadas a participarem da reunião, podendo contribuir com uma prece, com a abertura do evangelho ou fazendo os comentários, conforme permita a idade e o entendimento.

Não é conveniente haver manifestação ostensiva de Espíritos, pois o culto no lar não tem essa finalidade. Conquanto possa acontecer, excepcionalmente, de o benfeitor espiritual manifestar-se num momento especial, tal procedimento deve ser evitado, até porque nem todos os participantes podem estar familiarizados com o processo de comunicação mediúnica entre encarnados e desencarnados.

Alguns questionam se durante ou após o evangelho no lar pode-se aplicar passes magnéticos. Conquanto a finalidade básica do culto seja de esclarecimento, se algum dos presentes estiver necessitando o passe pode ser aplicado, embora não se recomende fazer disso uma prática.

Dentre os participantes do Evangelho no Lar, além da família encarnada, podemos mencionar vários outros, a nível espiritual. Há o mentor espiritual que inspira o encarnado na abertura do Evangelho, de modo que a melhor lição evangélica seja escolhida, trazendo um maior aprendizado para todos os presentes. Temos um trabalhador espiritual que auxilia na interpretação do texto evangélico, inspirando o encarnado na sua análise, de modo que as palavras mais apropriadas sejam pronunciadas naquele momento.

Existem Espíritos trabalhando na magnetização da água com fluidos salutareos, alguns amparando energeticamente os participantes encarnados e outros protegendo magneticamente o ambiente, garantindo a segurança do lar e impedindo que Espíritos infelizes adentrem quando desejosos de causar tumulto e desarmonia.

Participam ainda do evangelho Espíritos necessitados que estejam pelas redondezas, trazidos pelos benfeitores espirituais para receberem esclarecimento e auxílio. Nem todos estão em condições de participarem, mas em sendo possível são assistidos. Por fim, citamos os trabalhadores espirituais responsáveis por manter a sustentação energética do local, com emissões constantes de fluidos positivos.

O Evangelho no Lar, portanto, mostra-se como um excelente meio de estarmos conectados ao Pai. Estimulando a educação religiosa em família, estaremos preparados para vivenciá-la na sociedade. “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for idoso, não se desviará dele”.<sup>149</sup>

---

<sup>149</sup>. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 459. p. 238.

<sup>150</sup>. *Id.*, *ibid.* Q. 459. p. 237.

<sup>151</sup>. Mateus 6:21

<sup>152</sup>. XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e Reação*. Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, [2013?]. p. 56.

153. KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 312.
154. *Id.* *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 314.
155. XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. [s.l.]: FEB, [2015?]. p. 58.
156. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 468. p. 240.
157. A obsessão será devidamente estudada em capítulo próprio.
158. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 468. p. 238.
159. O LIVRO dos Espíritos comentado pelo Espírito Miramez. Disponível em:  
<<https://bit.ly/2FQKsd1>>. Acesso em: 5 abr. 2019.
160. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 468. p. 238.
161. O LIVRO dos Espíritos comentado pelo Espírito Miramez. Disponível em:  
<<https://bit.ly/2FQKsd1>>. Acesso em: 5 abr. 2019.
162. Forma de obsessão na qual a entidade desencarnada alimenta-se dos fluidos vitais do encarnado, desvitalizando-o.
163. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 315.
164. *Id.*, *Ibid.* p. 316.
165. *Id.* *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 320. p. 186.
166. XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita, 2011. p. 163.
167. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 321. p. 186.
168. *Id.*, *Ibid.* Q. 328. p. 188.
169. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 91.
170. *Id.*, *Ibid.* p. 91-92.
171. João 8: 31-32.
172. FRANCO, Divaldo Pereira. *Momentos de coragem*. Pelo Espírito Joana de Ângelis. [s.l.]:Leal, 1997. n.p.
173. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 319.
174. FRANCO, Divaldo Pereira. *Nas fronteiras da loucura*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. [s.l.]: Leal, 1982. p. 27.
175. *Id.* *Entre dois mundos*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Salvador: Alvorada, 2013. p. 38.
176. AMULETO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em:  
<<https://bit.ly/2P3BL2W>>. Acesso em: 10 abr. 2019.
177. TALISMÃ. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em:  
<<https://bit.ly/2OYAhqX>>. Acesso em: 10 abr. 2019.
178. BOZZANO, Ernesto. *Gemas, Amuletos e Talismãs – A propósito das experiências de William Stainton Moses*. [s.l.]: Ebook Espírita, [2015?]. p.22.
179. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 554. p. 319.
180. *Id.* *O Livro dos Médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 422.
181. BOZZANO, Ernesto. *Gemas, Amuletos e Talismãs – A propósito das experiências de William Stainton Moses*. [s.l.]: Ebook Espírita, [2015?]. p. 23.
182. RICHET, Charles apud. BOZZANO, Ernesto. *Gemas, Amuletos e Talismãs – A propósito das experiências de William Stainton Moses*. [s.l.]: Ebook Espírita, [2015?]. p. 23.
183. Vide pergunta número 20. Médiun psicômetra são capazes de ler impressões ou recordações ao contato com objetos comuns. Tocando, ou mesmo só olhando o material, o médium entra em

relação com as pessoas e os fatos relacionados ao mesmo, em função de o objeto encontrar-se saturado da influência pessoal do seu dono, permitindo ao médium sintonizar e acessar as informações. Ocorre de dois modos: percepção dos fatos impressos na aura do objeto ou por uma relação telepática, quando então o médium conecta-se com a mente do possuidor da coisa, esteja o mesmo encarnado ou desencarnado.

184. BOZZANO, Ernesto. *Gemas, Amuletos e Talismãs – A propósito das experiências de William Stainton Moses*. [s.l.]: Ebook Espírita, [2015?]. p. 24.
185. *Id., ibid.* p. 25.
186. *Id., ibid.* p. 26.
187. XAVIER, Francisco Cândido. *Jesus no lar*. Pelo Espírito Neio Lúcio. [s.l.]: Luz Espírita, 2010. p. 07.
188. *Id. Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita, 2011. p. 127.
189. *Id. Missionários da Luz*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita, 2018. p. 43.
190. *Id. Nosso Lar*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita, 2011. p. 39.
191. Provérbios 22:6.

## Capítulo 7

# Obsessão



### 55. O que é obsessão?

Segundo definição constante em “A Gênese”, obsessão é uma “ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo”, variando bastante sua forma de manifestação. Pode apresentar-se como uma “simple influênciã moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades”.<sup>192</sup> É como uma doença de ordem psíquica e emocional, na qual um Espírito atua de modo a compelir as ações de um outro.

A Terra, sendo ainda um planeta de expiações e de provas, é ocupada por Espíritos mais imperfeitos que bons, tanto no plano físico como no espiritual. Tais Espíritos, por razões várias, mas principalmente pelo desconhecimento das leis de Deus, procuram dominar e influenciar negativamente outros

Espíritos, fazendo-os sofrer. Afirma Manoel Philomeno de Miranda que “somente há obsidiados e obsessões porque há endividados espirituais, facultando a urgência da reparação das dívidas”.<sup>193</sup>

Os bons Espíritos não obsidiam ninguém. Aconselham e inspiram ideias positivas, mas quando não são ouvidos, respeitam o livre-arbítrio da criatura e se afastam. No processo obsessivo, entretanto, os maus Espíritos “se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas”<sup>194</sup>, buscando-os dominar a qualquer custo. Suas intenções são baseadas no intuito de fazer suas vítimas agirem exatamente como desejam, sempre com a finalidade de os prejudicar.

Para a humanidade terrena a obsessão é considerada um dos flagelos com os quais devemos aprender a conviver, ao lado das doenças, das dificuldades da vida, dos fenômenos da natureza etc.<sup>195</sup> É mesmo uma provação ou uma expiação decorrente da condição ainda inferior do nosso planeta, o qual somente com a depuração espiritual de seus habitantes será definitivamente resolvido.

A obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, sendo as nossas fragilidades muito bem exploradas pelos maus Espíritos para nos fazer cair. Com o estabelecimento de uma sintonia negativa entre obsessor e obsidiado, desenvolve-se o processo de influência pernicioso. “Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma [...] teia e constringido a proceder contra a sua vontade”.<sup>196</sup> Afirma O Espírito Manoel Philomeno de Miranda:

No bátrio das perturbações que inquietam o homem moderno a alienação obsessiva ocupa lugar de relevo. Estigmatizados por inenarráveis tormentos íntimos, que procedem dos refulhos da alma, os obsidiados por Espíritos têm padecido lamentável abandono por parte dos respeitáveis estudiosos das ciências da mente, que, aferrados a vigoroso materialismo, negam, drasticamente, a interferência dos desencarnados — na condição de personalidades intrusas — na etiopatogenia de algumas enfermidades mentais.<sup>197</sup>

Dependendo da intensidade do constrangimento sofrido pela vítima e da natureza de seus efeitos, a influência maléfica pode afetar a vida mental da criatura e, até mesmo, seu corpo físico. Apresenta características bem distintas, sendo *obsessão* um termo mais genérico. Divide-se em três graus: *simples*, *fascinação* e *subjugação*, variando ainda quanto ao tipo, isto é, aquele que ocupa o papel de obsessador e de obsidiado.

No âmbito do desenvolvimento das faculdades mediúnicas, ficam estas totalmente comprometidas. Estando o médium sofrendo uma obsessão grave, o ideal é evitar o exercício da sua mediunidade, afastando-o temporariamente da atividade para buscar o devido tratamento espiritual e, em sendo o caso, também o físico. Permitir a permanência de um medianeiro gravemente obsidiado nas reuniões mediúnicas é colocar em risco todo o trabalho, pois lembremos que médium obsidiado é médium sem controle.

Como alguns dos sintomas mais usuais da obsessão, destacamos: 1) visão pelo obsidiado, frequente ou nem tanto, de vultos ao seu redor; 2) sensação de estar ouvindo vozes ou ruídos estranhos à volta; 3) começar a apresentar certas manias e tiques nervosos; 4) sensação frequente de mal-estar, com dores pelo corpo e cabeça; 5) pesadelos frequentes; 6) sentimento de tristeza, angústia e depressão; 7) estímulo aos vícios e às paixões inferiores; 8) fobias diversas; 9) alterações no comportamento; 10) busca pelo isolamento social; 11) dificuldades e medo de dormir etc.

Kardec assinalou ser a obsessão “um dos maiores escolhos da mediunidade e também um dos mais frequentes. Por isso mesmo, não serão demais todos os esforços que se empreguem para combatê-la”.<sup>198</sup> Somente através do estudo e da compreensão dos mecanismos da obsessão poderá a criatura defender-se de sua influência, motivo pelo qual a Doutrina Espírita dedica um capítulo inteiro em “O Livro dos Médiuns” para tratar o tema, oportunidade em que orienta sobre seus vários graus, mostra suas causas e os meios de combatê-la.<sup>199</sup>

## 56. Quais os graus da obsessão?

Os vários graus da obsessão são definidos considerando-se, essencialmente, a intensidade do constrangimento sofrido pela vítima e da natureza de seus efeitos, podendo ser dividida em *simples*, *fascinação* e *subjugação*.

Na simples, que é a mais comum, a influência negativa persistente não compromete as faculdades mentais da vítima, permanecendo essa em pleno gozo de sua intelectualidade e capacidade de discernimento. Sabe perfeitamente distinguir o certo do errado nas ideias que lhe chegam à mente, mas é constantemente perturbado por pensamentos infelizes. Essa forma de obsessão é mais desagradável que perigosa, pela ausência de comprometimento da lucidez do indivíduo.

Caso a criatura não lute por rechaçar as ideias negativas que lhe cheguem à mente, albergando-as em seu íntimo, o processo obsessivo evoluirá para graus mais graves. Toda obsessão inicia de forma lenta e gradual, às vezes até imperceptível para o obsidiado. O Espírito começa a sugerir pensamentos negativos, ilícitos, viciosos, depressivos, de culpa etc., conforme sejam as maiores fragilidades apresentadas pela vítima.

No âmbito da mediunidade, os médiuns que se encontram sob obsessão simples percebem tal interferência em suas atividades de intercâmbio. O Espírito obsessor acaba por se impor ao médium, intrometendo-se nas comunicações e não permitindo que outros Espíritos dialoguem e sejam assistidos. Não dissimula suas intenções e nem se importa que reconheçam sua presença, é normalmente mais um Espírito inoportuno que ruim e maléfico. O médium, mesmo tendo consciência de tal influência infeliz, caso não esteja atento e vigilante, terá dificuldades para dela se desvencilhar.<sup>200</sup>

A fascinação, segundo nos informam os Espíritos, “é uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações”<sup>201</sup>,

trazendo à vítima problemas e consequências bem mais preocupantes.

Neste caso, o obsidiado tem sua capacidade de raciocínio comprometida, não consegue perceber os absurdos sugeridos, numa confiança cega e perigosa. Chega, não raro, a acreditar ser tal Espírito seu bom guia, não imaginando poder estar sendo ludibriado. Fica completamente iludido no tocante às virtudes do Espírito que o acompanha, chegando a sentir certo prazer no erro a que é submetido.

Qualquer pessoa é passível de ser fascinada, não apenas as mais humildes e com menos instrução, visto não decorrer tal fato da intelectualidade em si, mas da interferência externa de outra inteligência. Alertam os Espíritos:

O Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas.<sup>202</sup>

Diferentemente dos Espíritos que atuam na obsessão simples, os fascinadores são astutos, mentirosos, de má índole, enganam e querem parecer o que não são. Exatamente por isso procuram isolar suas vítimas, evitando que tenham contato com outras pessoas, pois essas poderiam fazê-las voltar à lucidez e ao equilíbrio espiritual. Querem, de todo modo, manter o raciocínio do obsidiado paralisado, utilizando a projeção de imagens e de pensamentos envolventes e hipnotizantes.

As inferioridades morais do ser humano e os seus comprometimentos do passado são fatores predisponentes à fascinação. Quando reencarnamos, conquanto não lembremos das nossas atitudes equivocadas de vidas pretéritas, essas ficam impressas em nosso perispírito, em nossa memória inconsciente, vindo à tona no decorrer da atual existência em forma de transtornos diversos, habilmente aproveitados pelos Espíritos obsessores.

Na subjugação o processo obsessivo é ainda mais intenso. Os Espíritos da codificação alertam ser uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofrem e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro jugo”, podendo ser *moral* ou *corporal*.<sup>203</sup>

Na moral, tal qual se observa na fascinação, a vítima é compelida a adotar medidas e comportamentos absurdos, encontrando-se iludida quando à licitude e adequação das mesmas. Na corporal, por outro lado, a constrição alcança os órgãos físicos da vítima, não conseguindo essa evitar a realização dos movimentos, os mais ridículos, impostos pelo obsessor. “O Livro dos Médiuns” traz um caso interessante, sobre

um homem [...] que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão.<sup>204</sup>

Na subjugação, portanto, verifica-se o profundo domínio mental do obsessor, com resultados gravíssimos, na medida em que o Espírito assume os pensamentos da vítima e age por ela. Aqui as sugestões perdem o caráter de simples influência, fixam-se na mente da criatura, passando a viver quase que sob o comando absoluto da entidade cruel. Todavia, mesmo nestas situações, não perde o obsidiado sua completa lucidez, constituindo tal realidade enorme sofrimento moral e físico.

Kardec ainda faz menção ao termo *possessão*, em situações em que o “império exercido por maus Espíritos” chegaria até a “aberração das faculdades da vítima”.<sup>205</sup> Na época da edição de “O Livro dos Médiuns” o Codificador não acreditava existir realmente *possessão*, usando tal designação como tão um sinônimo de subjugação. Todavia, retifica posteriormente sua

opinião, ao observar provas de sua existência, afirmando:

Na possessão, em vez de agir exteriormente, o espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseqüentemente, é sempre temporária e intermitente, porque um espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção.<sup>206</sup>

Na possessão, em função de ter a posse temporária do corpo do encarnado, o Espírito utiliza-o como deseja, falando e agindo com pleno domínio do organismo do indivíduo, como se esse o pertencesse. Interessante destacar que a possessão pode dar-se com Espíritos bons também, quando desejam causar maior impressão no público presente.

Nesses casos tudo acontece de forma tranquila e sem desconforto para o médium, que se emancipa e empresta seu corpo ao Espírito comunicante, conservando-se, entretanto, ao seu lado para o escutar. Por outro lado, se o Espírito possesso é ruim a situação ocorre de modo bem diversa. Diz Kardec:

Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatá-lo, se este não possui bastante força moral para lhe resistir. Fáz-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injúria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa.<sup>207</sup>

57. Quais os tipos de obsessão?

A obsessão se desdobra em diversos tipos, podendo-se iniciar tanto do plano espiritual para o plano físico, quanto deste para aquele. Podemos identificar seis tipos: 1) de desencarnado para encarnado; 2) de encarnado para desencarnado; 3) de encarnado para encarnado; 4) de desencarnado para desencarnado; 5) recíproca e; 6) auto-obsessão. Vejamos cada um dos tipos.

A de desencarnado para encarnado é, sem sombra de dúvidas, a mais comum e mais conhecida pela humanidade, ocorrendo quando um Espírito desencarnado influencia negativamente os que estão encarnados num corpo físico. Poucos há que não tenham passado ou não tenham tomado conhecimento de uma situação como essa, em maior ou menor intensidade.

Um caso de obsessão por fascinação, de desencarnado para encarnado, pode ser encontrado no livro “Nos Domínios da Mediunidade”. Uma senhora é dominada por um obsessor com o qual teve uma ligação antiga em vida pretérita, tendo-o induzido ao mal. Todavia, como ela não correspondeu ao seu devotamento, passou a persegui-la bruscamente. Na situação apresentada por André Luiz, o obsessor hipnotiza a mulher que, “uivando, à semelhança de loba ferida, gritava a debater-se no piso da sala”<sup>208</sup>, completamente influenciada e agindo como se fosse uma irracional. Na oportunidade, transmitiram-lhe passes magnéticos e palavras de auxílio para o seu restabelecimento.

Tipo de obsessão bem menos conhecido é de um encarnado para desencarnado, observado normalmente em situações de perda de parentes. Em decorrência de o encarnado não conseguir desvencilhar-se psiquicamente e emocionalmente daqueles que desencarnaram, seja por apego, crítica, revolta ou ausência de aceitação da morte, desenvolve um envolvimento fluídico obsessivo em relação ao desencarnado, causando-lhe sérios prejuízos.

No caso de encarnado para encarnado, observamos esta obsessão nas situações em que uma criatura domina a outra. Entre os encarnados há pessoas que vivem constantemente sugando as forças de outros e procurando dominá-los mentalmente. A influência perniciosa pode originar-se de um

relacionamento afetivo e mental desnaturados, como medo, ciúme, inveja, posse, vingança etc.

Existem também as obsessões de um desencarnado para desencarnado, muito comum quando duas pessoas que tiveram ódio na vida material continuam, na erraticidade, alimentando o mesmo sentimento negativo. Na literatura espírita há variados casos de Espíritos vingativos que se impõem a outros desencarnados, controlando seus pensamentos, emoções e, até mesmo, infligindo-lhes punições degradantes.

Na chamada obsessão recíproca, existe um processo de simbiose, confundindo-se os Espíritos na posição de obsessor e de obsidiado, podendo dar-se entre encarnados, desencarnados ou entre desencarnados e encarnados. Aqui a obsessão é recíproca, com o desenvolvimento de pensamentos fixos que alimentam a animosidade recíproca. Os fluidos perniciosos emitidos por ambos geram uma atmosfera de dependência mútua tão acentuada que, para ser eliminada, não raro precisa ocorrer de forma lenta e gradual, evitando uma ruptura energética excessivamente grande entre os envolvidos.

Um exemplo é o caso relatado em “Nos Domínios da Mediunidade”. Homem desencarnado e mulher encarnada vivem em regime de “escravidão mútua”, nutrindo-se da emanção fluídica um do outro. Ela, após buscar auxílio em trabalho de desobsessão promovido num centro espírita, consegue o afastamento temporário do Espírito obsessor. Todavia, após ser o Espírito desencarnado retirado, ela mesma foi procurá-lo em desdobramento pelo sono, reclamando-lhe a presença. “Temem a separação, pelos hábitos cristalizados em que se associam, segundo os princípios da afinidade, e daí surgem os impedimentos para a dupla recuperação”.<sup>209</sup>

Por fim, temos a auto-obsessão, normalmente desencadeada pelo sentimento de culpa. Um circuito mental vicioso desenvolve-se, fazendo com que o Espírito, encarnado ou desencarnado, sinta-se incapaz de se perdoar e superar o trauma originado por suas más condutas. Fica a criatura completamente sem energia ou ânimo para lutar e reparar os equívocos

cometidos, nesta ou em existências anteriores, deprimindo-se e obsidiando a si mesma. Estados emocionais como ansiedade, medo e ciúme excessivos, mania de doença ou de estar sendo perseguido, ódio, egoísmo, entre outros, também podem desencadear uma auto-obsessão.

## 58. Quais as causas da obsessão?

As causas da obsessão variam bastante, dependendo da personalidade do Espírito obsessor, das suas fragilidades e dos seus interesses. Contudo, como causa principal podemos citar as *imperfeições morais* do homem, visto que a obsessão somente se desenvolve porque apresentamos campo fértil. Nossas fragilidades morais serão exaustivamente exploradas. Segundo “O Livro dos Médiuns”, podemos identificar algumas causas mais comuns, dentre as quais destacamos as seguintes.

Uma das causas mais comuns é a *vingança*, estando sua origem frequentemente em relações malsucedidas do obsidiado com o obsessor, em existências pretéritas ou mesmo na atual. Quando a problemática não é solucionada em vida, muitos sentimentos de ódio e de mágoa se estendem pela erraticidade, fazendo com que os Espíritos obsessores, por se sentirem vítimas, procurem realizar a justiça com as próprias mãos. Em verdade, tais Espíritos desconhecem os mecanismos da Justiça Divina ou não acreditam em sua eficácia.

Há Espíritos obsessores, por outro lado, que apenas têm o *desejo de fazer o mal*, por ódio ou inveja do bem vivido pelo outro. Como são Espíritos infelizes e sofredores, desejam ver os demais sofrerem também, num pensamento de que se eles sofrem que todos sofram. Nestes casos, alegram-se em causar adversidades e ver as criaturas atormentarem-se com os problemas, não raro buscando suas vítimas em famílias honestas. Quando as pessoas conseguem

manter a paciência e a confiança em Deus, isso os irrita sobremaneira, cansa-os e os faz desistir.

O sentimento de *covardia* pode também originar um processo obsessivo. Em função da fragilidade de certos indivíduos, que se mostram facilmente influenciáveis, certos Espíritos obsessores aproveitam-se deste fato para os influenciar negativamente. Um Espírito obsessor, ao ser questionado acerca dos motivos que o levaram a obsidiar certo jovem, respondeu: “Tenho grandíssima necessidade de atormentar alguém; uma pessoa criteriosa me repeliria; ligo-me a um idiota, que nenhuma força me opõe”.<sup>210</sup>

Dentre as causas da obsessão, podemos destacar também o *orgulho*, principalmente o do “falso saber”. Conquanto possam ter algo de bom, são movidos por um desejo de verem suas ideias, sobre temas como ciência, filosofia, religião etc., difundidas e acreditadas pelos outros, encontrando nos médiuns mais crédulos as pessoas perfeitas para tal mister. Esses Espíritos são perigosos exatamente porque não se importam em enganar, em falsear-se com nomes de prestígio e de usar do embuste para verem seus pensamentos prevalecerem. Ensinam os Espíritos:

Procuram deslumbrar por meio de uma linguagem empolada, mais pretensiosa do que profunda, erçada de termos técnicos e recheada das retumbantes palavras — caridade e moral. Cuidadosamente evitarão dar um mau conselho, porque bem sabem que seriam repelidos. Daí vem que os que são por eles enganados os defendem, dizendo: Bem vedes que nada dizem de mau. A moral, porém, para esses Espíritos é simples passaporte, é o que menos os preocupa. O que querem, acima de tudo, é impor suas ideias por mais disparatadas que sejam.<sup>211</sup>

A *consciência culpada* também é um dos fatores a desencadear a obsessão, seja por parte de um outro Espírito, seja pela própria vítima, num processo auto-obsessivo. A culpa precisa ser bem trabalhada, servindo para o aprendizado, jamais para estacionar a criatura, fazendo-a desenvolver um

sentimento de descrença pessoal e de depressão.

No livro “Entre a Terra e o Céu”, vemos o exemplo de Zulmira que, por se deixar dominar pelo arrependimento e pela culpa, baixou o seu padrão vibratório e sintonizou com sua obsessora Odila, a qual a seguia revoltada. Enquanto a obsidiada conseguia manter a paz de consciência, por meio das preces, naturalmente era preservada da perseguição invisível. Todavia, em função da culpa, entrou em infeliz perturbação e adentrou nas sombras.<sup>212</sup>

As fragilidades humanas que podem desencadear a obsessão são quase infinitas. Quando usamos a nossa mediunidade de forma inadequada, em desconformidade com as leis de Deus, estamos abrindo campo para uma fascinação. Um caráter violento, uma mente vazia, um temperamento perfeccionista, os vícios de forma geral, as paixões exacerbadas, os crimes, o apego a pessoas e objetos podem ser utilizados pelos Espíritos que desejam nos prejudicar.

Portanto, desde que exista sintonia de pensamentos entre obsessor e obsidiado, um circuito mental é criado e o processo de influência desenvolve-se sem dificuldades, motivo pelo qual precisamos estar sempre vigilantes, cuidando dos nossos pensamentos, palavras e ações.

## 59. Quem são o obsessor e o obsidiado?

Falando inicialmente da figura do obsessor, precisamos destacar não ser um Espírito estranho a nós mesmos. É normalmente alguém que esteve conosco em vidas pretéritas e que usufruiu de nossa convivência, de nossas vidas e com as quais tivemos fortes laços de amizade.

Não raro, foi alguém que amamos num passado e que, por escolhas infelizes, machucamos. Pode ter sido um familiar nosso, um amigo abandonado ou traído. Hoje, por não terem ainda estes corações conseguido

nos perdoar e se recuperarem do sofrimento, perseguem, acreditando que a dor do outro aplacará a sua. Em verdade, nestas situações, percebemos que o amor ainda se faz presente, precisando o perseguidor tão somente de amparo e de esclarecimento para seguir em frente.

Em outras oportunidades, é alguém transtornado em função de crueldades por nós cometidas no pretérito, quando não conhecíamos e nem aplicávamos a lei de Deus. Quantos crimes já foram por nós perpetrados contra o nosso próximo, sempre movidos pelas chagas do orgulho e do egoísmo, em momentos em que não nos preocupávamos em maltratar o próximo. Conquanto tenhamos, na atual encarnação, a benção do esquecimento, tal não ocorre com os obsessores, que têm gravado na memória a lembrança de todo o sofrimento por nós causado.

O obsessor é um irmão nosso, disso não podemos esquecer. É alguém que, como nós em algum momento, sentiu-se desequilibrado com os desenganos da vida e buscou na vingança, equivocadamente, resolver seus problemas. O obsessor pode se restabelecer, desde que conte com a nossa ajuda, a orientação devida e, principalmente, com a nossa reforma íntima. O Espírito Emmanuel, sobre a figura do obsessor, destaca:

Obsessor [...], quer dizer “aquele que importuna”. [...] é, quase sempre, alguém que nos participou a convivência profunda no caminho do erro, a voltar-se contra nós quando estejamos procurando a retificação necessária. No procedimento de semelhante criatura, a antipatia com que nos segue é semelhante ao vinho do aplauso convertido no vinagre da crítica. Daí, a necessidade de paciência constante para que se lhe regenerem as atitudes. [...] Obsessores visíveis e invisíveis são nossas próprias obras, espinheiros plantados por nossas mãos.<sup>213</sup>

Quanto ao obsidiado, Suely Calda Schubert define-o como sendo “o algoz de ontem e que agora se apresenta como vítima”, podendo ser também o “comparsa de crimes, que o cúmplice das sombras não quer perder, tudo

fazendo para cerceá-lo em sua trajetória”.<sup>214</sup>

A obsessão é o nosso passado que retorna, para que tenhamos a oportunidade de nos reajustarmos com o próximo e, por via de consequência, com a lei de Deus, em total obediência às leis de causa e efeito e do progresso. Quando obsessor e obsidiado perdoam-se mutuamente, encontram a libertação espiritual que os ajudará no processo de depuração espiritual. Portanto, ao mesmo tempo que a obsessão é um flagelo, é também uma benção, embora poucos consigam ter essa leitura.

É certo que essa relação entre obsessor e obsidiado é cercada de muito sofrimento, mas como diz a sabedoria do Espírito Emmanuel, “toda restauração exige dificuldades equivalentes. Todo valor evolutivo reclama serviço próprio. Nada existe sem preço”.<sup>215</sup> Obsessor e obsidiado são, portanto, enfermos da alma envolvidos numa relação de dor, mágoa e falta de perdão, numa comunhão de pensamentos e vibrações nefastas, precisando ambos de soerguimento espiritual.

Guardam, ainda, em seus corações muitas fraquezas emocionais e psíquicas, com sérias dificuldades de perceberem o imperativo, de mudarem e de reconhecerem a ilusão em que se encontram, visto jamais ser a vingança solução para qualquer problema. Somente com o tempo, com muito trabalho no bem, estudo e esforço de renovação interior, conseguirão obsessor e obsidiado verem-se livres da prisão em que se colocaram por vontade própria.

Com o tempo, trabalho, estudo e esforço aprenderão a se libertar da prisão espiritual que ora se encontram. À medida que exercitarem hábitos como o perdão, o desapego, a higiene mental, o amor e a fraternidade, obsessor e obsidiado tornar-se-ão verdadeiramente irmãos em Cristo, seguindo todos para a plenitude do ser.

60. Como se dá o processo obsessivo?

Nesta pergunta vamos abordar os eventos que sucedem até que o obsidiado esteja dominado pelo obsessor, momento então em que há o comprometimento da sua saúde física, mental e espiritual. Entender o processo obsessivo é fundamental para que a criatura tenha condições de bloquear o desenvolvimento desse processo e neutralizar as influências negativas.

O passo inicial para que o obsessor possa começar o processo obsessivo é localizar a vítima, pois que nem sempre sua localização é sabida. Lembremos que reencarnamos em corpos distintos, apresentando uma aparência diferente daquela em que cometemos os atos que hoje causam a obsessão, precisando o algoz de um tempo para nos descobrir no novo corpo, não raro precisando da ajuda de outros Espíritos inferiores para tal.

Feito isso, começa a observar sua vítima, principalmente quanto às fraquezas morais e demais condicionamentos que fragilizam a criatura, pois serão nestas predisposições infelizes que a sugestão perniciosa será desenvolvida. Se o objetivo do obsessor é enfraquecer para dominar, precisa encontrar os pontos fracos do obsidiado, quando então inicia efetivamente a maléfica influência mental. Essa, contudo, é sutil no início, a sintonia vai se desenvolvendo à medida que o obsessor envolve a vítima em seus fluidos perispirituais pestilentos. Para isso, diz Suely Caldas:

O perseguidor age persistentemente para que se efetue a ligação, a sintonia mental, enviando os seus pensamentos, numa repetição constante, hipnótica, à mente da vítima, que, incauta, invigilante, assimila-os e reflete-os, deixando-se dominar pelas ideias intrusas.<sup>216</sup>

Para uma melhor compreensão do tema, cabe trazer à baila, também, as esclarecedoras palavras do Espírito Manoel Philomeno de Miranda, na obra “Nos Bastidores da Obsessão”, quando no item intitulado “Examinando a

obsessão” ensina:

Justapondo-se sutilmente cérebro a cérebro, mente a mente, vontade dominante sobre vontade que se deixa dominar, órgão a órgão, através do perispírito pelo qual se identifica com o encarnado, a cada cessão feita pelo hospedeiro, mais coercitiva se faz a presença do hóspede, que se transforma em parasita insidioso.<sup>217</sup>

Com o desenvolvimento da conexão fluídica entre vítima e algoz, esse vai conseguindo impor sua vontade e seus pensamentos, de modo que, em determinado momento, confundem-se com os do próprio obsidiado. Nesta etapa, o Espírito já utiliza o corpo físico da criatura como se fosse seu, fazendo-o agir e falar conforme a sua vontade, lançando a vítima num “estado de catalepsia moral e o indivíduo se torna um instrumento da sua vontade”.<sup>218</sup>

Portanto, podemos afirmar que as etapas do processo obsessivo são: 1) sintonia mental entre obsessor e obsidiado; 2) união de fluidos perispirituais de ambos; 3) simbiose de ideias e sentimentos; 4) dominação mental pelo obsessor, comprometendo a lucidez do obsidiado e o fazendo agir conforme sua vontade.

Não se pode esquecer que nós mesmos abrimos espaço para a influência maléfica. Todas as vezes que nos irritamos, guardamos mágoa, temos ciúmes ou inveja, agredimos ou ofendemos o próximo, consumimos substâncias alcóolicas e/ou alucinógenas estamos fornecendo ao Espírito o laço que necessita para nos dominar. A partir daí é fácil ao obsessor, mediante sugestões mentais feitas por meio de imagens, sensações e recordações, projetar a ordem mental desejada. Ao abraçarmos tais ideias e emoções, nossas fraquezas morais ficarão exacerbadas e vamos nos ajustando ao domínio do obsessor.

Durante esse processo, se não houver tratamento e a quebra da sintonia criada, a mente e o corpo físico do obsidiado passarão a demonstrar sinais de um desfalecimento energético, adoecendo-o ao ponto de sofrer danos mentais

considerados irreversíveis. Por tal razão alguns obsidiados são levados à loucura. Esse colapso pode ser identificado por certos sintomas, os quais destacamos:

Pensamentos desconexos, perda do senso crítico, tomada de decisões inadequadas, instabilidade emocional como: irritabilidade/calmaria, depressão/euforia, delírios/alucinações e somatizações orgânicas manifestadas na forma de enfermidades variadas.<sup>219</sup>

Caso interessante é encontrado em “Libertação”, com a obsidiada Margarida sendo incessantemente atacada. Ao seu lado existiam sempre Espíritos magnetizadores a lhe direcionarem vibrações perturbadoras, para que ficasse totalmente sem forças e vencida. O constrangimento era duplo, mental e energético, recebendo ela tanto o assédio de Espíritos desequilibrados como também de vampirizadores, que se apropriavam de suas forças. Esclarece André Luiz:

Com a devida permissão, analisei a zona física hostilizada. Reparei que todos os centros metabólicos da doente apareciam controlados. A própria pressão sanguínea demorava-se sob o comando dos perseguidores. A região torácica apresentava apreciáveis feridas na pele e, examinando-as, cuidadoso, vi que a enferma inalava substâncias escuras que não somente lhe pesavam nos pulmões, mas se refletiam, sobretudo, nas células e fibras conjuntivas, formando ulcerações na epiderme.<sup>220</sup>

Continuando na análise física e espiritual da senhora, acresce:

Dominadas as vias do equilíbrio no cerebelo e envolvidos os nervos óticos pela influência dos hipnotizadores, seus olhos espantados davam ideia dos fenômenos

alucinatórios que lhe acometiam a mente, deixando perceber o baixo teor das visões e audições interiores a que se via submetida.<sup>221</sup>

Como se pode verificar, o cerco armado pelos Espíritos obsessores é completo, de modo a não deixarem brechas à libertação das vítimas, estendendo-se tal influência durante o desdobramento parcial do sono. Quando emancipados, os obsidiados são fortemente atacados, apresentando-se os malfeitores em formas horripilantes. Em função disso as pessoas não dormem bem, têm pesadelos terríveis, acordam exaustas e passam a ter medo de dormir, com o comprometimento do repouso físico necessário.

#### 61. Como curar a obsessão?

O processo de cura de uma obsessão, também designado como *desobsessão*, varia em função da intensidade da influência negativa, se simples, fascinação ou subjugação. A Doutrina Espírita oferece terapêuticas que auxiliam na cura da obsessão, embora o remédio mais eficaz, e mesmo indispensável, seja a transformação moral do obsidiado e do obsessor. O exemplo de moralização do obsidiado acaba por modificar o Espírito. O aprimoramento íntimo é fundamental porque modifica verdadeiramente o indivíduo, fazendo-o sintonizar com o bem e os bons Espíritos, quebrando o processo de influência mental desenvolvido na obsessão.

A desobsessão, como nos orienta Suely Caldas Schubert, “é a mudança de direção do pensamento para rumos nobres e construtivos”<sup>222</sup>, visto que pelo tipo de pensamento que emitimos e recebemos, estará o segredo para o nosso céu ou o nosso inferno interior. O que iremos escolher?

Sem a união de pensamentos inferiores, não existe obsessão. Dizem os Espíritos que o homem, caso fizesse esforços bem insignificantes, poderia

vencer suas más tendências. O problema é que nos falta a vontade real e sincera, o ser humano não quer fazer esforços.<sup>223</sup> Todavia, enquanto não houver vontade não há renovação íntima e, sem essa, não há cura. Diz Kardec:

Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral preciso é se contraponha uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para garanti-la contra a obsessão, tem-se que fortalecer a alma.<sup>224</sup>

No caso da obsessão simples, uma mudança na maneira de pensar do obsidiado já é suficiente para resolver o problema, juntamente com a prece e a solicitação do amparo dos bons Espíritos. Contudo, nos casos mais graves – fascinação e subjugação, é necessário, aliada à terapêutica espírita, outros tratamentos encontrados na medicina humana, bem como apoio psicológico ou psiquiátrico.

No caso de fascinação deve-se envidar esforços no convencimento da vítima sobre a influência perniciosa sofrida, tentando trazê-la ao entendimento e à lucidez, transformando a fascinação em obsessão simples. Tal proceder, todavia, nem sempre é fácil, considerando estar o obsidiado extremamente ludibriado com as ideias do fascinador, negando-se a aceitar outras orientações, nem mesmo querendo sobre elas raciocinar. Suspeitar do Espírito é quase uma ofensa. Quando o enfermo não se ajuda, desejando a cura e preferindo no mal permanecer, não há outra alternativa a não ser deixá-lo. Certamente, momento haverá em que buscará a necessária mudança.<sup>225</sup>

Para a subjugação, especialmente a corporal, precisa-se da intervenção de uma terceira pessoa que possa atuar magneticamente sobre o obsidiado ou pela imposição da sua vontade, desde que tenha autoridade moral para isso. A ascendência moral é fundamental para se fazer obedecer e ouvir pelo

obsessor, o qual não poderá se esquivar. “Por isso é que Jesus tinha tão grande poder para expulsar o que naquela época se chamava demônio, isto é, os maus Espíritos obsessores”.<sup>226</sup>

Na Revista Espírita de 1864, abordando os mecanismos de cura para as obsessões, com destaque para o caso da jovem Júlia que se encontrava numa obsessão grave há meses, o Espírito Erasto fala a Kardec da importância de se estudar e compreender os mecanismos do processo. Especialmente quanto à cura, destaca que:

Não só é necessária uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. Ao Espírito encarnado que, como Julia, se acha em estado de possessão, é preciso um magnetizador experimentado e perfeitamente convicto da verdade espírita. Além disso, é necessário que seja de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Mas, para agir sobre o Espírito obsessor, faz-se mister a ação não menos enérgica de um Espírito bom desencarnado. Assim, pois, dupla ação: ação terrestre, ação extraterrestre; encarnado sobre encarnado, desencarnado sobre desencarnado; eis a lei.<sup>227</sup>

A observação do Espírito Erasto é de suma importância, pois foi a partir daí que se pôde compreender bem que, em casos de obsessões graves, torna-se necessário aliar à magnetização de um médium curador, moralidade de sentimentos e evolução espiritual. Deste modo, será possível contar com o concurso de Espíritos superiores e detentores de autoridade moral sobre o Espírito obsessor, tudo se dando por ação da prece. Sem isso, a cura não se opera.

A prece é, seguramente, um meio eficiente na cura das obsessões. Atraindo o concurso da Espiritualidade amiga, esta dá força moral a quem dela se utiliza, permite que boas inspirações cheguem à mente, auxiliando a criatura na tomada de resoluções positivas. Por meio do amparo recebido, consegue superar as dificuldades enfrentadas e retornar ao caminho do bem, do amor e da verdade.

Cabe destacar, todavia, ser importante a devida concentração durante a prece, pois com isso favorecemos a expansão de nossas energias e, conseqüentemente, de nossa capacidade de comunicação com o plano espiritual. Quanto mais concentrados estivermos, mais os nossos pensamentos ganham distância e alcançam os bons Espíritos, que vêm em nosso auxílio.

Para auxiliar na renovação interior e no tratamento de problemas espirituais, as casas espíritas dispõem de diversas atividades de assistência espiritual. Conquanto possam variar um pouco de centro para centro, podemos citar as seguintes: 1) recepção e orientação; 2) diálogo fraterno; 3) grupo de esclarecimento; 4) estudo do Evangelho; 5) fluidoterapia; 6) enfermagem; 7) emergência espiritual; 8) palestra pública; 9) tratamento a distância; 10) evangelho no lar e; 11) visita fraterna.

A **Recepção e Orientação** têm como objetivos acolher todos que chegam à Casa Espírita em clima de alegria e cordialidade, orientando-os com carinho e atenção acerca das informações solicitadas, principalmente os que estiverem iniciando a participação na Casa Espírita.

O **Diálogo Fraterno** tem como objetivo receber fraternalmente as pessoas que buscam o centro espírita, oferecendo-lhes oportunidade de expor livremente, em caráter privativo, os motivos que as trouxeram. Posteriormente, as devidas orientações e estímulos serão transmitidos, informando o trabalhador sobre a natureza do auxílio que a instituição pode oferecer, bem como os recursos disponíveis.

O **Grupo de Esclarecimento** informa aos participantes, conjuntamente, sobre a instituição espírita, sua finalidade e os recursos oferecidos para a cura e o alívio dos problemas espirituais mais usualmente vivenciados. Neste grupo, aproveita-se para falar o que corresponde a cada um dos presentes fazer, em termos de empenho, para ficar bem e equilibrado.

O **Estudo em Grupo do Evangelho** proporciona a assimilação e a análise de ideias renovadoras durante a reunião, possibilitando a compreensão de temas nobres, de cunho moral, que auxiliarão o indivíduo a se conscientizar acerca

da necessidade de reforma íntima. Em verdade, tal reunião converte-se numa espécie de *hospital espiritual*, visto que a Espiritualidade amiga aproveita o ensejo para desligar os assistidos da pressão mental dos seus acompanhantes espirituais.

A **fluidoterapia** é a utilização dos fluidos com uma finalidade terapêutica, para tratamento de enfermos físicos e espirituais, momento em que são ministrados passes magnéticos e água fluidificada. Elucida Allan Kardec:

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareos e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.<sup>228</sup>

A **Enfermaria**, como toda tarefa da Casa Espírita, anela levar auxílio, alívio e conforto aos necessitados, encarnados e desencarnados. Esta atividade desenvolve-se também por meio da aplicação de passes, mas num período de tempo maior que na fluidoterapia, em torno de 45 minutos, mobilizando-se recursos humanos e espirituais em auxílio às pessoas necessitadas de assistência espiritual e moral.

Os enfermos recebem os passes magnéticos de vários trabalhadores, que hora estão sozinhos, hora atuando em conjunto com os demais, ampliando a carga de fluidos salutareos recebidos pelo assistido e, conseqüentemente, acelerando o processo de tratamento.

A **Emergência Espiritual** destina-se a atender situações nas quais o assistido encontra-se com a vontade subjugada ou fragilizada psiquicamente, em decorrência de vícios, obsessões e/ou transtornos mentais, por forças ou circunstâncias que escapam ao seu controle. Utilizando-se recursos mediúnicos e passes de forma imediata, exclusiva e simultânea, auxilia-se o assistido a retomar, mesmo que provisoriamente, o controle de sua vontade.

Nas reuniões mediúnicas de assistência espiritual e de desobsessão, por meio de um diálogo fraterno e esclarecedor, dá-se assistência aos Espíritos que acompanham os enfermos encarnados, de modo que possam todos se reequilibrar e seguirem no bem. Sobre o tema alerta Kardec:

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso se possua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela. [...] para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um espírito imperfeito.<sup>229</sup>

A ***Palestra Pública*** é a oportunidade em que se explana sobre o Evangelho ou temas atuais à luz da Doutrina Espírita, objetivando o esclarecimento, a orientação e o aprimoramento moral de seus frequentadores.

Já o ***Tratamento a Distância*** é uma reunião privativa de vibração em conjunto para irradiar, por meio da prece e com a ajuda dos benfeitores espirituais, energias de paz, de amor e de harmonia em favor de encarnados e desencarnados carentes de atendimento espiritual.

O ***Evangelho no Lar*** é uma reunião semanal da família, em dia e hora previamente estabelecidos, para o estudo do Evangelho à luz da Doutrina Espírita e a oração em conjunto. Neste trabalho uma equipe de trabalhadores do centro espírita incentiva e auxilia na implantação do Evangelho no lar de frequentadores, auxiliando-os na compreensão das lições de Jesus, assim como em sua aplicação.

A ***Visita Fraternal*** é uma reunião de vários trabalhadores para realizar visitas aos doentes em suas residências, quando solicitados, agregando a leitura do Evangelho no Lar com todos os presentes da família. Propicia-se um

ambiente favorável para que o doente e/ou seus familiares interajam com o grupo e abram espaço para o alívio dos sentimentos que lhes oprime o coração.

Todas as terapêuticas sobreditas auxiliam no tratamento das obsessões, entretanto, a prece é ainda “o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor”.<sup>230</sup>

## 62. Espíritos obsessores podem nos obrigar a fazer algo?

Este questionamento é muito interessante porque coloca em xeque o nosso livre-arbítrio. Se os Espíritos que nos influenciam para o mal pudessem nos obrigar a fazer alguma coisa, ficaríamos completamente desprovidos de vontade e, portanto, de livre-arbítrio. Será possível?

Em “O Livro dos Espíritos” consta a informação de não haver “arrastamento irresistível”, de modo que mesmo havendo sugestões mentais para determinado cometimento, a decisão é sempre da própria criatura, que pode ceder ou não às influências.<sup>231</sup> A aceitação da intervenção exterior só acontece por conta da sintonia, da conexão de pensamentos, sentimentos e gostos criados, e permitida por cada um de nós. O Espírito Miramez, ao comentar tal questão traz maiores esclarecimentos, afirmando:

Não podemos culpar as almas desencarnadas que têm as mesmas paixões, porque elas se aproximam das criaturas por afinidade de pensamentos e obras, nas mesmas faixas de vida. Não há invasão do domicílio da alma, sem convite. Quando observamos almas unidas, é pela força da simpatia. Os iguais se congregam no mesmo clima que respiram; isso é a justiça em plena coerência com os princípios elaborados por Deus, de que somente recebemos o que merecemos. Não há arrastamento irresistível de alma para alma.<sup>232</sup>

As ideias recebidas, de alguma forma, são prazerosas e agradáveis, em decorrência de ainda existirem em nós aquelas tendências negativas, facilitando o processo de interferência mental. “A vítima geralmente se deixa dominar, torna-se passiva por trazer nos refolhos da consciência a sensação de culpa ou, conforme o caso, por se comprazer no conúbio mental que se está instalando”.<sup>233</sup> Decorrendo tais disposições de vidas passadas ou da atual, fazem parte do nosso ser e, portanto, podem perfeitamente ser estimuladas ou desencorajadas, a depender dos Espíritos que nos assenhoreiam.

Portanto, mesmo no caso de obsessões graves, restará sempre um pouco de livre-arbítrio, de modo a ter o indivíduo a decisão final sobre os seus atos, respondendo por eles. Obviamente, entretanto, que quanto maior foi o domínio alcançado pelo obsessor sobre o obsidiado, menor será o grau de responsabilidade da vítima, embora sempre tenha algum. Tudo será muito bem sopesado pela justiça divina, que nada desconsidera.

Jamais esqueçamos ser sempre possível, mesmo para a mais devedora das criaturas, buscar na prece o escudo para se defender, assim como o amparo dos amigos espirituais, prontos a lhes inspirar boas ideias e resoluções. O grande problema, entretanto, é que muitos se enclausuram nas próprias atitudes equivocadas e não percebem as inúmeras oportunidades de ajuda enviadas por Deus.

Adverte Suely Caldas Schubert que “afastando-se propositadamente da luz, deixar-se-á envolver pelas trevas. Estas durarão até que a vítima se resolva a sair, finalmente, para a claridade de uma nova vida”.<sup>234</sup> Tal afirmação demonstra, novamente, estar a decisão nas mãos de cada um, para acolher ou rechaçar as sugestões mentais recebidas. Vejamos, também, as sábias palavras de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, afirmando que:

Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito. A não ser assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade? [...] compenetrai-vos, pois, de que o homem não se conserva vicioso, senão porque quer permanecer vicioso; de que aquele que queira

corrigir-se sempre o pode. De outro modo, não existiria para o homem a lei do progresso.<sup>235</sup>

Trazemos um caso de suicídio por obsessão, presente na Revista Espírita de 1869, no qual um jovem de vinte e dois anos, após dois anos sofrendo um processo obsessivo grave, no qual uma voz lhe dizia para se autodestruir, cometeu suicídio. Na carta deixada aos pais, informou sobre a voz que o chamava sem descanso, dizendo que embora tivesse tentado de tudo para dela se esquivar, não foi possível.

Em orientação recebida pelos Espíritos superiores sobre o caso, esclarecimentos importantes foram apresentados, destacando-se o fato de que “malgrado o arrastamento a que o jovem cedeu para a sua infelicidade, ele não sucumbiu à fatalidade. Ele tinha o seu livre-arbítrio e, com mais vontade, poderia ter resistido”.<sup>236</sup>

Se tivesse o rapaz conhecimento da Doutrina Espírita, compreenderia o processo obsessivo em que se encontrava, bem como as consequências nefastas a redundarem de tal ato infeliz. A obsessão era-lhe uma prova necessária, aceita pelo jovem para o resgate de erros do passado. Como sucumbiu, precisaria recomeçar, mas a vitória ou a derrota continuaria dependendo dele.

63. Como podemos ajudar Espíritos obsessores a seguirem adiante e a nos verem de outra forma?

A melhor maneira de ajudar Espíritos que nos obsidiam é mostrando a eles que somos hoje pessoas melhores do que fomos no passado, que nos modificamos para o bem e não mais agimos movidos pelos mesmos sentimentos inferiores.

Como já comentado anteriormente, os obsessores foram nossas vítimas em vidas pretéritas ou comparsas de erro. Seja qual for a situação, é importante mostrar a esses Espíritos que na vida atual já conhecemos o Evangelho Redivivo e estamos tentando diariamente, por meio do orar e vigiai, vivenciá-lo e sermos mais felizes.

Quando somos obsidiados e não há de nossa parte mudança interior, reforma íntima, os Espíritos não veem razões para deixar de nos prejudicar, pois percebem sermos os mesmos indivíduos imperfeitos e repletos de erros. Qual o estímulo que teriam esses Espíritos para nos deixarem livres? Nenhum. Talvez apenas o desejo de pararem de sofrer também, pois quanto mais sofrimento infligem ao outro, mais sofrem. Todavia, tal argumento tem se mostrado, sozinho, insuficiente para convencer os obsessores.

Por outro lado, quando tal ponderação está aliada ao esforço real do obsidiado em se modificar, em se reformar e crescer espiritualmente, seus algozes percebem que, assim como a vítima está mais feliz e numa condição melhor, eles também podem alcançar tal patamar, bastando para isso seguirem no caminho do bem. Observam não serem destinados eternamente à infelicidade e ao erro, pois que a vivência da lei de justiça, de amor e de caridade dá ao homem o passaporte para a verdadeira felicidade.

Ver a mudança positiva do antigo algoz reforça a ideia de que, embora criados simples e ignorantes, todos são destinados à perfeição e à felicidade. As esperanças se ampliam e as atitudes renovadas do obsidiado servem de inspiração e de exemplo para a renovação de seus obsessores, que também passam a acreditar na justiça divina, não mais acreditando terem sido esquecidos por Deus.

Portanto, através da nossa reforma íntima, podemos ajudar na reforma dos nossos obsessores. Assim, deve-se procurar orar por aqueles que nos perseguem, vendo-os como nossos irmãos necessitados de amparo, de auxílio e de preces. Toda a ajuda que pudermos lhes destinar contará em nosso benefício, pois servirá como prova da nossa mudança. A verdade é uma só. A

palavra pode instruir, mas somente o exemplo arrasta e transforma.

E o exemplo somente ocorrerá pela prática da caridade. A humanidade tem atualmente uma enorme necessidade de fazer o bem, até porque é o meio mais eficaz na cura das obsessões e no auxílio aos Espíritos enfermos da alma. Tudo aquilo que pudermos fazer de bom a outrem, encarnado e desencarnado, seja em pensamento, palavras ou ações, é caridade.

Além disso, em sendo possível, os obsessores são ajudados em reuniões mediúnicas de amparo aos Espíritos sofredores ou de desobsessão, oportunidade em que recebem acolhimento, amparo e esclarecimento acerca das verdades da vida, da justiça divina, do perdão, da imortalidade da alma etc. Muitos obsessores, ao perceberem todo o amor e o respeito com que são tratados nas mediúnicas, ficam tocados e emocionados, sentindo brotarem novamente em seus corações a esperança e a confiança em Deus.

Vale, por fim, recordar o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus, sendo representado pela “benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”.<sup>237</sup> No momento em que o homem agir assim para com o seu próximo, acabam-se as obsessões, as inimizades, o ódio, a mágoa e o desamor, pois todos seremos e agiremos como verdadeiros irmãos e filhos de um mesmo Pai.

#### 64. O que é vampirismo ou parasitose espiritual?

Para conceituar vampirismo ou parasitose espiritual traremos as palavras do Espírito Martins Peralva, esclarecendo ser “ação pela qual Espíritos involuídos, arraigados às paixões inferiores, se imantam à organização psicofísica dos encarnados (e desencarnados), sugando-lhes a substância vital”.<sup>238</sup> Outra excelente definição é a trazida por Suely Caldas Schubert, dizendo ser “um processo grave de obsessão que pode ocasionar sérios danos

àquele que se faz hospedeiro (o obsidiado), levando-o à loucura ou até mesmo à morte”.<sup>239</sup>

Pelas observações acima verificamos que no vampirismo espiritual há Espíritos vinculados fortemente a outros para lhes sugar as energias vitais, conforme sejam as fixações mentais apresentadas pelos parasitas, de modo que cada um buscará absorver os fluidos que possam saciar seus desejos inferiores. Para isso, imantam-se aos Espíritos encarnados ou desencarnados que apresentam os gostos e as tendências que lhes interessam.

No livro “Evolução em dois Mundos”, André Luiz compara os parasitas existentes nos reinos inferiores da Natureza aos parasitas espirituais, pois os meios utilizados pelos desencarnados, que se vinculam aos que permanecem na esfera física, obedecem aos mesmos princípios de simbiose prejudicial a ambos.<sup>240</sup> O processo de parasitose, sendo uma obsessão grave, enfraquece sobremaneira o hospedeiro, que vê suas energias completamente sugadas e absorvidas.

Impressionante o número de Espíritos vampirizadores, seja no plano físico ou espiritual, que vivem às expensas de outrem, não sendo um fenômeno da atualidade. A Doutrina Espírita veio trazer luzes ao processo que, até então, acontecia de modo silencioso, sem o nosso conhecimento. Podemos identificar várias espécies de vampirismo, vejamos as mais usuais segundo Suely Caldas Schubert.<sup>241</sup>

Existem os Espíritos que são muito *apegados às sensações materiais* e que seguem, conquanto desencarnados, buscando as sensações que vivenciavam quando estavam na matéria física, não conseguindo delas se desligar. Por isso, buscam os encarnados que com eles sintonizam para lhes sugar as energias respectivas, mantendo assim os vícios e as paixões desenfreadas.

Outra forma de vampirismo decorre do *sentimento de ódio e de vingança* que alguns Espíritos têm, quando então vampirizam suas vítimas para que, por meio da absorção constante de suas energias vitais, ampliem o controle sobre o obsidiado, por ficar ele enfraquecido energeticamente. Quanto mais fraco

estiver, mais domínio os obsessores obtêm.

Há, também, a parasitose *inconsciente*, quando Espíritos desencarnados, por conta do excessivo apego aos seres amados que ficaram na Terra, a eles se ligam e lhes prejudicam, mesmo sem saber e querer. Em função da fragilidade espiritual em que se encontram, acabam absorvendo as energias dos familiares amados e os enfraquecendo. Não têm consciência do processo de vampirismo que exercem, embora alguns consigam perceber a debilidade que se instala nos familiares.

O vampirismo pode dar-se também *entre encarnados*. Há pessoas que estão constantemente sugando as energias do próximo, os queixais acabam por se deixar dominar. Todas as vezes que uma pessoa é controlada por outra, cuja motivação pode ser diversa para cada situação, estamos diante de um parasitismo, mesmo que disso não se deem conta os seus protagonistas. Para melhor exemplificarmos este tipo de vampirismo, citemos José Herculano Pires:

Na vida material como na vida espiritual o vampirismo é um processo comum e universal do relacionamento afetivo e mental das criaturas. É vampiro o sacerdote que fanatiza um crente e o submete às suas exigências para explorá-lo com a promessa do Céu, como é vampiro o demagogo político que fascina os adeptos de suas ideias e os leva ao sacrifício inútil e brutal da revolta e do terrorismo. É vampiro o espírita ou o médium que fascina os ingênuos com a falsificação de poderes que não possui, revelando-lhes supostas reencarnações deslumbrantes e conduzindo-os ao delírio das suas ambições de grandeza.<sup>242</sup>

E continua o autor na sua descrição:

É vampiro o negociista esperto que suga as economias de seus clientes com falsas promessas para um futuro improvável. É vampiro o galanteador donjuanesco que se apossa da afeição das mulheres inseguras para explorá-las. É vampiro o alcoólatra ou o

toxicômano que semeia desgraça em seu redor. É vampiro o Espírito sagaz ou vingativo que suga as energias das criaturas humanas e subjuga outros Espíritos para agir na conquista e dominação de outras, e assim por diante, na imensa e variada pauta do vampirismo material e espiritual.<sup>243</sup>

Podemos identificar, ainda, além dos casos mencionados por Suely Caldas, o vampirismo recíproco, quando ambos os Espíritos envolvidos se alimentam dos fluidos doentes do seu companheiro, de forma mútua, constante e, não raro, inconsciente.

Recordemos novamente o caso relatado em “Nos Domínios da Mediunidade”. Homem desencarnado e mulher encarnada vivem em regime de “escravidão mútua”, nutrindo-se da emanção fluídica um do outro. Ela, após buscar auxílio em trabalho de desobsessão promovido num centro espírita, consegue o afastamento temporário do Espírito obsessor. Todavia, após ser o Espírito desencarnado retirado, ela mesma foi procurá-lo em desdobramento pelo sono, reclamando-lhe a presença. “Temem a separação, pelos hábitos cristalizados em que se associam, segundo os princípios da afinidade, e daí surgem os impedimentos para a dupla recuperação”.<sup>244</sup>

Adentremos agora nas causas efetivas a desencadear o processo de vampirismo ou parasitose espiritual: 1) desregramentos emocionais; 2) glotonaria; 3) excessos alcoólicos; 4) fumo e; 5) desvios sexuais. Os desregramentos emocionais de qualquer jaez, como a tristeza, a raiva, o medo, entre outros, são portas abertas para a obsessão e, naturalmente, para a vampirização. Espíritos que não conseguem equilibrar seus sentimentos e emoções tornam-se presas fáceis de outros na mesma faixa vibratória.

É importante compreendermos que quando as emoções inferiores nos dominam, criamos miasmas mentais inferiores, é dizer, larvas espirituais que se tornam o alimento preferido do hospedeiro, as entidades infelizes. Tais larvas mentais contaminam o ambiente, formando nuvens carregadas de magnetismo negativo.

Na análise de algumas destas situações, exemplificaremos com casos trazidos pelo Espírito André Luiz na obra “Missionários da Luz”. No caso da glotonaria, observam uma mulher simpática e idosa que desenvolve a mediunidade de psicofonia. Ela emanava fraquíssima luz de sua organização mental e notaram, desde o primeiro momento, deformações físicas. Dentre as observações de André Luiz, destaca que estômago estava terrivelmente dilatado e o fígado, consideravelmente aumentado, demonstrava indefinível agitação.

Além disso, desde o duodeno à sigmoide, verificava existir grande anomalia. “Guardava a ideia de presenciar não o trabalho de um aparelho digestivo usual, e sim, de vasto alambique gorduroso, cheirando a vinagre de condimentação ativa”. O comentário que nos deixa admirados é quando destaca:

Em grande zona do ventre superlotado de alimentação, viam-se parasitos conhecidos, mas além deles, divisava outros corpúsculos semelhantes a lesmas voracíssimas que se agrupavam em grandes colônias desde os músculos e as fibras do estômago até a válvula ileocecal. Semelhantes parasitos atacavam os sucos nutritivos, com assombroso potencial de destruição.<sup>245</sup>

Vemos na obra citada, também, um caso de vampirismo por excessos alcoólicos. Era um homem maduro, médium e que estava num processo de desenvolvimento da mediunidade de psicografia. A descrição do Espírito André dá-nos uma ideia exata da pobre condição daquele homem, asseverando:

O aparelho gastrintestinal parecia totalmente ensopado em aguardente, porquanto essa substância invadia todos os escaninhos do estômago e, começando a fazer-se sentir nas paredes do esôfago, manifestava a sua influência até no bolo fecal. Espantava-me o fígado enorme. Pequenas figuras horripilantes postavam-se, vorazes, ao longo da veia horta,

lutando desesperadamente com os elementos sanguíneos mais novos. Toda a estrutura do órgão se mantinha alterada.<sup>246</sup>

O benfeitor Alexandre, ao tecer considerações sobre o caso deste senhor, destaca que larvas destruidoras acabam destruindo as células hepáticas, causando alterações gravíssimas em todo o sistema nervoso da criatura. Outro exemplo de vampirismo apresentado no livro em questão, agora na área do sexo, é de um rapaz que tentava o desenvolvimento mediúnico. Embora casado há oito meses, tinha forte atração por ambientes de sexo desregrado, tornando-se ponto de atração de entidades espirituais vampirizadoras. O Espírito André Luiz observa:

As glândulas geradoras emitiam fraquíssima luminosidade que parecia abafada por aluviões de corpúsculos negros, a se caracterizarem por espantosa mobilidade. Começavam a movimentação sob a bexiga urinária e vibravam ao longo de todo o cordão espermático, formando colônias compactas nas vesículas seminais, na próstata, nas massas mucosas uretrais, invadiam os canais seminíferos, e lutavam com as células sexuais, aniquilando-as. As mais vigorosas daquelas feras microscópicas, situavam-se no epidídimo, onde absorviam, famélicas, os embriões delicados da vida orgânica. Estava assombrado. Que significava aquele acervo de pequeninos seres escuros?<sup>247</sup>

Mais uma vez o nobre Espírito Alexandre traz suas lúcidas considerações que, pela importância, cabe também trazer à baila. Diz o benfeitor:

São bacilos psíquicos da tortura sexual, produzido pela sede febril de prazeres inferiores. [...] Têm sido cultivados por este companheiro não só pela incontinência no domínio das emoções próprias, através de experiências sexuais variadas, senão também pelo contato com entidades grosseiras, que se afinizam com as predileções dele, entidades que visitam com frequência, à maneira de imperceptíveis vampiros.<sup>248</sup>

Sobre a temática, vale ressaltar viver o plano inferior das vibrações baixas emitidas pelos encarnados, fluidos esses facilmente encontrados nos motéis. Ali, a atmosfera fluídica é carregada de luxúria e perversão, fornecendo grande carga de energia deletéria aos Espíritos viciados em sexo, encarnados e desencarnados. Nesses ambientes, há grande número de Espíritos vampirizadores esperando, ansiosos, para se alimentarem das forças sexuais emitidas e saciarem seus desejos infelizes.

## 65. O que é parasitismo espiritual por ovoides?

Antes de adentrarmos nas especificidades deste tipo de vampirismo, teceremos rápidas considerações sobre a personalidade dos chamados vampiros espirituais. Consideramos que será de grande valia para uma melhor compreensão da questão.

Podemos dizer que vampiro é “toda entidade ociosa que se vale, indebitamente, das possibilidades alheias e, em se tratando de vampiros que visitam os encarnados, é necessário reconhecer que eles atendem aos sinistros propósitos a qualquer hora, desde que encontrem guarida no estojo de carne dos homens”.<sup>249</sup> Deste modo, há variadas formas de se utilizar o vampirismo para prejudicar o próximo, sendo tais mecanismos constantemente utilizados por entidades trevosas e sem escrúpulos, desde que alcancem seus objetivos nefastos.

Pois bem. Uma forma de obsidiar gravemente outros Espíritos é o que designamos de obsessão por ovoides. São Espíritos desencarnados que tiveram sua forma perispiritual completamente deformada, reduzida a uma condição ovalar por conta de desequilíbrios vários e, como tal, são utilizados por outros Espíritos maléficos. Os ovoides são imantados às vítimas de vampirismo, em várias partes do corpo, passando a sugar-lhes fortemente as energias vitais. Ao

mesmo tempo que absorvem os fluidos, estimulam o obsidiado à prática das ações desequilibrantes.

Os Espíritos, para que tenham sua forma perispiritual reduzida à condição de ovoide, ficam antes constantemente envolvidos e influenciados por ideias de vingança e de perseguição. A fixação de suas mentes em propósitos inferiores os faz perder a forma perispiritual humana. Esses pensamentos repetem-se tanto que os órgãos perispiríticos começam a se retrair, por falta de função, quando então passam a apresentar a forma de ovoides.

Nesta condição, são acoplados a um hospedeiro, pessoas também repletas de sentimentos desequilibrados como culpa, remorso, egoísmo etc., que aceitam facilmente a presença do parasita espiritual. Em “Libertação” encontramos mais esclarecimentos sobre o processo de ovoidização, informando-nos que

os ignorantes e os maus, os transviados e os criminosos também perdem, um dia, a forma perispiritual. Pela densidade da mente, saturada de impulsos inferiores, não conseguem elevar-se e gravitam em derredor das paixões absorventes que por muitos anos elegeram em centro de interesses fundamentais.<sup>250</sup>

Nesta condição, para que possam se vitalizar e manter os apetites grosseiros em que viviam, imantam-se em outros Espíritos que lhes ofereçam campo mental. Exatamente por isso os Espíritos ovoides são cuidadosamente guardados por entidades trevosas do submundo espiritual, que os utilizam para agravar o processo obsessivo. Vinculando tais formas à aura dos obsidiados, obtêm seu completo enfraquecimento energético. Sobre a imantação e a absorção da vitalidade do homem pelo ovoide, vejamos outro trecho de “Libertação”:

A vampirização era incessante. As energias usuais do corpo pareciam transportadas às

“formas ovoides”, que se alimentavam delas, automaticamente, num movimento indefinível de sucção.<sup>251</sup>

Como se pode concluir, enquanto não houver a transformação moral da criatura vampirizada, a cura não se operará. A arma fundamental de combate ao vampirismo é a reforma do ser, melhorando seu campo eletromagnético e suas emissões fluídicas. Qualquer influência espiritual negativa pode ser combatida através do serviço no bem e da prática do amor ao próximo. A oração, obviamente, é o melhor antídoto do vampirismo, pois a prece é vibração, energia e poder, propiciando ao indivíduo um estado psíquico de conexão com as fontes superiores da vida.

Finalizemos a temática com as sábias orientações do instrutor espiritual Dias da Cruz, mediante psicografia de Francisco Cândido Xavier, quando afirma ser imperativo o uso dos antissépticos do Evangelho para garantir a higiene mental e psíquica e vencer a parasitose mental. Diz o autor espiritual:

Bondade para com todos, trabalho incansável no bem, otimismo operante, dever irrepreensivelmente cumprido, sinceridade, boa vontade, esquecimento integral das ofensas recebidas e fraternidade simples e pura, constituem sustentáculo de nossa saúde espiritual. [...] Procurando, pois, o Senhor e aqueles que o seguem valorosamente, pela reta conduta de cristãos leais ao Cristo, vacinemos nossas almas contra as flagelações externas ou internas da parasitose mental.<sup>252</sup>

---

<sup>192</sup>. KARDEC, Allan. *A Gênese*. 53 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 268.

<sup>193</sup>. MIRANDA, Manoel Philomeno. *Grilhões partidos*. [s.l.]: Luz Espírita, 2008. p. 14.

<sup>194</sup>. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 354.

<sup>195</sup>. *Id.* *A Gênese*. 53 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 268.

<sup>196</sup>. *Id.*, *Ibid.* p. 270.

<sup>197</sup>. MIRANDA, Manoel Philomeno. *Grilhões partidos*. [s.l.]: Luz Espírita, 2008. p. 05.

<sup>198</sup>. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 358.

<sup>199</sup>. *Id.*, *Ibid.* p. 354.

<sup>200</sup>. *Id.*, *ibid.* p. 355.

<sup>201</sup>. *Id.*, *Ibid.* p. 356.

202. *Id., ibid.*
203. *Id., ibid.* p. 357.
204. *Id., ibid.* p. 358.
205. *Id., ibid.*
206. *Id. A Gênese.* 53 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 270.
207. *Id., ibid.*
208. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade.* Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita. 2011. p. 115.
209. *Id., ibid.* p. 70.
210. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns.* 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 363.
211. *Id., ibid.* p. 363.
212. XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a Terra e o Céu.* Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, [2013?]. p. 31.
213. *Id. Seara dos Médiuns.* Pelo Espírito Emmanuel. [s.l.]:Luz Espírita, 2009. p. 48.
214. SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão e Desobsessão.* [s.l.]: Luz Espírita, 2008. p. 26.
215. XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos Espíritos.* Pelo Espírito Emmanuel. [s.l.]: Luz Espírita, 2016. p. 56.
216. SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão e Desobsessão.* [s.l.]: Luz Espírita, 2008. p. 34.
217. FRANCO, Divaldo Pereira. *Nos bastidores da obsessão.* Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. [s.l.]: FEB, 2016. p. 23.
218. KARDEC, Allan. *Obras Póstumas.* Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 84.
219. Apostila. *Mediunidade: Estudo e Prática – programa 1.* Organizadora Marta Antunes de Oliveira. FEB, 2014. p. 193.
220. XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação.* Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB. [2013?]. p. 112.
221. *Id., ibid.* p. 113.
222. SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão e Desobsessão.* [s.l.]: Luz Espírita, 2008. p. 69.
223. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos.* 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 909. p. 403.
224. *Id. A Gênese.* 53 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 269.
225. *Id. O Livro dos Médiuns.* 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 367.
226. *Id., ibid.* p. 368.
227. REVISTA Espírita, 1864. Janeiro. *Um caso de possessão.* Disponível em: <<https://bit.ly/2ZJwCIS>>  
Acesso em: 29 abr. 2019.
228. KARDEC, Allan. *A Gênese.* 53 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 269.
229. *Id., ibid.*
230. *Id., ibid.* p. 269.
231. *Id. O Livro dos Espíritos.* 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 845. p. 202.
232. O LIVRO dos Espíritos comentado pelo Espírito Miramez. Disponível em:  
<<https://bit.ly/2v6XC0v>>. Acesso em: 17 abr. 2019.
233. SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão e Desobsessão.* [s.l.]: Luz Espírita, 2008. p. 34.
234. *Id., ibid.* p. 35.

235. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 131 ed. Brasília: FEB, 2013. p. 140.
236. REVISTA Espírita, 1869. Janeiro. *Suicídio por obsessão*. Disponível em: <<https://bit.ly/2GrErEU>>. Acesso em: 17 abr. 2019.
237. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. Brasília: FEB, 2013. Q. 887. p. 393.
238. XAVIER, Francisco Cândido. *Estudando a mediunidade*. Pelo Espírito Martins Peralva. [s.l.]: FEB, [2009?]. p. 99.
239. SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão e Desobsessão*. [s.l.]: Luz Espírita, 2008. p. 55.
240. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: L. Neilmoris, 2008. p. 73.
241. SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão e Desobsessão*. [s.l.]: Luz Espírita, 2008. p. 54
242. PIRES, José Herculano. *Vampirismo*. [s.l.]: Luz Espírita, 2011. p. 13.
243. *Id., ibid.*
244. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade*. Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita. 2011. p. 70.
245. *Id. Missionários da Luz*. Pelo Espírito André Luiz. [s.l.]: Luz Espírita, 2018. p. 23.
246. *Id., Ibid.* p. 22.
247. *Id., ibid.* p. 21.
248. *Id., Ibid.* p. 22.
249. *Id., ibid.* p. 27.
250. *Id. Liberação*. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB. [2013?]. p. 83.
251. *Id., ibid.* p. 112.
252. *Id. Instruções Psicofônicas*. Por Espíritos diversos. [s.l.]: Luz Espírita, 2013. p. 100.

# Considerações Finais



Queridos amigos, é com muita alegria que finalizamos mais um livro da série “Conhecendo o Espiritismo”. Desde a primeira obra esforçamo-nos para que todas as pessoas, mesmo as que nunca tivessem tido qualquer contato preliminar com o Espiritismo conseguissem compreender os temas.

Após apresentarmos, nos quatro primeiros livros da série, considerações introdutórias sobre os temas considerados fundamentais da Doutrina Espírita, desenvolveremos nos próximos um aprofundamento dos assuntos até aqui abordados, ensejando ao leitor adquirir um conhecimento mais completo e sólido do Espiritismo.

Rogamos ao Pai que nos dê saúde, ânimo e fé para continuar neste projeto que muito nos honra.

Até breve.



Esta edição eletrônica foi diagramada na Editora EME  
(19) 3491-7000, Capivari-SP. O texto foi composto em  
Book Antiqua e os títulos em Trajan.

Julho 2020